UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

TERESINHA GEMA LINS BRANDÃO CHAVES

Fala Natureza! Teu intérprete te escuta!

(Literatura e meio ambiente em Guimarães Rosa)

São Paulo
2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Fala Natureza! Teu intérprete te escuta!

(Literatura e meio ambiente em Guimarães Rosa)

TERESINHA GEMA LINS BRANDÃO CHAVES

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Título de Doutora em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Marli de Oliveira Fantini Scarpelli

São Paulo
20l0

Nome: CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. **Fala Natureza! Teu intérprete te escuta! (**Literatura e Meio ambiente em Guimarães Rosa). Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura:_____

Prof. Dr. _____ _____Instituição: _____

Julgamento: _____Assinatura:_____

A Raphael, João Marcos, Mariana, meus queridos filhos.

A Tarcísio, meu marido.

"Seguramente Deus m'os deu antes mesmo do nascimento".

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à amiga e orientadora Marli Fantini Scarpelli. São tantas as razões. Não caberiam aqui. Portanto, deixemos que Deus e o tempo as revelem.

A Benjamin Abdala, por nos ter aberto as portas da USP. O encantamento com suas primeiras aulas e a compreensão da forma poética do "fazer desejar" do mito do *voo de Icaro* nos abriram outros caminhos.

À Fabiana Carelli, pela amizade, pelo incentivo e ideias apresentadas durante o estágio PAE e a Qualificação. Pelo carinho com que me ajudou a conhecer São Paulo.

À CAPES agradeço a bolsa de doutorado, com a qual pude participar em 2007, de Congresso Internacional, no Porto (Portugal). Nosso trabalho, escolhido para compor o livro *Women in the Portuguese Colonial Empire: the theatre of shadows,* da Cambridge Scholars Publishing nos abriu outras oportunidades de publicação no exterior, levando a Natureza e a Literatura do Brasil por aí afora...

Agradeço aos professores da UFMG, Dilma Castelo Branco Diniz, Graciella Ravetti, Jacyntho e Graça Lins Brandão (meus irmãos) o incentivo e apoio. Ao meu irmão Domingos, pelas pilhas de livros desprendidamente emprestados. Ao meu irmão Messias pelas traduções do inglês. A minha irmã Marisa pelas aulas de italiano, tão importantes para nossa aprovação.

Aos professores e funcionários da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e de outras áreas da pós-graduação da USP, com os quais cursei disciplinas – Sandra Nitrini, da Literatura Comparada, Jurandyr Luciano Ross, da Geografia, Pedro Jacobi,

da Interunidade em Ciência Ambiental, ao Professor Wagner Ribeiro, pelo exemplo de coragem e luta em defesa do meio ambiente e aos professores do Centro de Línguas (Ana Silvia-Inglês, Daniela-Francês), do Alemão no Campus (Flávia e Adilson), a todos, por tudo, meu muito obrigada!

Agradeço, ainda, à minha mãe e às "tias" pelas orações, sobretudo durante os dois anos de viagens semanais de ônibus, nas madrugadas, entre São Paulo e Minas. À Professora Vanda Drumond da FEMM pelos primeiros incentivos e à jovem amiga Mariana (Mary), por suas criativas ilustrações.

RESUMO

CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. **Fala Natureza! Teu intérprete te escuta! (**Literatura e meio ambiente em Guimarães Rosa). 2010. 203 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

"A crise ambiental é a crise de nosso tempo" reconhece Enrique Leff, para quem a construção de um saber ambiental deve estar centrada no pensamento e no ser, no encontro de racionalidades e identidades, na abertura do saber à diversidade, no questionamento da historicidade da verdade, na utopia e na articulação das ciências com as diferentes significações culturais designadas à natureza. Diante desse propósito, a literatura se apresenta como instrumento para se pensar a complexidade ambiental. Nas fronteiras fluídas do ético e do estético, do espaço privado e do público, da arte e das ciências, do ficcional e do real, o texto literário evidencia a relação da sociedade com seu meio ambiente. É o que se constata na produção literária de João Guimarães Rosa, escritor mineiro, para o qual escrever sobre a natureza tem o sentido de missão, de "vocação superior" (virtude atribuída por Antonio Candido aos poetas). Sendo um autor que tinha consciência das "grandes responsabilidades que um escritor assume," através da imaginação, do resgate da história, da pesquisa e da indagação, Rosa encontra na natureza do sertão a inspiração que vai permitir fluir em sua obra as leis da natureza e dos homens, o saber popular e o erudito, o mitopoético e o prático, o passado e o presente, a ciência e a arte. Uma complexidade que emerge como resposta da própria natureza frente à sua degradação.

Dentro dessa perspectiva, propomos percorrer o itinerário de Guimarães Rosa em seu trabalho missionário de "intérprete" da natureza e de reler seu discurso à luz do pensamento de Leff sobre a complexidade ambiental. Nesse trajeto se delineiam os traços do poeta que apreende, compreende e internaliza as questões ambientais e se reconhece a sua obra, como precursora do discurso ambientalista e referência literária para a construção dos pilares da nova racionalidade ambiental.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Enrique Leff, Literatura, tradução, meio ambiente.

ABSTRACT

CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão chaves. **Speak Nature! Your interpreter listens to you!** (The environmental subject in Guimarães Rosa), 2010. 203 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humans. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Enrique Leff admits that "the environmental crisis is the crisis of our time". He believes that the building up of an environmental culture has to be focused on thought and being, on the meeting of rationality and identity, on the openness to diversity, on the questioning of the historicity of truth, on utopia and the articulation of the sciences with the different cultural meanings designated in nature.

In face of this objective, literature presents itself as an instrument to contemplate environmental complexity. On the fluid boundaries of ethics and aesthetics, of private and public space, of arts and sciences, of the fictional and the real, the literary text is a witness to the relationship of society with its environment. This can be seen in the literary work of João Gumarães Rosa, writer from Minas Gerais State, whose writings on nature have the sense of mission, of a "superior vocation" (a virtue attributed by Antonio Candido to poets). As an author who is aware of the "great responsibilities that a writer assumes," by means of imagination, the redeeming of history, research and inquiry, Rosa finds in the nature of the hinterland the inspiration that will allow to flow from his work the laws of nature and men, popular and scholarly wisdom, the poetic myth and the practical, the past and present as well as science and art. It is a complexity that emerges as nature's response in face of its own degradation.

From this perspective, we propose to explore the itinerary of Guimarães Rosa in his missionary work as nature's "interpreter" and to reread his discourse in the light of Leff's thoughts on environmental complexity. In this journey are traced the traits of the poet who learns, understands and internalises environmental questions and acknowledges them in his work, as a pioneer of the environmentalist discourse and literary reference for building the pillars of a new environmental reasoning.

Keywords: Guimarães Rosa, Enrique Leff, literature, translation, environment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**
"EM SE PLANTANDO TUDO DÁ" **23**
FAZENDO A ROTAÇÃO ENTRE CULTURAS **25**
1 VIAJANTE DENTRO DE SI MESMO **30**
1.1 "Bobagens biográficas" **31**
1.1.1 A "complexificação" do tempo **34**
1.1.2 A "complexificação" das identidades e do ser **39**
1.1.3 A "complexificação" do real e do pensamento **46**
1.1.4 Nas trilhas do pensar e atuar no mundo **55**

2 TRADUZINDO A NATUREZA **61**
2.1 Memórias da criação: Natureza e linguagem **62**
2.2 Memórias da Natureza: criações e traduções **71**
2.2.1 A Idade Moderna: "Idade da Máquina" **72**
2.3 O pensamento científico, as letras e o "salto mortal" da razão **76**
2.4 O Romantismo e o despertar da questão ambiental **80**
2.5 O "discorso universal interior" e "a tarefa do tradutor" **85**

3 "DA INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA" **88**
3.1 Literatura e história nas viagens filosóficas de Portugal pelo Brasil **90**
3.1.1 Vandelli e a História Natural Lusitana: o a(s)cender das Luzes **91**
3.1.2 O "recado do morro": a Natureza carregada de sentidos **96**

4 FALA NATUREZA! TEU INTÉRPRETE TE ESCUTA! **103**
4.1 A "obra de Deus" e seu tradutor Guimarães Rosa **104**
4.1.1 O "*abc*" da natureza, o dicionário e a gramática **106**
4.2 Das cadernetas para as letras: "Corpo de baile" e "Grande sertão: veredas" **114**
4.3 Paisagens traduzidas: "Gerais" **115**
4.3.1 O olhar menino: Miguilim **118**
4.3.2 O olhar (con)sabido, o olhar (res)sabido:Lélio e Lina, "Dão-Lalalão" e "Buriti" **131**

4.4 Para além das paisagens: “Parábase” 155
4.4.1 “Uma estória de amor” e as águas: a longa lição 156
4.4.2 “Cara-de-bronze” e a degradação do cerrado: o julgamento 165
4.4.3 “O recado do morro” e os desastres ambientais: o alerta 174
4.4.4 “Grande sertão: veredas”e o aquecimento global: o limite 180

REFERÊNCIAS 192

Primeiro discurso de Deus

Então, do seio da tempestade, o Senhor deu a Jó esta resposta:

Quem é aquele que obscurece assim a Providência
com discursos sem inteligência?
Cinge os teus rins como um homem;
vou interrogar-te e tu me responderás.
Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra?
Fala, se estiveres informado disso.
Quem lhe tomou as medidas, já que o sabes?
Quem sobre ela estendeu o cordel?
Sobre que repousam suas bases?
Quem colocou nela a pedra de ângulo,
sob os alegres concertos dos astros da manhã,
sob as aclamações de todos os filhos de Deus?
Quem fechou com portas o mar,
Quando brotou do seio maternal,
quando lhe dei as nuvens por vestimenta,
e o enfaixava com névoas tenebrosas;
quando lhe tracei limites,
e lhe pus portas e ferrolhos,
dizendo: "Chegarás até aqui, não irás mais longe;
aqui se deterá o orgulho de tuas ondas?

Algum dia na vida deste ordens à manhã?
Indicaste à aurora o seu lugar,
para que ela alcançasse as extremidades da terra,
e dela sacudisse os maus,
para que ela tome forma como a argila de sinete
e tome cor como um vestido,
para que seja recusada aos maus a sua luz,

e sejam quebrados seus braços já erguidos?
Fostes até as fontes do mar?
Passaste até o fundo do abismo?
Apareceram-te, porventura, as portas da morte?
Viste, por acaso, as portas da tenebrosa morada?
Abraçaste com o olhar a extensão da terra?
Fala, se sabes tudo isso!
Qual é o caminho da morada luminosa?
Onde é a residência das trevas?
Poderias alcançá-la em seu domínio,
e reconhecer as veredas de sua morada?
Deverias sabê-lo, pois já tinhas nascido:
são tão numerosos os teus dias!
Penetraste nos depósitos da neve?
Visitaste os armazéns dos granizos,
que reservo para os tempos de tormento,
para os dias de luta e de batalha?
Por que caminho se espalha o nevoeiro,
e o vento do oriente se expande pela terra?
Quem abre um canal para os aguaceiros,
e uma rota para o relâmpago,
para fazer chover sobre uma terra desabitada,
sobre um deserto sem seres humanos,
para regar regiões vastas e desoladas,
para nelas fazer germinar a erva verdejante?
Terá a chuva um pai?
Quem gera as gotas do orvalho?
De que seio sai o gelo?
Quem engendra a geada do céu,
quando endurecem as águas como a pedra,
e se torna sólida a superfície do abismo?
És tu que atas os laços das Plêiades,
ou que desatas as correntes do Órion?
És tu que fazes sair a seu tempo constelações,

e conduzes a Grande Ursa com seus filhinhos?
Conheces as leis do céu,
regulas sua influência sobre a terra?
Levantarás a tua voz até as nuvens,
e o dilúvio te obedecerá?
Tua ordem fará os relâmpagos surgirem,
E dir-te-ão eles: "Eis-nos aqui"?
Quem pôs a sabedoria nas nuvens,
e a inteligência no meteoro?
Quem pode enumerar as nuvens,
e inclinar as urnas do céu,
para que a poeira se mova em massa compacta,
e os seus torrões se aglomerem?
És tu que caças a presa para a leoa,
e que satisfazes a fome dos leõezinhos
quando estão deitados em seus covis,
ou quando se emboscam nas covas?
Quem prepara ao corvo o seu sustento,
quando seus filhinhos gritam para Deus,
quando andam de um lado para outro sem comida?

Conheces o tempo em que as cabras monteses dão à luz nos rochedos?
Observaste o parto das corsas?
Contaste os meses de sua gravidez,
e sabes o tempo de seu parto?
Elas se abaixam e dão cria,
E se livram de suas dores.
Seus filhos tornam-se fortes e crescem nos campos,
apartam-se delas e não voltam mais.
Quem pôs o asno em liberdade,
quem rompeu os laços do burro selvagem?
Dei-lhe o deserto por morada,
A planície salgada como lugar de habitação;
ele ri-se do tumulto da cidade,

não escuta os gritos do cocheiro,

explora as montanhas, sua pastagem,

e nela anda buscando tudo o que está verde.

[...]

És tu que dás o vigor ao cavalo,

e foste tu que enfeitaste seu pescoço com uma crina ondulante?

Que o fazes saltar como um gafanhoto,

relinchando terrivelmente?

[...]

É graças à tua sabedoria que o falcão alça vôo,

e desdobra suas asas em direção ao meio-dia?

É por tua ordem que a águia levanta vôo,

e faz seu ninho nas alturas?

Ela habita o rochedo, e nele passa a noite,

sobre a ponta rochosa e cimo escarpado.

De lá espia sua presa,

seus olhos penetram as distancias.

Seus filhinhos se alimentam de sangue;

onde quer que haja cadáveres, ali está ela.

O Senhor, dirigindo-se a Jó, lhe disse:

Aquele que disputa com o Todo-poderoso apresente suas críticas!

Aquele que discute com Deus responda!

Jó, 38, 39, 1 – 32

INTRODUÇÃO

Primeira resposta de Jó

Jó respondeu ao Senhor nestes termos:
Leviano como sou, que posso responder-te?
Ponho minha mão na boca;
falei uma vez, não repetirei,
duas vezes... nada acrescentarei.
Jó, 39, 33 – 35

No outono norueguês de 2004, enquanto os tradicionais ventos amenos da Corrente do Golfo[1] sopravam em direção a Oslo, no Comitê do Prêmio Nobel da Paz, uma tormenta se formava. O anúncio do nome de Wangari Maathai,[2] ambientalista queniana, como vencedora do prêmio, provocara intensa agitação. Divididas as opiniões, de um lado os ambientalistas aplaudiram o importante serviço que o Nobel prestava à sociedade, ao destacar a questão ambiental como prioritária para a paz. Por outro lado, conforme se noticiou, o comitê enfrentou resistências e contrariou posições dos segmentos que insistiam em "critérios baseados em outro paradigma e visão de mundo, na qual os aspectos militares, políticos, de conflitos e de segurança são percebidos como se estivessem desvinculados da base ecológica que os sustenta" (RIBEIRO, 2004).

Dois meses após o impasse, a "tormenta de Oslo" se materializa, levando a toda parte do mundo a questão ambiental. Na madrugada do dia 26 de dezembro as placas tectônicas do Oceano Índico se dividem, provocando maremotos, que arrasam países costeiros da Ásia e África. Milhares de mortos, feridos e desabrigados.

O tsunami de 2004, provocado pelo mais poderoso terremoto registrado em mais de quarenta anos, foi um evento particularmente destrutivo e intolerante. Atingiu áreas populosas de países pobres e áreas praianas repletas de turistas em plena temporada de férias. A força das águas arrancou milhares de pessoas de seus lares pobres e outras tantas de seus hotéis de luxo. Em abrigos comuns aguardaram o socorro, em valas comuns sepultaram os mortos.

---

[1] Corrente marítima potente, rápida e quente do oceano Atlântico que tem origem no Golfo do México estendendo-se até a Europa, amenizando as baixas temperaturas dos países do noroeste deste continente. Cf. **Corrente do Golfo**. http://pt.wikipedia.org/wiki/Corrente do Golfo. Acesso em: 30 out 2009.

[2] Fundadora do GBM (Movimento Cinturão Verde) organização que luta contra o desflorestamento e destruição de bosques na África. Num período de quase trinta anos mobilizou mulheres pobres na plantação de 30 milhões de árvores. Cf. Nota de imprensa emitida em Oslo 8 de outubro de 2004. http:// www.universia.es/html. Acesso em 21 out 2009.

Naquele dezembro, os "ventos amenos"[3] não sopraram sobre Oslo. Naquele dezembro, a terra, também, se dividiu. Naquele dezembro, a natureza atormentada reagiu.

A natureza escuta? A natureza julga? A natureza fala?

Infinitos são os mistérios que envolvem a natureza. Para desvendá-los, o homem recorre à Ciência ou se dirige ao seu próprio coração e à sua imaginação. No que se refere às manifestações naturais, ele, com a ajuda da Ciência, busca continuamente avanços na previsão de fenômenos e na prevenção de catástrofes. Pelos caminhos da arte, ele se deixa guiar pelo desejo de conhecer uma infinidade de significados de um mundo a ser desvendado. O artista, afirma Guimarães Rosa (LEITE, 1987, p.175), "movido por intuição mais acesa, captura a informe e esdrúxula mensagem [da natureza] sob a forma de inspiração poética, ordenando-a em arte e restituindo-lhe o oculto sentido". Assim nascem certas criações literárias. Nelas é possível se lidar com a sensibilidade dos seres naturais e se disseminar a comunicação entre eles. Na novela "O recado do morro", do livro **No Urubuquaquá, no Pinhém**, de Guimarães Rosa, por exemplo, encontramos uma resposta perturbadora para um tremor terrestre, que pode ser resgatada sob os escombros da "tormenta de Oslo". Tendo como emblema o som emitido por um morro, perceptível apenas pelos "marginais da razão", a novela revela uma mensagem de valor universal, cujo sentido reside num alerta: a natureza escuta, a natureza julga, a natureza fala.

Porém, quem a escuta? Quem a interpreta? Quem, em nome dela, fala?

Segundo Edward Wilson (2008 apud BOFF, 2008, p. 18), não há dúvidas de que a inflexível revolução da natureza foi, em grande parte, provocada pelo próprio homem, que "se transformou numa verdadeira força geofísica destruidora." Apesar da temática ambiental

---

[33] O professor Peter Wadhams da Universidade de Cambridge afirma ter constatado os primeiros sinais de que a Corrente do Golfo está perdendo intensidade devido ao aquecimento global. O efeito, previsto por cientistas, pode alterar substancialmente o regime de temperaturas no noroeste da Europa. Cf. **Corrente do Golfo! Morte anunciada?** Aquecimento global já afeta Corrente do Golfo, diz professor britânico. Disponível em www.meteopt.com. Acesso em: 21 out 2009.

ocupar, atualmente, um vasto campo de pesquisas, Wilson alerta para o fato de que ela não depende apenas do acompanhamento científico, mas de uma "aliança pela vida", em que ciência e fé somem forças, desmontem preconceitos e construam valores que possam salvar a vida. Em seu livro **Epistemologia ambiental,** Enrique Leff chama a atenção para a gravidade do fato de que, pela primeira vez, a crise ecológica não constitui uma transformação natural, mas uma alteração da natureza "induzida pela concepção metafísica, filosófica, ética, científica e tecnológica do mundo" (LEFF, 2002, p. 194).

Leff, que tão bem dissecou a crise sócio-ambiental de nosso tempo, considera-a uma crise dos limites, do pensamento e acima de tudo do conhecimento. Conforme afirma, "o ambiente ultrapassa o campo do *logos* científico e abre um diálogo de saberes onde se confrontam diversas racionalidades e tradições". Isso posto, esclarece que o "ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes do conhecimento" (LEFF, 2002, p. 17).

Ao defender tal abrangência, o pesquisador pode postular a construção de um saber ambiental, centrado no pensamento e no ser, no encontro de racionalidades e identidades, na abertura à diversidade, no questionamento da historicidade da verdade e na articulação das ciências com as diferentes significações culturais designadas à natureza. Dessa forma alicerçado, é-lhe facultado traçar o caminho para se compreender a crise ambiental e para se "repensar a racionalidade ambiental a partir das condições do ser; não do homem em geral, mas do ser na cultura dos diferentes contextos nos quais codifica e significa a natureza, reconfigura suas identidades e fragua (sic) seus mundos de vida" (LEFF, 2002, p. 19).

Nesse sentido, abre-se o caminho para o diálogo da Literatura com o saber ambiental.

No que se refere à apreensão das formas naturais do mundo físico e moral, pela literatura, Antonio Candido (2006, p. 57) ilustra três atitudes estéticas possíveis:

> Ou a palavra é considerada algo maior que a natureza, capaz de sobrepor-lhe as suas formas próprias; ou é considerada menor que a natureza, incapaz de exprimi-la, abordando-a por tentativas fragmentárias; ou, finalmente, é considerada equivalente à natureza, capaz de criar um mundo de formas ideais que exprimam objetivamente o mundo das formas naturais. [...] O verbo literário encontra finalidade na equivalência ideal ao objeto, na plenitude duma interpenetração em que a realidade é a baliza do ato criador.

Na relação de equivalência natureza e palavra, o verbo literário mimetiza o princípio da Criação[4]. Num diálogo com Leff, diríamos que, por força de uma imaginação desenvolvida de observações diretas ou indiretas da realidade vivenciada no espaço, o "ser na cultura dos diferentes contextos", codifica e significa a natureza, sendo também, "intérprete" de sua oculta mensagem. Segundo Derrida (1991 apud FANTINI, 2003, p. 202) pela "tradição hermenêutica grega, só é dado ao mensageiro – o *hermeneús*, intérprete por excelência – captar e difundir o sopro criador da natureza, por extensão a voz reveladora dos deuses". Dessa forma, o mensageiro assumiria uma espécie de missão "de beleza, ou de justiça", como a que Candido (2006, p. 344) atribuiu aos poetas, "puramente espiritual, para uns, e social, para outros – para todos, a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior". Esse mesmo espírito missionário, observou Freitas (2002, p. 108), no perfil de viajantes naturalistas, "num lugar de passagem entre o mundo romântico do viajante e o mundo desencantado do cientista".

Seja em correspondência com o mensageiro grego, o poeta, o missionário, o viajante ou o naturalista, Guimarães Rosa abraçou essa missão. Como intérprete da natureza, através

---

[4] Segundo o *Gênesis*, depois de ter criado todas as coisas, Deus entregou a Adão a tarefa de nomeá-las. Para Walter Benjamin (1996, apud ZILBERMAN, 2001, p. 16), o feito de Adão é fundante e motivado, elegendo os vocábulos sugeridos pelas próprias coisas, como se ele entendesse a qualidade delas, expressa através do léxico.

da imaginação, da pesquisa e da indagação, o escritor mineiro encontra no sertão a relação de equivalência entre natureza e palavra bem como aquele entendimento que Leff entende enquanto "significado de uma racionalidade que integre os potenciais da natureza, os valores humanos e as identidades culturais em práticas produtivas sustentáveis " (LEFF, 2002, p. 203). Uma resposta, enfim, da própria natureza frente à degradação e à necessidade de expressão.

Dessa forma, o escritor vai sustentar valores que não aspiram ao alcance de um *status* de cientificidade, mas à promoção de "um diálogo entre ciência e saber, tradição e modernidade" (LEFF, 2002, p. 160), em textos em que as leis da natureza e as leis dos homens, o mitopoético e o prático, o ambiental e a arte se encontram e dialogam. Diálogo que implica a revalorização do conhecimento do homem sertanejo e de suas práticas tradicionais produzidas em harmonia com o mundo natural, inscrevendo-o no conjunto de atores culturais que "impulsiona[m] novas estratégias conceituais para construir uma nova racionalidade ambiental" (LEFF, 2002, p. 169).

Importa-nos neste trabalho fazer de tais premissas o mapa de percurso do itinerário de Guimarães Rosa em sua trajetória de "intérprete" da natureza. Importa-nos ademais reler seu discurso à luz do pensamento de Leff sobre a complexidade ambiental. Para tanto, buscou-se nesse projeto delinear os traços do poeta que apreende, compreende e internaliza as questões ambientais. Pode-se, desse modo, reconhecer a obra rosiana, como precursora do discurso ambientalista e como referência literária para a construção dos pilares da nova racionalidade ambiental.

Retornemos à novela "O recado do morro". Na narrativa de Rosa, são poucos os que dão importância à voz da natureza. Conforme Fantini (2003, p. 198) trata-se de "[m]ensagem que, depois de decodificada, encerra, no modo de intencionar sua forma poética, a clave de sua própria tradução, dotando-se nesse sentido, de um ideal de inteligibilidade universal". O

“troglodita” Gorgulho é quem primeiro apreende o recado, o qual, no seguir dos dias será retransmitido por um ou outro ser receptivo: “os ‘pobres de espírito’, os marginais da razão comum, os entes inofensivos, o artista, poeta, compositor, as simples criaturas de Deus”.[5]

No mundo veloz, materialista, poluído, desmatado, superaquecido, enfim, em total desequilíbrio com a natureza, como o de hoje, ainda são os pobres, os marginais, os inofensivos, “as simples criaturas de Deus” que ouvem o “sopro” da natureza: Chico Mendes, Irmã Dorothy Stang, Dom Luiz Flávio Cappio, os “caras-pintadas” do Green Peace, Wangari Maathai...

Na novela de Guimarães Rosa, o personagem Pedro Orósio é o guiador. “Abrindo passo muito extenso e ligeiro” (2001c, p. 29) é seguido pelos outros viajantes. Apesar da posição de guia e destinatário da mensagem é o último a entender “o importante e vital significado do ‘recado do morro”(LEITE, 1987, p. 175). Depois de ouvi-lo na forma de canção, “repetindo-a cantando-a (isto é, perfilhando-a no coração, na alma) [...] fica repentinamente alertado, desperta e reage” (LEITE, 1987, p. 175).

O desfecho nos leva à desanimadora conclusão de que, enquanto os “guias” das nações não despertarem, tormentas como as de 2004, bem como outras manifestações em defesa da natureza e da própria natureza vão provocar desentendimentos, divisões, catástrofes e muitas mortes.

[5] É o próprio autor que assim se refere aos personagens da novela, em carta ao Padre Boaventura Leite, pesquisador da “Matriz do Morro da Garça”. Segundo Fantini, Rosa recorre a “interpretações” de críticos, alegando que “o autor nem tem o direito de explicar uma estória sua já publicada” (apud FANTINI, 2003, p. 197-198).

“EM SE PLANTANDO TUDO DÁ”

> *Fez ele saber que, na sua opinião, aquele que conseguisse cultivar duas espigas ou dois molhos de capim onde anteriormente só um crescia seria um benfeitor da Humanidade.*
>
> **Swift**

Tendo como ferramenta balizadora a **Epistemologia ambiental** de Enrique Leff, revolvemos a terra para o plantio. Relendo os livros **Grande sertão: veredas** (1986) e **Corpo de baile** (1984a, 200lb, 2001c)**,** de Guimarães Rosa, ambos publicados em 1956, recolhemos as sementes. Umas traziam dissonantes vozes: a do colonizador e do colonizado, do naturalista brasileiro e do estrangeiro, do médico e do curador, do homem que domina a

natureza e a vincula às miríades da técnica e dos que têm a natureza como mestra e a vinculam às práticas culturais. Outras sementes nos chamaram especial atenção. Tinham um aspecto "documentário". Consultamos o tradutor italiano Edoardo Bizzarri (1980, p.81). Com ele encontramos Guimarães Rosa dizendo: "[...] o aspecto 'documentário' do livro [**Corpo de baile**] é apenas subsidiaríssimo, acessório, mais um 'mal necessário', mas jamais devendo predominar sobre o poético, o mágico, o *humor* e a transcendência metafísica". Voltamos às sementes. Notamos que estavam brilhantes. Magnetismo do sertão? Soubemos que elas eram capazes de provocar em alguns leitores o impulso alucinante de perseguir, de tatear e se envolver com o conjunto ficcional e documental da escrita rosiana.

E desse estímulo não escapamos! Além do envolvimento com as obras do escritor; com sua biblioteca particular[6] (com os segredos das marginálias); com as publicações sobre o escritor (em especial os trabalhos de nossa orientadora Profa. Marli de Oliveira Fantini Scarpelli), com as pistas recolhidas no Arquivo Guimarães Rosa, realizamos um trabalho de campo. Percorremos lugares do Centro-Oeste do Estado de Minas Gerais, circunscritos pelas regiões do Médio e Alto São Francisco. Lugares de matas, de cerrados, grandes fazendas, recantos de roças e ranchos, dos grandes rios como o Paraopeba e o São Francisco, de pequenos riachos. Lugares de veredas, de terras de cultura, das plantas que curam, dos bichos que "falam" e do homem que "teima" em ser sertanejo. Cada um desempenhando seu papel, "neste teatro de palcos múltiplos",[7] onde se encenam **Grande sertão: veredas** e **Corpo de baile.**[8]

---

[6] Conservada pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, onde também se encontra o Arquivo Guimarães Rosa.

[7] Epígrafe de Plotino que abre o livro *Noites do sertão* (ROSA, 2001a, p. 5).

[8]**Corpo de Baile**, livro de mais de 800 páginas, publicado em 1956, mesmo ano do lançamento de **Grande sertão: veredas,** compunha-se de dois volumes. Na segunda edição, de 1960, é lançado em volume único. A partir da terceira edição, a obra é dividida em três volumes distintos: **Manuelzão e Miguilim**, **No Urubuquaquá**, **no Pinhém** e **Noites do sertão**. É o próprio Guimarães Rosa, que , em carta ao tradutor Edoardo Bizzarri (1981, p. 79) expõe as razões das mudanças: "O **Corpo de Baile** vinha sendo prejudicado pelo "gigantismo" físico. A 1ª edição, em 2 volumes, unidos, pesava, já. Arranjamos então a 2ª num volume só, mas que teve de ser tipo minúsculo demais, composição cerrada. E o preço caro, além de não ficar o livro convidativo. Agora, pois, ele se tri-faz […]. Se bem que os livros se ofereçam independentes mantém-se, de

Lançamos as sementes. As ferramentas de Leff finalizaram o plantio. Com a nova racionalidade ambiental adubaram a terra. Buscamos na fonte de Rosa um pouco de utopia e... Poesia! Regamos as sementes.

Até a colheita, deixemos que a Natureza, com a sua sabedoria, se encarregue de tudo.

FAZENDO A ROTAÇÃO ENTRE CULTURAS

> *Observando o campo, aprenderá que não faz parte da ordem natural das coisas, praticar uma só cultura [...]*
>
> **John Seymour**

Poderíamos dizer que a primeira etapa de nossa pesquisa se iniciou há dezessete anos, durante nossa permanência, por três anos, numa pequena fazenda entre os municípios de Abaeté e Martinho Campos, região do Centro-Oeste de Minas Gerais (sub-região do Médio São Francisco). Acostumados com o conforto da capital, a princípio, a mudança dos padrões de vida de nossa família com filhos pequenos nos causou medo. Medo dos bichos, das tempestades sem para-raios, das noites muito escuras, do sol escaldante, dos carrapichos, dos altos capins cortantes, dos sons embaralhados do mato, do silêncio profundo, das queimadas, dos carvoeiros, dos largos rios, dos riachos sujos, da assistência médica precária, das estórias contadas e sua fantasmagoria. Mas o poder daquela terra povoou-nos a imaginação e passamos a descobrir a alma, "daquelas regiões de lugar e de viver" (ROSA, 2001-b, p. 134).

---

certo modo, a unidade entre eles" (1981, p. 79). Neste trabalho,optamos por buscar as referências de **Corpo de baile** na trilogia: **Manuelzão e Miguilim** (1984), **No Urubuquaquá, no Pinhém (**2001c) e **Noites do sertão** (2001b), não obstante o uso do título **Corpo de baile**, em certos momentos, no corpo do texto. Respeitamos, assim, a ideia de Rosa de que, "[t]alvez, mesmo, venha a ser peculiaridade curiosa do livro a façanha de sair cada edição de um jeito. Só mais esta aventura, dele, captando novos leitores. Aliás, o título de "**Corpo de Baile"** persiste. O livro continua" (BIZZARRI, op. cit., p.87).

Em 2000, iniciamos na FALE-UFMG, sob a orientação da Professora Marli de Oliveira Fantini Scarpelli, nossa pesquisa sobre a biodiversidade na obra de Guimarães Rosa. Participando, também, de trabalho interdisciplinar, sobre plantas medicinais do cerrado, na literatura, com a Professora Maria das Graças Brandão, da Escola de Farmácia da UFMG, reencontramos o Centro-Oeste mineiro, desta vez, através da ficção de Guimarães Rosa.

Nos últimos anos, nossas pesquisas no doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP e nossa aproximação com a Biblioteca e o Arquivo Guimarães Rosa resultaram no presente trabalho. Retornamos, agora, ao sertão, para "vencer e ganhar o passado no presente" (ROSA, 2001b, p. 134) como desejou Miguel no conto "Buriti", ou, ainda, como diz Riobaldo, em **Grande sertão: veredas**, para "devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe" (ROSA, 1986, p. 17). E no fim de tudo, assim como Miguel, "orgulhar-se de ainda entender o mundo de lá" (ROSA, 2001b, p. 118). Mas que mundo é esse ? Quem nos responde é o sertanejo Riobaldo: "Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção" (ROSA, 1986, p. 84).

A réplica do narrador de **Grande sertão: veredas** nos levou a pensar nas "estruturas labirínticas do sertão" às quais se referiu Wille Bolle (2004, p. 78), segundo o qual, "o objetivo de Guimarães Rosa [...] com os meandros das veredas, dos discursos e da fala de seu narrador-rio –, consiste em caracterizar o sertão como labiríntico". A afirmação de Bolle (2004, p. 81), de que o material labiríntico, com relação à natureza, "é retrabalhado através da invenção artística, com uma toponímia imaginária superpondo-se à geografia real", nos chamou a atenção. Com efeito, percorrendo as estruturas labirínticas textuais de Rosa, encontramos "passagens secretas" que historicizam a paisagem do sertão e despertam

preocupação com questões ambientais, tais como: a) a degradação ou quase extinção de ecossistemas do cerrado; b) a importância do cultivo e uso de plantas medicinais; c) o desmatamento e substituição da paisagem natural por pastagens e plantações de eucalipto; d) a transposição de águas; e) as mudanças climáticas; f) o empobrecimento do solo e contaminação por agrotóxicos; g) o ressurgimento de doenças tropicais; h) a perda da tradição e dos testemunhos de nossos "arquivos vivos".

Dessa forma, foi possível encontrar incrustados nessas "passagens secretas" diferentes discursos, entre os quais os de naturalistas viajantes. Assim, percebemos que o modo de apreensão da natureza e a construção discursiva a partir de interesses sociais diferenciados (LEFF, 2002, p. 215), poderiam ser evidenciados pelo estudo comparado de Guimarães Rosa com Domenico Agostino Vandelli. Principal articulador das "viagens filosóficas" às colônias portuguesas, no efervescer da produção intelectual da Academia das Ciências de Lisboa no século XVIII, de modo inverso a Rosa, Vandelli construiu suas "Memórias" a partir de um espaço geográfico fragmentado e imaginado dentro de padrões europeus.

Concluímos que apreendendo as imagens e imaginárias formas de apresentação da natureza e do homem do sertão, segundo o olhar do corpo e o olhar do espírito de "raríssimas pessoas", que conhecem bem essas "veredas, veredazinhas", ao mesmo tempo se delineia e se inscreve a toponímia do sertão rosiano na **Epistemologia ambiental** de Enrique Leff. Reveladas as "passagens secretas" do "espaço labiríntico do sertão", o ordenamento produtivo e sustentável dos recursos naturais se destaca e passa a integrar os processos para a construção de uma nova racionalidade ambiental.

Enfim, nessa "rotatividade de culturas", ressalta-se a natureza do sertão, o saber do homem sertanejo, sua história e suas práticas sociais em relação ao meio ambiente. Reconhece-se a obra de Guimarães Rosa como espaço de reflexão de questões ambientais

emergentes e o escritor como intérprete da natureza, medianeiro entre os que constroem as estratégias da sustentabilidade e a poesia “[d]essas poucas veredas, veredazinhas”.

Em entrevista a Günter Lorenz (1994, p. 61), em janeiro de 1965, Guimarães Rosa, faz um alerta:

> Olhe o futuro da Europa e de toda a humanidade: é como uma equação com várias incógnitas. A Europa é pequena, mas seus habitantes são ativos e, além disso, têm a seu favor uma grande tradição. E entretanto os europeus não têm qualquer influência sobre essas incógnitas que determinam o futuro de seu continente. O “x” e o “y” desta questão decidirão o amanhã, tanto é assim que quase já se pode dizer hoje. A América Latina talvez não seja a incógnita principal, o “x”, mas provavelmente será o “y”, uma incógnita secundária muito importante.

Hoje, tendo atingido o limite de tolerância da natureza, as nações são obrigadas a redimensionar suas relações com o mundo natural. As mudanças climáticas e suas consequências para a vida na Terra são debatidas em reuniões em que discursos bem intencionados são aplaudidos, malgrado sua ineficiência.

Em entrevista ao Jornal **O Estado de São Paulo**, em 25 de outubro de 2009, Carlos Nobre – Presidente do Conselho Diretor do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas – destacou a urgência em se criar um “GTropical”, que reuniria nações que possuem florestas, rica biodiversidade e recursos naturais. As demandas desses países seriam levadas às reuniões do Bric (formado por Brasil, Rússia, Índia, China) e G-77 (grupo que reúne países em desenvolvimento), tendo o Brasil como um “broker”, um intermediário. E afirma: “Essa pujança de recursos naturais dos países tropicais foi mal aproveitada até agora. O Brasil é hoje o único que tem a capacidade de monitorar o que acontece em florestas tropicais”.

Se aceitamos a premissa de Leff (2002, p. 19), segundo o qual o saber ambiental se constitui “na abertura do ser em seu porvir, em sua relação com o infinito, no horizonte do

possível e do que ainda não é”, seria plausível defender que, em sua entrevista a Lorenz, em janeiro de 1965, estaria Guimarães Rosa, com seu caminhar à frente de seu tempo, vaticinando essa possível “revolução tropical”.

1 VIAJANTE DENTRO DE SI MESMO

O viajante viajou no seu país. Isto significa que viajou dentro de si mesmo, pela cultura que o formou e está formando [...]

José Saramago

Neste primeiro capítulo, buscaremos enfocar a riqueza e a multiplicidade na formação do escritor Guimarães Rosa. Serão destacados: a origem sertaneja, a cultura que o formou, o desenvolvimento da capacidade artística e da percepção de leis ocultas da Natureza, as viagens reais e imaginárias, a formação autodidata e a formação acadêmica como médico. A permanência na Europa, as visitas aos Museus de História Natural, contadas em fragmentos no livro *Ave, palavra,* tudo nos servirá para evidenciar o amadurecimento do escritor e pesquisador, caminhante à frente de seu tempo, cujo olhar assume a perspectiva da complexidade ambiental.

1.1 "Bobagens biográficas"

Abre-se a janela. À frente, a Estação Cordisburgo da Estrada de Ferro Central do Brasil. O sinal de partida do trem entra pela casa onde um menino "brinca de pensar". Aquele som e aquela imagem imprecisa invadem o pensamento do menino, atravessam seu corpo e sua alma transportando-o nos vagões de tempo e espaço.

Assim nasce uma história.

História de um escritor viajante. Que escreve sobre viagens. Viagens pelo interior de seu país e por outros países. Desse universo nascem personagens, passageiros da imaginação. Imagens criadas pelo menino, mais tarde moldadas pela ação coordenada do ver, ouvir, imaginar e escrever estórias. Dos que vão e voltam pelas trilhas do trem do sertão. Entre eles: Riobaldo "para partes de consultar um médico, de nome indicado", em Sete Lagoas. "[Foi] vestido bem, e em carro de primeira, por via das dúvidas, não [o] sobrearem por jagunço antigo" (ROSA, 1986, p.10). De volta da cidade, Iô Liodoro e com ele, recostada, despreocupada, Dona Lalinha. "Assim a viagem a aturdia – consumava-se como um

rapto”(ROSA, 2001b, p. 199). Em direção à Paracatu, a tropa de “Sinhá-Linda” com o pai, a mãe, um irmão doutor e outros dois rapazes do Rio de Janeiro. Seguiam até o Lajeado pela “ponta-dos-trilhos”. “Será que já é o sertão? – ela queria saber” (ROSA, 2001c, p. 186).

A viagem, sim, fez parte da vida e obra de Guimarães Rosa. Esteve presente na infância, na juventude, na maturidade, no intelectualismo, nas profissões e acima de tudo na produção literária. Produção, na qual se inicia como lírico, em 1936, com poemas premiados pela Academia Brasileira de Letras e publicados, décadas depois, no livro **Magma.** Em 1965, durante o “Congresso de Escritores Latino-Americanos”, diante de uma pergunta de seu entrevistador Günter Lorenz a respeito de sua incursão literária, Rosa responde:

> Não, tão mal não foi. Entretanto, escrevi um livro não muito pequeno de poemas, que até foi elogiado. Mas, logo, e eu quase diria que por sorte, minha carreira profissional começou a ocupar meu tempo. Viajei pelo mundo, conheci muita coisa, aprendi idiomas, recebi tudo isso em mim; mas de escrever simplesmente não me ocupava. Assim, se passaram quase dez anos, até eu poder me dedicar novamente à literatura (LORENZ, 1994, p. 34).

O tempo de intervalo, conclui Lorenz (1994, p. 35), foram “anos de peregrinação e aprendizagem” durante os quais “[...] o *Wilhelm Meister* do sertão reunia [...] as ferramentas que mais tarde o capacitaram, linguística e tematicamente, a converter-se no maior romancista do Brasil”.

Em um mundo em transformação constante, sem dúvida, algumas dessas ferramentas levaram o escritor a compreender a especificidade das relações natureza e sociedade. A viagem “pelo mundo” permitiu-lhe conhecer os diferentes contextos, nos quais o homem codifica e significa a natureza e posicionar sua própria cultura em obra alicerçada na racionalidade ambiental.

Em fevereiro de 1964, diante do pedido de seu tradutor Edoardo Bizzarri, da remessa de uma pequena biografia, para constar na tradução italiana de **Corpo de baile**, Rosa dispõe o que denomina "bobagens biográficas":

> JOÃO GUIMARÃES ROSA, de duas famílias tradicionais mineiras, de fazendeiros de gado, nasceu, a 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, pequena localidade do centro-norte do Estado de Minas Gerais. [...] Fez o curso secundário em Belo Horizonte, onde depois estudou medicina. [...] De 1931 a 1933, foi "médico da roça", clinicando em outro arrail [...] Em 1932 [...] serviu incorporado às tropas de Minas Gerais. [...] Em 1933 [...] foi incorporado [...] ao 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena. [...] De 1934 [...] a 1938 [...] serviu no Ministério das Relações exteriores, no Rio de Janeiro. Em 1938, foi removido para o Consulado Geral de Hamburgo (Alemanha) [...]. Em 1942, foi removido para a Embaixada do Brasil em Bogotá [...]. Representou o Brasil em Assembléias e Conferências da UNESCO. [...] Atualmente é [...] o chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras (BIZZARRI, 1981, p. 96-97).

Segundo Leff (2002, p. 215), o "ser que permanece e ao mesmo tempo submete-se ao devir, se reconstitui e se projeta num mundo em via de complexificação". Com efeito, para se evidenciar o olhar que assume a perspectiva da complexidade ambiental, convém examiná-lo, por vias da "complexificação" do tempo, das identidades e do ser, do real e do pensamento.

1.1.1 A "complexificação" do tempo

> *Essas histórias ancestrais, que em sua quietude pareciam haver perdido sua memória, despertam para uma atualidade que ressignifica suas tradições e suas identidades, abrindo novas trilhas no fluxo da história.*
>
> **Enrique Leff**

Em seu estudo sobre a sociedade rústica tradicional do interior do Brasil, em que investiga durante os anos de 1947 a 1954 as zonas rurais de São Paulo, Minas, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Antonio Candido (1981, p. 46) demonstra que essa sociedade se caracteriza pela simbiose com a natureza e a produção de mínimos vitais e sociais. Segundo ele,

> A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitem estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precário) mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social do tipo fechado, com base na economia de subsistência.

Trazendo à luz os estudos de Sérgio Buarque de Holanda sobre o ajustamento do colonizador ao meio físico da América, a partir do qual o equilíbrio entre o grupo e o meio, "características da cultura tradicional do caipira", é obtido pela herança cultural que recebeu, Candido (1981, p. 47-48) conclui:

> A vida social do caipira assimilou e conservou os elementos condicionados pelas suas origens nômades. A combinação dos traços culturais indígenas e portugueses obedeceu ao ritmo nômade do bandeirante e do povoador, conservando as características de uma economia largamente permeada pelas práticas de presa e coleta, cuja estrutura instável dependia da mobilidade dos indivíduos e dos grupos. Por isso, na habitação, na dieta, no caráter do caipira, gravou-se para sempre o provisório da aventura.

Dessas aventuras surgiu a maior parte das vilas do interior do Brasil. Da expansão bandeirante, que levou os paulistas – "velhos conhecedores das artes da mineração" – e uma multidão de forasteiros originários das mais diversas regiões do Brasil e de Portugal, à procura de minas de ouro e apanhada de indígenas (ROMEIRO, 2008, p. 13-14), forma-se a

Província de Minas, definida por Guimarães Rosa (2001a, p. 344-345), em seu livro **Ave, Palavra,** como:

> [...] inconfidente, brasileira, paulista, emboaba, lírica e sábia, lendária, épica, mágica, diamantina, aurífera, ferrífera, ferrosa, férrica, balneária, hidromineral, jê, puri, acroá, goitacá, goianá, cafeeira, agrária, barroca, luzia, árcade, alpestre, rupestre, campestre, de El-rei, das minas, do ouro das minas, das pretas minas, negreira, mandingueira, moçambiqueira, conga, dos templos, santeira, quaresmeira, [...] das pirambeiras, serrana bela, idílica, ilógica, translógica, supralógica, intemporal, interna, leiteira, do leite e da vaca, das artes de Deus, do caos claro, [...] arcaica, mítica, enigmática, asiática, assombrada, salubre e salutar, assobradada, [...] Minas plural, dos horizontes, de terra antiga, das lapas e cavernas, da Gruta de Maquiné, do Homem de Lagoa Santa, de Vila Rica, franciscana, barranqueira, bandoleira, pecuária, retraída, canônica, sertaneja, jagunça, clássica, mariana [...].

E é com ares caipiras e, ao mesmo tempo, universais, que nasce a cidade de Cordisburgo, sobre a qual o escritor vai falar, em sua entrevista à Günter Lorenz:

> Cordisburgo. Não acha que soa como algo muito distante? Sabe também que uma parte de minha família é, pelo sobrenome, de origem portuguesa, mas na realidade é um sobrenome suevo que na época das migrações era Guimaranes, nome que também designava a capital de um estado suevo na Lusitânia? [...] Você certamente conhece a história dos suevos. Foi um povo que, como os celtas, emigrou para todos os lugares sem poder lançar raízes em nenhum. Este destino, que foi tão intensamente transmitido a Portugal, talvez tenha sido o culpado por meus antepassados se apegarem com tanto desespero àquele pedaço de terra que se chama o sertão. E eu também estou apegado a ele [...] (LORENZ, 1994, p. 30).

Em um ponto "[d]aquela estepe quase mística [...], encarnada como um mito de consciência brasileira" (LORENZ, 1994, p. 30), em 21 de agosto de 1883, Padre João de Santo Antônio, realizando um antigo desejo de homenagear o Sagrado Coração de Jesus, dá início à fundação da povoação da Vista Alegre. Uma capela ao patriarca São José começa a

ser construída. Ao redor da igrejinha, forma-se o povoado e após um ano, finalizadas as obras da capela, uma imagem do Coração de Jesus, vinda da França, chega ao lugar que passa a se chamar Coração de Jesus da Vista Alegre. Por volta de 1890, o arraial eleva-se a distrito com nome de Cordisburgo da Vista Alegre, e a Igreja Matriz é inaugurada. Em 1938, finalmente, o distrito passa a ser município de Cordisburgo.

Em 27 de junho de 1908, naquele "pequeno mundo do sertão", nasce João Guimarães Rosa. No mesmo ano, o distrito comemorava seus vinte e cinco anos de fundação. O lugar já era conhecido por abrigar a Gruta de Maquiné, possuía uma estação telegráfica e a estação de trem. Como era costume entre as famílias, o menino Joãozito foi batizado na Igreja Matriz, em pia batismal trabalhada em pedra calcária de uma estalagmite da Gruta de Maquiné. Naquele momento sublime, os espíritos do Criador e da criação sopraram sobre o recém-nascido. A água que toca a fronte do menino e cai na pedra mineral alcança sentido. Assim, a gruta e "[os] verdes viventes, cada um, por chuva e sol, pelejando no seu lugarim" (ROSA, 2001-c, p. 154), bem como "[t]oda qualidade de répteis de alma-vivente, bichos de entre-mato-e-campo, bichinhos de terra e do ar" (ROSA, 2001c, p. 158) celebram a chegada de seu futuro intérprete.

Um leitor da natureza, com alma de poeta e ânsia de viajar pelo mundo, chamado à permanência no "estado de perplexidade" que, segundo Maria Luiza Ramos (2000, p. 46), "é próprio da pesquisa científica, do mesmo modo que é igualmente o fundamento de todo ato filosófico", tanto o praticado pelo exercício intelectual, quanto o que surge pelo espanto que a vida oferece a cada dia.

A infância no ambiente rústico do interior típico e arquetípico mineiro aproximou o menino da natureza. Por força de um impulso interior e numa sequência evolutiva da contemplação, da auscultação, da sensibilidade e da imaginação, alcança a "Natureza

Superior", sobre a qual se refere Goethe (apud Steiner, 2007, p. 19) em seu ensaio **Anschauende Urteilskraft** [juízo perceptual]:

> Se, no que se refere à moral, pela fé em Deus, virtude e imortalidade nos alçamos às regiões superiores e nos aproximamos do Supremo Ser, então o mesmo também deveria ser possível no campo intelectual - a saber: tornamo-nos dignos de participar mentalmente das produções da Natureza pela apercepção (sic) de uma Natureza sempre criativa. Eu mesmo procurava, inicialmente sem consciência e por força de um impulso interior, aquele típico e arquetípico.

A sensibilidade e o espírito reflexivo que participam das produções da natureza criativa, Rosa os conservará, por toda a vida. Percorrendo o seu espaço infantil, descrito por seu tio Vicente Guimarães, encontramos diversos brinquedos naturais: plantas, insetos, pássaros, patos, galinhas, marrecos, perus, cabritos, carneiros, cães, gatos, micos e outros bichos criados no terreiro de casa, alguns trazidos do campo, pelo pai afeito às caçadas. Segundo o tio, depois da leitura, a organização de museus de insetos e folhas secas, era outra atividade que Joãozito apreciava:

> Interessava-se por estudar os vegetais. Conseguiu, não sei como, uma velha botânica, com mapas e esquemas de classificação das plantas. Toda folha que pegava queria saber, por suas características, a qual grupo ou classe pertencia e, quando possível, o nome da planta. Procurava nos livros e perguntava aos mais velhos, anotando. Nomes científicos e populares havia de conhecer, interessado (GUIMARÃES, 2006, p. 65).

Participando mentalmente das produções do mundo natural, edifica seu campo intelectual, sua "terceira margem", ou usando expressão de Goethe, "[o] mundo da Arte – um terceiro reino necessário ao lado dos sentidos e da razão" (apud STEINER, 2007, p. 20).

Certa vez, o escritor declarou:

> Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope, e nem eu, e ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas tempo bom de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar estórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas (GUIMARÃES, 2006, p. 65).

Ao que tudo indica, a visão míope obrigava Joãozito manter, desde a infância, atentos os outros sentidos. As imagens embaçadas e disformes do mundo exterior eram como peças de um jogo, com as quais o menino podia brincar e relacioná-las de forma que lhe proporcionassem prazer, não se submetendo, assim, a qualquer coação. A ordem em que colocava os elementos era sua invenção. Esse "impulso lúdico", que subjaz à Arte, Schiller vê como um jogo do homem num nível superior, que

> produz, no artista, obras que já em sua aparência sensória satisfazem à nossa razão e cujo conteúdo racional se apresenta simultaneamente como manifestação sensória. E a essência do homem atua, neste nível, de forma tal que sua Natureza se manifesta como espírito e seu espírito como Natureza (apud Steiner, 2007, p. 25).

De maneiras diferentes, essa experiência criativa, que se complexifica no tempo, uma espécie de retorno a um reino de idéias que vão sendo conduzidas para um patamar mais rarefeito e elevado, vai se manifestar, mais tarde, tanto na produção literária rosiana quanto nas demais formas de expressão: cartas, entrevistas, anotações e diários.

1.1.2 A “complexificação” das identidades e do ser

> *A configuração das identidades e do ser na complexidade ambiental se dá como o posicionamento do indivíduo e de um povo no mundo; na construção de um saber que orienta estratégias de apropriação da natureza e da construção de mundos de vida diversos.*
>
> **Enrique Leff**

Em janeiro de 1965, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, Guimarães Rosa concede uma rara entrevista a Günter Lorenz. Um longo diálogo se estabelece a partir da seguinte premissa de Lorenz (1994, p. 29): “Gostaria de falar com você sobre o escritor Guimarães Rosa, o romancista, o mágico do idioma, baseando-nos em seus livros que fazem parte, penso eu, do tema ‘o homem do sertão”. Diante de tal abordagem e usando perspicácia, Rosa, em resposta, se coloca, primeiro, no enfoque “homem do sertão”:

> Precisamente, e por isso gostaria que começássemos pelo que você mencionou como tema final. Chamou-me “o homem do sertão”. Nada tenho em contrário, pois sou um sertanejo e acho maravilhoso que você deduzisse isso lendo meus livros, porque significa que você os entendeu. Se você me chama de “o homem do sertão (e eu realmente me considero como tal), e queremos conversar sobre este homem, já estão tocados no fundo os outros pontos. É que eu sou antes de tudo este “homem do sertão”; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisto pelo menos eu acredito firmemente como você, que ele, esse “homem do sertão”, está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa (LORENZ, 1994, p. 30).

Sendo Rosa “o homem do sertão” o ponto de partida, passamos para uma breve análise de sua formação cultural, sob a perspectiva ambiental.

Em seu trabalho sobre herança rural no Brasil, exposto em sua obra **Raízes do Brasil**, Sérgio Buarque de Holanda (2003, p. 73) afirma:

> Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreenderem exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje.

Entre as características dos domínios rurais, responsáveis pela moldura desse contexto social, buscamos a questão do patriarcado, largamente discutida pelo historiador. Conforme argumenta, nessa sociedade, tudo se fazia de acordo com a vontade do proprietário de terras, que, muitas vezes, exercia o poder de forma caprichosa e despótica. A organização da família seguia as normas clássicas do "velho direito romano-canônico". Os escravos e agregados alargavam o círculo familiar e, com ele, "a autoridade imensa do pater-famílias". A respeito desse núcleo bem distinto, Sérgio Buarque considera que a própria palavra "família", derivada de *famulus*, se acha estreitamente vinculada à idéia de escravidão, em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca (HOLANDA, 2003, p. 81). E observa: "a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens" (HOLANDA, 2003, p. 82).

Durante sua pesquisa de campo, a qual resultou no livro **Parceiros do rio Bonito**, Antonio Candido (2003, p. 287-288) observou que:

> A expressão "família caipira" indica uma modalidade de organização familiar que entronca diretamente no tipo chamado *patriarcal*, desenvolvido no Brasil no tempo da Colônia. […] Nel[a] encontramos mais persistência dos comportamentos tradicionais do que em famílias abastadas e urbanizadas, nas quais atua com maior vigor a mudança social e cultural. Podemos ver então que os seus padrões são essencialmente os mesmos registrados por viajantes e estudiosos para a família *patriarcal*, variando naturalmente conforme o papel que desempenham no processo de produção, pois ele condiciona formas diferentes de participação cultural. […] Presa à técnica tradicional, menos ligada à influência dos centros urbanos, requerendo para sobreviver enquanto grupo o esforço físico de todos os seus membros, é compreensível que a família do pequeno proprietário e do trabalhador se encontre em condições de maior conservantismo.

Esses aspectos culturais expressos por Candido referem-se às famílias caipiras, com um tipo de vida circunscrito à área de influência histórica paulista. Porém, ao deixar as divisões administrativas e alicerçar-se em uma interpretação econômico-social do habitante do Sul e Oeste de Minas, o autor reconhece que essas populações "[a]proximavam-se, inclusive étnica e historicamente, do caipira paulista, de quem se originam muitas vezes" (CANDIDO, 2003, p. 57). A formação de "[u]m lençol de cultura caipira com variações locais, que abrangia partes das capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso", segundo Candido (2003, p. 103), ocorreu em seguida ao fim dos ciclos bandeirantes, no século XVIII. Apesar das mudanças que se vão acentuando no plano econômico e técnico, nos séculos seguintes, em todas as camadas culturais, o autor admite que, no "lençol de cultura caipira", a organização familiar encontra-se mais próxima dos padrões patriarcais do que em qualquer outra.

É dentro do contexto discutido por Sérgio Buarque e Candido, que procuraremos situar Cordisburgo, antigo "Saco dos cochos", local de "ponto-pousada para tropas" (GUIMARÃES, 2006, p. 23). Algumas peculiaridades serão pensadas sob a perspectiva da pequena cidade mineira.

De um modo geral, nessa sociedade, as mulheres casavam-se muito cedo e embora a mortalidade infantil fosse grande, a prole era numerosa, pois a restrição à natalidade praticamente não existia. Não se subtraiu à regra a mãe de Guimarães Rosa, Dona Francisca Lima Guimarães. Primeira e única menina de uma família de oito filhos de "padrinho Luis" e "vó Chiquinha", ela casa-se aos dezesseis anos de idade com Florduardo Pinto Rosa, apelidado de "Seu Fulô". Dá a luz ao primogênito, aos dezessete anos. E ele foi batizado com o nome de João Guimarães Rosa, uma vez que nascido na mesma semana em que se

homenageava São João.[9] O casal terá outros cinco filhos: Maria Luiza (Iza); Maria José (Zezé), Maria Auxiliadora (Dora), José Luiz e Oswaldo. Morrerá precocemente, vitimada pelo crupe, a pequena Maria Isabel. Assim, "Chiquitinha" e "Seu Fulô" comerciante, dono de uma venda, juiz-de-paz, caçador por distração, são genitores de uma família mineira, alicerçada em bases cristãs e de profundo respeito a Deus, às relações humanas, à terra e à tradição.

Num ambiente de aparente equilíbrio social, Guimarães Rosa recebe as primeiras lições de vida. No entanto, do espaço mais familiar, pouco se pode reconstituir. Mesmo porque, sobre ele, o próprio escritor evitaria a lembrança. A afirmação "não gosto de falar da infância" nos é bem conhecida.

Com relação à questão do patriarcado e da religiosidade, que acreditamos ter reforçado a afeição e respeito de Rosa pela natureza e o interesse por conhecer suas leis ocultas, valemo-nos das publicações da filha Vilma e do tio Vicente.

Sobre as repreensões de Seu Florduardo, pai de Guimarães Rosa, inconformado com o gosto do menino pela leitura e o estudo, Vicente comenta:

> Seu pai, de bom coração, mas rude, não compreendia um menino, no seu entender já marmanjo, que só vivesse de livro nas mãos, vagabundo assim sendo, sem procurar o de-que-fazer. Muitas vezes, Joãozito foi punido pelo pai para deixar o livro e caçar serviço (GUIMARÃES, 2006, p. 35).

E caçou. Não o "de-que-fazer", mas o "de-que-conhecer" sobre a natureza. Curioso em saber como os animais viviam em seu "habitat" natural e eram capturados, aos seis anos, acompanha o pai numa caçada. Sobre a experiência, o tio relata: Juntos na mata, após horas de espera e silêncio, o pai adormece e Joãozito brinca de procurar insetos. Um veado

[9] João, nome de santo, vem do hebraico, "com a graça do Senhor". Cf. GUIMARÃES, Vicente. 2006, p. 27.

aproxima-se. Não querendo assustar o animal, mas tendo que despertar o pai, o menino grita. O animal foge. “Em casa, contando à mãe, sem que o pai ouvisse, afirmou ter ficado satisfeito com a fuga do veado. Muito teria sofrido se visse o pai matá-lo”. O episódio foi decisivo para que nunca mais quisesse acompanhar uma caçada (GUIMARÃES, 2006, p. 32).

Caçador como o pai, ele não foi, mas tornou-se estudioso de “mapas e esquemas de classificação de plantas” (GUIMARÃES, 2006, p. 65), criador e pesquisador-mirim de animais. “Aves, quadrúpedes, símios, quelônios, insetos, aracnídios, anuros, batráquios, ofídios e tantos quantos restantes outros muitos lhe serviram de distração e divertido estudo”, recorda Vicente (GUIMARÃES, 2006, p. 38).

Enquanto descobre o belo nas manifestações de leis ocultas da Natureza[10] Guimarães Rosa alcança o universo espiritual. Em entrevista a Fábio Freixeiro, a filha Vilma (1999, p. 101) fala a respeito disso:

> Ele preocupava-se com o sentido místico das coisas. A educação religiosa que recebeu fixou-se definitivamente em sua essência. Lembro-me de sua entusiástica narrativa de uma peregrinação a Lourdes, na França. Como livro de cabeceira guardava a *Imitação de Cristo*. Em sua gaveta, na sala de trabalho, o terço de metal. Tinha medo da morte, por isso transformou-a em encantamento. E, no entanto, acreditava em Deus, na força do amor e da proteção de Deus.

Com a fórmula da experiência transcendente, Guimarães Rosa vai introduzir, mais tarde, em sua narrativa ficcional, o cotidiano “simbólico e imaginário” dos habitantes das áreas rurais, que, segundo Alfredo Bosi (1992, p. 325), converge para uma sabedoria empírica

[10] Goethe credencia à Arte o mérito de unificar realidade e ciência, acrescentando ao factual da primeira e ao racional da segunda o ingrediente do belo, pois, “o belo é a manifestação de leis ocultas da Natureza, as quais continuariam ocultas sem a Arte” (apud Steiner, 2007, p. 27-31).

muito arraigada, e que é a sua principal defesa numa economia adversa. Por isso, afirma Bosi, o sistema simbólico desses homens

> é muito respeitoso dos ciclos da natureza, separando bem as fases do ano, as idas e vindas da seca e da chuva, os fluxos e refluxos das marés, as fases da lua, as partes do dia, os ciclos biológicos da mulher, as idades da vida humana, dando a todos um peso, uma qualidade, um significado, cujo conhecimento é parte integrante da sabedoria popular em toda parte do mundo.

Portanto, para o homem rústico, a vida do corpo, o trabalho e as crenças religiosas se convergem e se confirmam na transmissão de valores. Conforme Bosi (1992, p. 325), "a relação tácita [do homem] com uma força superior (Deus, a Providência), se desdobra em várias entidades anímicas, dotadas de energia e intencionalidade, como os santos, os espíritos celestes, os espíritos infernais, os mortos".

Expressando teores e valores do cotidiano simbólico do "homem do sertão", Rosa faz da língua a tradução dessa ambiência. Portanto, poderíamos afirmar que, como intérprete da natureza do sertão, cujo olhar assume a perspectiva da complexidade ambiental, Rosa surpreende pela compreensão, pela alquimia, pelos sentimentos que demonstra ter por esse mundo, conforme confessa ao entrevistador Lorenz:

> Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. […] Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão. […] Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão. […] Estes são os paradoxos incompreensíveis, dos quais o segredo da vida irrompe como um rio descendo das montanhas (LORENZ, 1994, p. 29).

1.2 A "complexificação" do real e do pensamento

> *O fracionamento do corpo das ciências confronta a complexidade do mundo indicando a necessidade de se construir um pensamento holístico reintegrador[...] os paradigmas interdisciplinares e a transdisciplinaridade do conhecimento surgem como antídotos à divisão do conhecimento gerado pela ciência moderna.*
>
> **Enrique Leff**

Sabe-se que, muito cedo, Rosa despertou o gosto pelo estudo da geografia. Aos sete anos de idade teria pedido ao padrinho Luís uma "Geografia Lacerda", com todos os mapas. Referindo-se à infância, por mais de uma vez, declarou o gosto "de estudar sozinho e de brincar de geografia" (GUIMARÃES, 2006, p. 39). Em carta enviada à sua prima Lenice, confirma:

> Desde menino, muito pequeno, eu brincava de imaginar intermináveis estórias, verdadeiros romances; quando comecei a estudar Geografia – matéria de que sempre gostei – colocava as personagens e cenas nas mais variadas cidades e países; um faroleiro na Grécia, que namorava uma moça no Japão, fugiam para a Noruega, depois iam passear no México... coisas desse jeito, quase surrealistas (GUIMARÃES, 2006, p. 39).

Lembra Vicente Guimarães, que, em 1917, chegou a Cordisburgo, Frei Canísio Zoetmulder, frade franciscano holandês, com quem Rosa entusiasmado "brincava de guerra". Acompanhavam as notícias do jornal sobre o desenrolar da Primeira Guerra Mundial e se divertiam.

> Estendiam o mapa na mesa, e, com alfinetes de cabecinha de cores: vermelho, azul, amarelo, branco e preto – cada uma designando militares de povos diferentes – marcavam os avanços e recuos das tropas alemãs e das dos aliados, de acordo com o noticiário dos jornais. Brincavam, além disso, de realizar estratégias próprias, por hipótese, promovendo sempre a vitória das forças aliadas, ideal que era deles (GUIMARÃES, 2006, p. 40).

Foi, ainda, com Frei Canísio, que aperfeiçoou o francês, iniciado por conta própria, por meio de revistas francesas, que lhe chegavam (não se sabe como), de uma gramática e um pequeno dicionário, que ganhara de um viajante. A amizade com o religioso satisfez, ao mesmo tempo, a curiosidade pela língua holandesa.

É provável que o interesse por pessoas e línguas estrangeiras, o estudo da geografia e as leituras tenham sido exercícios importantes no preparo de Rosa para atravessar fronteiras, já que, aos nove anos incompletos, deixa Cordisburgo, para morar com os avós e estudar em Belo Horizonte. A infância e juventude longe da casa dos pais foram anos de mais aprendizado. No Grupo Escolar Afonso Pena, na Biblioteca Municipal, no Colégio Arnaldo, no Ginásio Mineiro (todos na capital) e no Colégio Santo Antônio de São João del Rei aprendeu, obteve êxitos e momentos de prazer, sofreu injustiças. A par disso, a prática autodidata era cada vez mais cultivada, principalmente com relação ao estudo da geografia, da botânica e das línguas. Nem mesmo durante as férias escolares, passadas em Cordisburgo, deixava de lado a "precisão de aprender mais", sobretudo durante as viagens de trem, ocasiões favoráveis para a observação e reflexão.

O farto material relativo ao tema "viagem", que encontramos na biblioteca particular do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, salienta um dado básico: o escritor era um leitor de diários de viajantes e um estudioso da geografia mundial. Estão catalogados em seu acervo dezenas de guias e roteiros turísticos, de países do Oriente e do Ocidente (até os mais exóticos) com marginálias. Encontram-se diários de viajantes estrangeiros entre eles **O Derrotero general de la costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia**, de Gabriel Soares de Sousa; **Viagens aos planaltos do Brasil**, de Sir Richard Francis Burton; **Viagem ao interior do Brasil**, de Emmanuell Pholl; **Geologia e**

geografia física do Brasil, de Charles Frederick Hartt; **Memórias sobre a paleontologia brasileira**, de Peter Wilhelm Lund, bem como diários de autores brasileiros, sobre viagens fora do país. Entre obras de escritores consagrados estão **O souvenir de ma vie**, de Goethe; **Voyages avec une notice biographique, des notices littéraires et des notes explicatives par Philipe van Tieghen**, de Victor Hugo; **Journal de Voyage en Italie par la Suisse et l´Allemagne,** de Michel Montaigne; **Les aventures marveilleux de Marco Polo,** de Marcel Lobet; **Voyages de Montesquieu,** de Charles Louis de Secondat Montesquieu e **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto. Há, ainda, diversos Atlas, mapas turísticos e geográficos, livros didáticos de geografia, revistas do Conselho Regional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e artigos de importantes geógrafos como o brasileiro Aziz Nacib Ab´Saber e o francês Tricart.

Em ensaio no qual analisa a relação peculiar entre Geografia e História que se instala em **Grande sertão: veredas**, Ettore Finazzi-Agrò (1997, p. 109) situa a obra de Rosa entre as "obras-mundo", assim reconhecidas pelo crítico italiano Franco Moretti, textos que a história literária não sabe classificar e que só poderiam entrar numa categoria muito ampla, cuja definição possível seria a de "épica moderna". Nessas obras a contemporaneidade do que não é contemporâneo passa para o primeiro plano, "e a história torna-se assim uma gigantesca metáfora da geografia". Ao reconhecer a obra de Guimarães Rosa como tal, Finazzi-Agrò (1997, p. 112) comenta que Guimarães Rosa nos mergulha numa geografia e numa história virtuais, anteriores ou posteriores a qualquer história e a qualquer geografia e

> nos leva muito além (ou aquém) do regionalismo, fazendo-nos intuir a razão histórica implícita na divisão regional, apontando-nos o significado profundo da distinção geográfica assim como das fronteiras éticas, ideológicas, sociais, que atravessam o Brasil – e que, através do Brasil, dividem em aparência o mundo inteiro em duas partes contrapostas ou em conflito.

Com sua disposição "enciclopédica", Rosa nos aponta ainda as limitações e precariedades do indivíduo em relação ao seu meio ambiente. O homem como agente de um espaço que só parece existir em relação a ele é, ao mesmo tempo, limitado por ele. É, portanto, condenado pelo ambiente que ele próprio cria. Em **Grande sertão: veredas** o personagem Riobaldo nos alerta sobre o risco:

> Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela (ROSA, 1986, p.250).

Esse "sertão sorrateiro", que atravessou as fronteiras, através dos relatos dos viajantes estrangeiros pelo Brasil, vai ser resgatado por Guimarães Rosa. Sobre as leituras do escritor acerca de diários de viajantes, muito já se discutiu a respeito. A idéia de que muitos elementos da narrativa de Rosa parecem ter sido "decalcados diretamente" desses livros é recorrente. Myriam Ávila, por exemplo, ao traduzir o livro **Três mil milhas através do Brasil,** do viajante inglês James Wells e confrontá-lo com **Grande sertão: veredas,** rastreou, em Guimarães Rosa, a reutilização das questões colocadas pelo estrangeiro. A impressão de que Rosa seguiu passo a passo o rastro do estrangeiro, alterando a posição enunciatória do relato, foi registrada pela ensaísta :

> Ao contrário do estrangeiro que, em seu relato, deplora a ignorância do sertanejo, Guimarães Rosa vê na ignorância do europeu, na sua perplexidade diante daquilo que não pode classificar nem como exótico, nem como europeu, um elemento de grande potencial estético. É no trabalho com a linguagem que se mostra de forma mais aguda a presença do estrangeiro em Guimarães Rosa. Rosa aprende a mimetizar sua escuta não-seletiva, que não consegue retificar a fala do narrador nativo, limpando-as dos elementos "supérfluos", "redundantes", dos "erros" e das "hesitações". Brinca com

> sua dificuldade em grafar os termos nativos, com a similaridade entre seu português estropiado e o português reinventado do sertanejo. [...] [E]ssa reutilização das questões colocadas pelo estrangeiro, d[á] a impressão de que Guimarães Rosa seguiu passo a passo o percurso de Wells de sua arrogância/ignorância inicial até a compreensão de que havia chegado ao limite do seu discurso, momento em que se acha diante de uma vastidão inexplorada na fronteira entre Bahia e Goiás, uma espécie de Liso do Suçuarão (ÁVILA, 2001, p. 548).

Por sua vez, Marcus Vinicius de Freitas, em seu livro **Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II**, expressa sua impressão a respeito da comparação dos trabalhos do naturalista com Rosa:

> Cabe lembrar que Guimarães Rosa [...] vai utilizar conscientemente séries de nomes de plantas e de árvores com claro intuito poético, o que demonstra a possibilidade ali presente, a qual, estando apenas latente no texto de um autor como Hartt, torna-se manifesta no texto do ficcionista. As enumerações da botânica e da geografia do sertão, bem como a própria presença recorrente da personagem do naturalista viajante, tantas vezes evocadas na obra de Guimarães Rosa, possuem decididamente um rastro na obra de um naturalista como Hartt. [...] Hartt e Rosa são elos de uma cadeia, e tanto o naturalista ilumina o ficcionista, num processo linear da história, quanto o contrário é igualmente verdadeiro: diante do uso poético que Rosa faz das classificações naturalistas é que podemos ver o texto de Hartt revelar-se em suas variadas peculiaridades e dimensões (2002, p. 86).

Também Ana Luiza Martins em seu ensaio “Rosa, leitor de relatos de viagem”, traz os resultados de sua análise das cadernetas de anotações de viagens de Guimarães Rosa, que se encontram no IEB-USP. Reconhece a autora que, ao valorizar a viagem de pesquisa, para recolher elementos para suas estórias, o escritor “retoma o modelo das viagens científicas como forma privilegiada de produzir conhecimento” (2008, p. 326). É também no Liso do Sussuarão de **Grande sertão: veredas**, que a ensaísta encontra o espaço para se apreender o modo como Rosa constrói suas paisagens literárias em diálogo com os relatos de viagem.

Pois bem, a respeito da paisagem geográfica representada em seu trabalho artístico, o próprio escritor comentou:

> Dizem que o Rosa é regionalista [...] Eu me divirto muito com isso, porque dizem que eu fiz uma paisagem, um crepúsculo mineiro e não é nada de crepúsculo mineiro, é um crepúsculo que eu vi na Holanda, misturei com umas coisas que eu vi em Hamburgo, com coisas de Minas, misturei tudo aquilo e joguei lá – e as pessoas dizem que eu estou fazendo uma cena do interior de Minas, e eu estou fazendo um omelete ecumênico. O Rosa é como uma ostra: projeta o estômago para fora, pega tudo, de todas as fontes possíveis e introjeta de novo no estômago, mastiga tudo aquilo e produz o texto (1996 apud COSTA, 2008, p. 338).

Conforme concluiu David Arrigucci (1994, p. 7-29), ainda que ligado metonimicamente a uma região, o "sertão" é um artifício construído pelo escritor que copia, cria e recria os elementos recolhidos em suas muitas "viagens", não só através do sertão do Brasil, conjugando memórias e pesquisas, mas também através de toda a tradição literária, mística e filosófica.

Dessa forma, a vocação autodidata e "enciclopédica" de Guimarães Rosa se realiza no diálogo de saberes, na hibridação entre conhecimento teórico e saberes práticos, nas múltiplas geografias que ele permite atravessar sua "obra-mundo". Obra na qual o saber ambiental vai olhar para os horizontes invisíveis da ciência, abrir os caminhos do impensável da racionalidade modernizadora e conseguir ouvir "novas harmonias na música do mundo" (LEFF, 2002, p. 209).

Cabe, por fim, uma análise da formação acadêmica de Rosa. Sabe-se que, com apenas dezesseis anos, o escritor ingressou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. A opção pela área médica teria sido motivada, a nosso ver, pelo desejo de conhecer o que havia de mais palpitante na área das ciências biológicas e fertilizar o campo semeado pelas leituras da filosofia das ciências, da história natural e das teorias humanistas.

Foi um aluno brilhante, assim reconhecido pelos trinta e cinco colegas, que para a formatura, em 1930, o elegeram orador da turma. Em seu discurso podemos perceber o brilho de sua vocação literária, a presença de um espírito voltado para a Natureza e sua visão sobre os novos parâmetros que deveriam delinear o futuro da prática médica. Logo no início da oratória, evoca uma "lição da Natureza": o "epipphytismo das orchideas". A metáfora é usada pelo orador, para ilustrar a forma pela qual se deve construir os novos saberes: "faltando-lhe[s] as raízes, que sòmente os annos soem improvisar" resta-lhes o conhecimento das velhas "orquídeas" (ROSA, 1999, p. 463). Ao longo da exposição, manifesta o sentimento que deveria orientar seus atos: o espírito cristão, não contaminado por interesse mercantilista. E convoca os colegas à mesma missão:

> Ninguem entre nós, para bem de todos, representa os exemplares do médico commercializado, taylorizado, standardizado, aperfeiçoadissima machina mercantil de diagnosticos, ´un industriel, un exploiteur de la vie et de la mort` no dizer de Alfred Fouillé, para quem nada significam as dôres alheias, tal qual Chill, o abutre kiplinguiano, satisfeito no jangal faminto, por certo de que depressa todos lhe virão a servir de pasto. [...] Esses justificam a velha frase de Montaigne, ´Science sans conscience est la ruine de l`ame`, hoje aposentada no archivo dos logares comuns, mas que de verdadeira se faria sublime, si se lhe intercalasse: *´...et sans amour*...` [...] Porque, dêm-lhe os nomes mais diversos, philantropia tolstoica, altruismo contista, humanitarismo de Kolcsey Ferencz, solidariedade classica ou beneficencia moderna, bondade natural ou caridade theologal, (quanto a nós preferimos chamar-lhe mais simplesmente espirito christão), esse é o sentimento que deverá presidir os nossos actos e orientar as agitações do que seremos amanhã, na vitalidade maxima da expressão, homens no meio dos homens (ROSA, 1999, p. 465-466).

Encontra-se, em outros pontos do discurso, a preocupação com relação aos avanços técnicos, que sinalizavam uma prevalência da máquina em detrimento do humano, do embate entre a ciência e a fé.

Apesar da introdução da medicina acadêmica e científica, como parâmetro moderno da prática médica (no Brasil a partir da segunda metade do século XIX), Rosa continuará a transitar livremente entre as Ciências e as Humanidades. Durante a formação acadêmica, foi um estudioso da filosofia, das religiões, da história, da geografia, das ciências naturais, da física e da metafísica, aprendeu mais línguas e acompanhou os avanços científicos. Assim, tanto na área das Humanidades quanto na área das Ciências, procurou uma formação abrangente e complexa, conforme denuncia o farto acervo de sua biblioteca particular, no IEB. No que se refere às Ciências encontram-se obras nacionais e estrangeiras sobre lógica e filosofia das ciências, história natural, botânica, zoologia, pesquisas florestais e conservação da natureza, dicionários de plantas úteis e de vozes de animais, glossários de nomes vulgares de plantas, estudos de psicologia dos animais, guias de flora prática, de árvores, de jardins, entre outras afins.

Como médico, entre o lado comercial e o espírito cristão que a ciência faculta, o escritor escolheu o mais sublime. Ciente da falta de acesso de parte da população aos avanços da medicina e sabedor do valor do conhecimento empírico e tradicional da arte de curar, a tomada de uma posição de equilíbrio entre os recursos da experiência popular e da medicina científica foi o caminho trilhado para o exercício de seu ministério. Nesse projeto observou, anotou, pesquisou, conversou (com os mais velhos, com os raizeiros, benzedores, com os fazendeiros, com os ciganos e com os vaqueiros). O resultado do empreendimento pode ser conferido em sua obra literária nas estórias de sertanejos, como Seo Deográcias do conto "Campo Geral", "que entendia de remédios, quando alguém estava doente ele vinha ver" (ROSA, 1984a, p. 39). Na figura do doutor José Lourenço do Curvelo, que chega no Mutum e descobre que Miguilim é "piticego". De mulheres benzedoras e parteiras, que curam o corpo e a alma, como Doralda do conto "Lão-Dalalão", Rosalina de "A estória de Lélio e Lina" e vovó Izidra de "Campo Geral". De "donos de nada nesta vida", como o personagem Vinte-e-

Um, do conto “Duelo”, que não há “de poder pagar seu doutor-médico a trinta mil réis a légua, p´ra ele querer vir até cá?!...” (ROSA, 1984b, p. 181). E de sertanejos que conhecem as plantas que dão remédios, as plantas que matam, as plantas que servem de alimento e a “que acende de si, feito eletricidade” (ROSA, 1986, p. 21). E ainda sabem que “os buritis ensinam” (ROSA, 1986, p. 45): – “[p]erto de muita água, tudo é feliz” (ROSA, 1986, p. 21) e, que, “Deus vem, guia a gente por uma légua, depois larga” (ROSA, 1986, p. 123-124) deixando “todas essas quisquilhas da natureza” (ROSA, 1986, p. 20).

Exemplo da compatibilidade entre Ciência e Literatura, síntese de sua própria personalidade universal, espalhando as “quisquilhas da natureza” por sua obra, Rosa vai mostrar que espírito científico e espírito literário não se opõem, mas se completam e juntos abrem o caminho para se repensar a racionalidade ambiental.

1.4 Nas trilhas do pensar e atuar no mundo

> *A complexidade ambiental abre o caminho infinito no qual se inscreve o ser num devir complexificante. Um ser sendo, pensando e atuando no mundo.*
>
> **Enrique Leff**

Em maio de 1938, nomeado para o Consulado-Geral de Hamburgo, Guimarães Rosa conhece o Velho Mundo. A travessia do Atlântico, contada em carta enviada ao pai, revela um olhar que se volta para a poesia da natureza:

> […] Fiz bem a minha primeira viagem maritima, sem enjôos nem outras bobagens, que às vezes acontecem até a capitães de navio e Almirantes. Tambem, tive a sorte de encontrar sempre mar calmo, que o “General Artigas” cortava mansamente. […] Depois, 9 dias de mar alto, vendo somente céo e mar, alguns peixes-voadores, as medusas côr-de-rosa, um

> tubarão, um golphinho. Calôr intenso. A passagem do Equador, onde os que a transpunham pela primeira vez – eu inclusive – fomos baptizados na piscina de bordo, por Neptuno e sua côrte (marinheiros phantasiados a rigor). Afinal, já abafados de jamais avistar terra, contemplamos, numa manhã bonita, vôos de gaivotas. Terra perto: as ilhas vulcanicas do Cabo-Verde. Depois, as Canarias. Mais dois dias, e chegavamos à Ilha da Madeira, que é uma legítima maravilha; pelo clima e pelas bellezas, um paraiso, onde se bebe o melhor vinho do mundo. Um dia mais, e Lisbôa, onde estivemos 4 horas […] (ROSA, 1999, p. 173).

Na primeira viagem fora de seu país, o contato com outras culturas e outros "sertões" foi, também, uma viagem para dentro de si mesmo. Segundo Benjamin Abdala (2003, p. 55), "[a] convivência com o diverso leva ao diálogo com o outro ´eu` […]. Projetamos [no outro] uma parte daquilo que somos, num diálogo entre um ´eu` e o ´mim próprio` que nos escapa". A permanência na Europa o conduz a um labirinto cultural, à boa educação e à ordem. Nas ruas, nos bondes, nos trens exercita a comunicação em outras línguas. Como observador atento da natureza, não demonstra decepção ou desagrado diante da paisagem européia, o que pode ser detectado pelas marginálias dos diferentes roteiros e mapas turísticos de lugares visitados, que se encontram em sua biblioteca no IEB-USP. As cartas enviadas à família nos passam a mesma impressão, bem como os contos, as poesias e as reflexões de seu livro **Ave, Palavra**. Entretanto, o escritor deixa escapar certo ar de indignação com relação às visitas aos Museus de História Natural.

Em trabalho sobre a literatura de viagem dos românticos brasileiros, Flora Süssekind (1990, p. 70) aponta para o fato de que, em relatos de excursões ao estrangeiro, o escritor brasileiro se sente comprometido com a reafirmação do cenário nativo. Tanto a aproximação por contraste quanto por semelhança reafirmam a singularidade de cada país, a intraduzibilidade das literaturas nacionais. E conclui:

> as impressões de viagens pela Europa podem de súbito converter-se em expedições pelo país de origem, em mais um exercício de paisagismo e

> mapeamento do território brasileiro. E este parece ser o destino dos possíveis relatos de viagens por outras terras, outros costumes, no caso desses primeiros românticos brasileiros. Como Taine, que, diante do mar, só enxerga o cenário parisiense, a obrigação de descrever e definir um território *nacional* faz com que enxerguem o Brasil em toda parte.

.

Esse parece ter sido o destino de Guimarães Rosa no que se refere às excursões aos Museus de História Natural, Zoos e parques europeus. Sobretudo nas visitas aos Museus, os arquivos desse viajante passam-nos a impressão de que, diante da paisagem histórica, que se erguia à sua frente, outra, só memória, preenchia sua alma. Com relação à oposição história e memória, Pierre Nora (1993, p. 9) afirma que

> a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras, projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une [...] é, por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. [...] No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. [...] A história é desligitimação do passado vivido. [...] O movimento da história, a ambição histórica não são a exaltação do que verdadeiramente aconteceu, mas sua anulação.

Para Nora, um criticismo generalizado conservaria museus e monumentos, arsenal necessário ao seu próprio trabalho, mas esvaziando-os daquilo, que a seu ver, os faz lugares de memória.

Diante disso, é provável que, nas visitas de Rosa aos Museus de História Natural, nos quais a natureza brasileira era friamente exibida em estandes, estufas e aquários, para deleite de seus visitantes, a paisagem do Brasil – viva, singular e exuberante – se interpunha ao olhar do viajante Guimarães Rosa, em direção ao passado, à revitalização repentina da memória.

Assim sendo, o escritor vai dar um salto para fora dos monumentos históricos e construir outro tipo de história, nascida da sensibilidade e interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime a "coletividade-memória"(NORA, 1993, p. 13). A percepção global de uma paisagem arrancada e separada de suas raízes o leva a tecer, com o que "ainda sobrou de vivido no calor da tradição" (NORA, 1993, p. 13), capítulos da História Natural não ilustrados por olhares europeus.

Em seu livro **Ave, Palavra,** no capítulo "Aquário (Berlim)", estruturado em forma de provérbios, Guimarães Rosa descreve um aquário, que visitou, onde, conforme o narrador, "[v]ertical, revés, [n]a água **se enjaula[m]** [...] os brasileiros, rebatizados com trens de nomes" (ROSA, 2001a, p. 57-58. Grifo nosso):

> O *bagre-blindado-azul* vai ocultar sob pedras seus chamejos furta-cores.
>
> O *bagre-couraçado-leopardo,* arisco, dá um adeus de lado.
>
> O *bagre-anão,* do Guaporé, defende-se: faz-se de chumbo e cai a prumo no fundo.
>
> A *salmocarpa-de-manchas-estreladas*, toda hidrófana exceto o estômago, foge com flufluxos frêmitos e carreirinhas treme-rabo (ROSA, 2001a, p. 58).

Entre outros peixes brasileiros citados estão o "acaráuaçu, apaiari amazônico"; o "bagre-do-arnês-estriado do Brasil Central"; a "*saumocarpa beckfordiana,* marajoara"; o "*aracá-bandeira";* o "*acaraí";* a "*perca-multicor-sarapintada-de-ocelos* brasileirinha" (p.

60). A água, que o narrador diz ser **falsamente acomodatícia** (ROSA, 2001a, p. 63. Grifo nosso) vai abrir e fechar o texto. Dispersos em outros capítulos de **Ave, Palavra**, são descritos animais da fauna brasileira encontrados em Aquários, Zoos e Museus europeus visitados; em "Histórias de fadas" o escritor vai denunciar, em forma ficcional, o tráfico, para o Velho Mundo, de animais brasileiros.

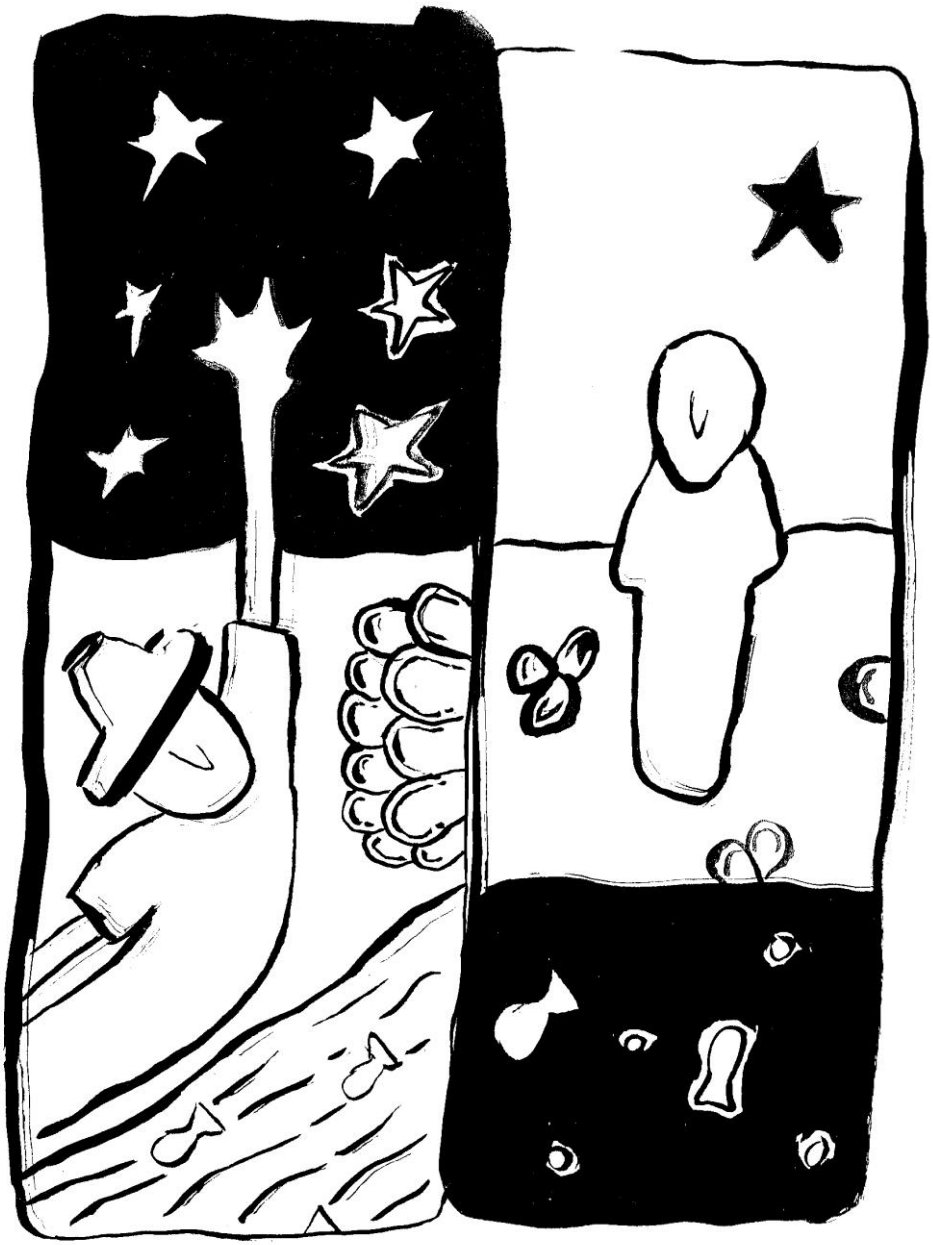
A viagem à Europa, enquanto possibilidade de aproximação por contraste (das formas da Natureza) e por semelhança (nos modos de apreensão da Natureza) leva o escritor a restabelecer seu território, localizar-se a partir de seu lugar, para dizer sua palavra na perspectiva da complexidade ambiental. Sua missão de intérprete da Natureza, portanto, se inicia com a recolha do saldo de uma intervenção racionalista, instrumental e mercantilista do homem sobre o mundo natural.

Com efeito, tendo em mãos significativo material, fruto dos dez anos de "peregrinação e aprendizagem", com seus dons naturais e o vigor da língua, Guimarães Rosa vai mostrar ao mundo que a Natureza do "Brasil é um cosmo, um universo em si" (LORENZ, 1994, p. 59), que as vozes silenciadas dos "Sertanejos sabidos sábios"[11] são ecos do *uomo universale*.[12] Vai mostrar o sertão como manifestação de leis ocultas da Natureza, fonte de vida e conhecimento, a síntese da Criação. Em íntima confraternização com o espírito divino, o escritor vai traduzir esse universo e produzir sua Arte.

---

[11] Conforme Manuelzão em "Uma estória de amor", "quase todo mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios" (ROSA, 1984a, p. 190).

[12] No final do século XVIII, como herança deixada pelo Iluminismo, atuaram os últimos espíritos universais, os talvez últimos representantes do *uomo universale* renascentista. Homens da ciência que se dedicavam a várias áreas do conhecimento e transitavam livremente entre as Ciências e as Humanidades. Cf. MAAR, Juergen Heinrich. Goethe e a história das ciências. In: *Episteme*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 95-116, jan/jun 2006.



2 TRADUZINDO A NATUREZA

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se estivesse 'traduzindo', de algum alto 'original', existente alhures, no mundo astral ou no "plano das

idéias", dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa tradução.

Neste capítulo, privilegiar-se-á a capacidade de Guimarães Rosa em interpretar a natureza. Para uma melhor apreensão do sentido de "tradutor da natureza", serão buscados suportes teóricos nos trabalhos sobre linguagem e tradução de Walter Benjamin. Destacando-se formas concretas dessa manifestação interpretativa em produções da ciência e da arte, partindo da Criação, passando pelos representantes do *uomo universale,* pelo "salto mortal" da razão e pelo "romantismo científico", chegar-se-á à obra rosiana, em que a tradução da linguagem da Natureza confere à "obra divina", condenada ao desaparecimento, uma segunda vida ou sobrevida.

2.1 Memórias da Criação: Natureza e linguagem

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

Pierre Nora

O **Gênesis,** primeira narrativa da Sagrada Escritura, inicia-se com a história da criação do mundo e de sua destruição pelo dilúvio. Conforme o narrador, durante seis dias, Deus criou o céu, a terra e todos os seus ornatos. No primeiro dia preparou a região sidérea, no segundo a atmosférica e no terceiro a terrestre. A partir do quarto dia colocou sobre cada uma, seus respectivos habitantes: os astros na sidérea; aves e peixes na atmosférica; os animais e o homem na terrestre. "[E] descansou no dia sétimo, depois de ter acabado as suas obras" (Gen. I, 2–2). "O Homem no Paraíso", capítulo seguinte, descreve um mundo em que todas as

plantas do campo, as ervas da terra, todas as "castas de árvores agradáveis à vista, e cujo fruto era gostoso ao paladar" brotavam da terra, regada por rios e fontes. Ao homem foi confiado o "hortar e guardar" (Gen., I, 2–4,20). Neste "lugar de delícias", Deus colocou a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal. Chamou, então, todos os animais que havia criado, para que o homem lhes desse nomes. "E o nome, que Adão pôs a cada animal, é o seu verdadeiro nome. Ele os chamou pelo nome, que lhes era próprio, assim as aves do céu, como os animais da terra" (Gen., I, 2 –19,20).

Em seu trabalho "Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens", Walter Benjamin (1980 apud FURLAN, 1996, p. 3-4) vai analisar a origem da linguagem a partir da Sagrada Escritura. Para ele,

> toda manifestação ou comunicação da vida espiritual/intelectual (*Geistesleben)* é concebida como linguagem. A palavra constitui apenas um caso particular, o da linguagem humana. A realidade da linguagem não se estende apenas a todos os campos de expressão espiritual do homem, mas a tudo sem exceção. As línguas das coisas porém são imperfeitas e as coisas são mudas, pois falta-lhes o som, o "puro princípio formal linguístico".

Para Benjamin (p. 4-5), a tradução da língua das coisas "não é apenas tradução do mudo para o sonoro, é a tradução para o nome daquilo que não tem nome. É [...] a tradução de uma língua imperfeita em uma mais perfeita". Portanto, Deus criou as coisas e o homem as nomeou. Ao nominar, o homem traduziu as coisas para sua linguagem, que, segundo Benjamin (1980 apud FURLAN, 1996, p. 4-5), "por ser mais elevada, pode ser considerada como tradução de todas as outras".

Prosseguindo-se à ação de Adão nomeando o mundo, o **Gênesis** narra a Criação da mulher e a violação do homem à ordem de Deus, que lhe proíbe comer o fruto da "árvore do

bem e do mal", [13] sua condenação e sua expulsão do paraíso. A respeito dessa passagem, Benjamin (1980 apud FURLAN, 1996, p. 5) afirma: "o pecado original é o ato de nascimento da palavra *humana*; é a palavra que saiu fora da língua nominal, conhecedora". Endossando o pensamento benjaminiano, escreve Furlan (1996, p. 5-6):

> [p]elo pecado original, que é o desejo de julgar as coisas e não o de conhecê-las, o homem perde a capacidade de conhecer as coisas em sua essência, e seus nomes não mais as revelam em si. [...] A linguagem edênica se transforma em linguagem babélica, que sempre tenta reaver a capacidade de conhecimento das essências, mas tudo que pode é opinar, julgar, dividir, comunicar através da língua.

Conforme Furlan (1996, p. 17), essa concepção da linguagem resultará nas teses presentes na "teoria da tradução" de Benjamin, segundo a qual a tradução não visa à comunicação, ou à recepção, mas sim a expressão da "realidade da 'língua pura' que se reflete nas línguas do original e da tradução, da obra de arte e sua 'reprodução".

Pois bem, no princípio Deus criou, e o homem nomeou. Nomeando, o homem conhece a essência das coisas e as domina. Com o pecado original, o homem se eleva da terra, perde a humildade, quer se igualar a Deus e julgar as coisas. "Seu castigo foi a perda da capacidade de conhecimento e a consequente necessidade de comunicação". Nesse sentido, sem a capacidade de conhecer a essência do mundo natural, sem perceber, o homem constrói a "Babel ambiental".

De volta ao **Gênesis,** encontramos a história do extermínio da descendência de Adão e Eva pelo dilúvio:

---

[13] *Árvore do bem e do mal:* aquela cujo fruto daria experimentalmente ao homem o conhecimento de quanto mal acarreta o desobedecer a Deus e consequentemente o grande bem que perde aquele que desobedece. Cf. **Gênesis,** I. Notas, p. 2.

> Vendo pois Deus que a malícia dos homens era grande sobre a terra, e que todos os pensamentos dos seus corações, em todo o tempo eram aplicados ao mal: arrependeu-se de ter criado o homem no mundo; e tocado interiormente de dor, disse: Eu destruirei de cima da face da terra o homem, que criei. Estenderei a minha vingança desde o homem até aos animais, desde os répteis até às aves do céu: porque me pesa de os ter criado. Porém Noé achou graça diante do Senhor (Gen. I, 6–5,8).

Segundo o narrador, Noé toma "de todos os animais limpos sete machos e sete fêmeas; e dos animais imundos dois machos e duas fêmeas" (Gen., I, 7 – 2) e com sua família refugia-se numa arca. Tomou, ainda, das aves, sete machos e sete fêmeas e supriu de alimento, o abrigo. Durante quarenta dias e quarenta noites caiu chuva sobre a terra e todos os mais elevados montes ficaram cobertos. "Todos os homens morreram; e geralmente tudo o que tem vida e respira debaixo do céu. […] Ficaram somente Noé, e os que estavam com ele na arca. E as águas tiveram a terra coberta cento e cinquenta dias" (Gen. I, 7 – 21,24). Ao avistar os primeiros cumes dos montes, Noé deixa sair o corvo. A ave não retorna. Despede também a pomba. Como não achasse onde pôr o pé, a ave retorna à arca. Depois de outros sete dias, pela segunda vez, Noé solta a pomba. Ao cair da tarde, ela volta, trazendo no bico um ramo verde de oliveira. Esse foi, portanto, o sinal seguro de que a Natureza destruída pelo dilúvio estava em reconstrução.

Em "A doutrina das semelhanças" e "Sobre a faculdade mimética", Benjamin (1993, 1967 apud FURLAN, 1996, p. 7-8) expõe sua tese de que "a linguagem seria a maior expressão da capacidade de imitação do homem". Para ele, a palavra escrita assemelha-se à falada por correspondências supra-sensíveis, assim como outrora se assemelhava às coisas através dos hieróglifos, através de semelhanças sensoriais. "Ler o que nunca foi escrito" é a leitura mais antiga, anterior a toda a língua: a leitura das vísceras, das estrelas ou das danças. Supõe-se que, a partir disso, passando pela leitura de hieróglifos, deu-se o ingresso da

faculdade mimética na escritura e na língua. Assim a língua seria o estágio supremo do comportamento mimético e o mais perfeito arquivo de semelhanças imateriais.

A imagem da pomba com o ramo verde, ao cair da tarde, permite a Noé traduzir um recado divino. Esse como muitos outros sinais de Deus, passando pela leitura de hieróglifos, da faculdade mimética da escrita e da língua, acompanharam a história da humanidade. Vale a pena, ainda hoje, recordar o acordo celebrado entre Ele e todas as criaturas e que encerra a narrativa do dilúvio:

> E Deus abençoou a Noé e seus filhos, e disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra [...] Em vossas mãos pus todos os peixes do mar. Sustentai-vos de tudo o que tem vida, e movimento: eu vos deixei todas estas coisas quase como os legumes e ervas. Excetuo-vos somente a carne misturada com sangue, da qual eu vos defendo que não comais [...] Eis vou eu a fazer um concerto convosco; tanto aves, como animais domésticos, e bestas feras do campo; com todos os que saíram da arca e com todas as bestas da terra. Vou a fazer um concerto convosco, e não tornarei mais a fazer morrer pelas águas do dilúvio todos os animais; nem daqui em diante haverá mais dilúvio que assole a terra. E disse Deus: Eis aqui o sinal do concerto, que eu vou fazer convosco, e com toda a alma vivente que está convosco, em todo decurso das gerações futuras para sempre. Eu porei o meu arco nas nuvens, e ele será o sinal do concerto, que persiste entre mim e a terra. […] e eu vendo-o, me lembrarei do concerto, que há entre Deus e todos os animais, que animam toda a carne que há sobre a terra (Gen., I, 9, 1–17).

Portanto, podemos reconstituir a Criação e o passado do mundo, tal qual ele era concebido nos tempos bíblicos, reportando-nos às narrativas, poesias, paralipômenos (crônicas), salmos, provérbios e parábolas, do Antigo e do Novo Testamento. Neles, as alianças estabelecidas entre Deus e a humanidade entrelaçam-se, tendo como cenário, tema, trama e personagens, o mundo natural.

Muito já se escreveu sobre o sentido das palavras das Escrituras, que sempre despertaram o interesse de pesquisadores, como é o caso do historiador da ciência, Stanley Jaki. Em sua obra **Science and Creation**, condensando o testemunho do Antigo Testamento, ele escreve:

> O mundo como obra artesanal que é de uma Pessoa sumamente racional, está dotado de ordem e propósito. Essa ordem é evidente em tudo o que nos cerca. A regularidade das estações, a trajetória infalível das estrelas, a harmonia dos planetas, o movimento das forças da natureza segundo ordenamentos fixos –, tudo isso são resultados do Único em quem se pode confiar incondicionalmente (1986 apud WOODS JR., 2008, p. 73-74).

A idéia de um universo racional e ordenado, indispensável para o progresso da ciência, que teria passado despercebido por civilizações inteiras, é compartilhada por Thomas Woods (2008, p. 71-72) em sua pesquisa sobre a participação da Igreja na construção da Civilização Ocidental**.**

Por sua vez, em **A ordem ambiental internacional**, o geógrafo Wagner Ribeiro (2001, p. 71) observa:

> [n]os escritos sagrados encontram-se as justificativas tanto para o domínio da espécie humana na Terra quanto para a proteção das demais formas de vida. No primeiro caso, caberia ao homem reinar no planeta, já que é o único ser semelhante a Deus. A decisão de proteger animais decorreu do reconhecimento de que eles também têm direito à vida. Do contrário, Deus não os teria criado, argumentavam os que propunham a sobrevivência dos animais.

Porém, a história da relação do homem com o mundo natural nos mostra que "a espécie humana" se esqueceu das alianças firmadas com seu Criador e foi perdendo a capacidade de tradução do "arquivo da linguagem da natureza". Hoje, dominados por uma visão reificadora, a favor de interesses econômicos, da técnica e do progresso, os homens já não se lembram, segundo Marsh (1864 apud DIEGUES, 2001, p. 30), "de que a terra lhe foi concedida para usufruto e não para consumo ou degradação". Esquecem-se, no entender de Krutch, (1958 apud DIEGUES, 2001, p. 33) de que "a utilização da natureza pelo homem é

benéfica até o ponto em que não interfere drasticamente no ecossistema como um todo" e de que "tudo na natureza tem seus limites, inclusive o progresso humano".

Para uma reflexão a respeito do "arquivo da linguagem da natureza", retornamos a Walter Benjamin (1980 apud FURLAN, 1996, p. 14-17) em seu trabalho sobre tradução. Se para o pensador, o que se busca na tradução é a representação ou produção da própria língua pura, a tarefa do tradutor consiste em "resgatar em sua própria língua a língua pura [do arquivo da natureza]". E em "liberar, pela repoetização (Umdichtung), a língua pura, cativa na obra (Dichtung)":

> A obra (*Dichtung)* do poeta (*Dichter)* é fruto do poetizar (*Dichten).* O tradutor (*Übersetzer)* deve repoetizar (*umdichten)* para re-criar aquela obra (*Umdichtung).* [...] A tradução deve trazer para a forma de sua própria língua o modo de significar do original. [...] A tarefa do tradutor é provocar o amadurecimento, na tradução, da semente da língua pura.

Portanto, no que toca à tradução da linguagem da natureza, é preciso deixar-se seduzir pelo fascínio da essência de seu significado, para depois resgatar a verdade divina e liberar pela "repoetização" a semente da língua pura.

Porém, no mundo de hoje, em que a relação do homem com a natureza é dominada por uma visão mercantilista e tecnicista de que forma os tradutores da natureza se expressam? De acordo com Benjamin,

> o que houver de revelação e for possível ao tradutor-profeta intuir, reconhecer, será também anunciado sob forma indizível, misteriosa, poética. O tradutor não deve jamais se arvorar em juiz julgando a obra de arte (*Dichtung)* ou o poeta (*Dichter).* Seu papel é, como o do profeta, de instrumento, de trans-positor, trans-formador, re-formador, re-poetizador (*Umdichter)* da poesia, do modo de significar do original (apud FURLAN, 1996, p. 18).

Num diálogo com o pensador diríamos que, em sua missão profética de reconduzir a linguagem "babélica ambiental" à linguagem edênica, harmonizadora, o tradutor da Natureza reconhece nos significantes algo da linguagem pura dos nomes, do conhecimento das essências. O movimento não é mais de Deus ao homem através do profeta, mas do homem a Deus através do tradutor". O tradutor é aquele que lê na Natureza a verdade divina.

Toda essa reflexão em torno da concepção benjaminiana de linguagem e tradução e sua aplicação à linguagem da Natureza nos remetem a Guimarães Rosa e reforça seu caráter singular de "autor-tradutor", cuja obra, talvez venha a ser, a última tradução da linguagem da Natureza.

Segundo Fantini (2003, p. 143), ao lado do exercício de repoetização da "língua pura", Rosa teria desenvolvido uma teoria da tradução, na qual autor e tradutor não se distinguem, na busca do "original sagrado". "Quando escrevo um livro", confessa Rosa, ao tradutor Bizzarri (1981, p. 63-64),

> vou fazendo como se estivesse "traduzindo" de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no "plano das idéias", dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando nessa "tradução". Assim, quando me "re"-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do "original ideal", que eu desvirtuara.

O domínio de vários idiomas, o "refinado domínio teórico" sobre linguagem e tradução, o faz impor ao trabalho de seus tradutores o mesmo rigor que confere à sua criação. "Traduzadaptação" (termo cunhado por Rosa) e "transcriação" são recursos sugeridos aos tradutores, com intenção de proteger sua obra de más traduções e de "preservar não apenas o conteúdo, mas sobretudo a fatura poética implicada no modo de intencionar a forma de seus originais" (FANTINI, 2003, p. 143).

Protegendo sua obra, o escritor estaria preservando a tradução do "original sagrado", que ele buscara da mesma forma que os homens da era messiânica, sobre os quais falou Haroldo de Campos (1984, p. 4-5):

> [...] na era messiânica da reconciliação e da totalidade harmônica, quando todos os homens são filósofos, lêem nos céus o mapa estelar dos caminhos; ou são tradutores, podendo ler a verdade nas entrelinhas do texto sacro, plenamente (por definição) traduzível porque instalado na plenitude da presença.

Porém, quando os homens já não leem no céu o "concerto de Deus", que sinaliza o caminho de volta para a "internalização de uma relação de simbiose autêntica e duradoura dos seres humanos com a natureza" (LEFF, 2002, p. 204), a "transcriação rosiana" da Criação seria um instrumento para a prática da "Lectio Divina."[14]

Enfim, Benjamin, Rosa e Campos ao nos apontar o sentido de "tradução da natureza", ao mesmo tempo reforçam a ideia de que máquinas e tecnologias jamais substituirão o homem nessa tarefa. Tem-se como exemplo os modernos computadores, os quais destituídos de sensibilidade para conhecer a essência, a linguagem pura das coisas, são imprecisos em suas traduções de línguas, de sinais do céu, de sinais atmosféricos, de sinais terrestres, do sentido das alianças estabelecidas entre Deus e os homens.

2.2 Memórias da Natureza: criações e traduções

[14] "Lectio divina": Método praticado nas sinagogas, para meditar as Escrituras, segundo o qual primeiro deve-se ler o texto, depois procurar "traduzi-lo" (compreender as palavras, o contexto histórico, a simbólica da época), em seguida atualizá-lo (compreender o eco do texto na atualidade). Cf. **Voz de Fátima,** Ano 10 – 512. Belo Horizonte: Paróquia Nossa Senhora de Fátima, 24 jan 2010.

É a este retorno que Goethe se refere: retorno à Natureza, sim, porém apenas com as riquezas do espírito evoluído, com a altura da erudição da época moderno.

Steiner

Vários foram os momentos da história da humanidade, em que a Natureza se fez presente como matéria-prima e inspiração nas criações da ciência e da arte. Essas marcas deixadas na cultura do Ocidente e do Oriente têm em suas estâncias, os representantes do *uomo universale* – assim definido por Leon Battista Alberti os espíritos universais, homens da ciência que se dedicavam às várias áreas do conhecimento.[15] Transitando livremente entre as Ciências e as Humanidades, essas figuras lançaram novas luzes sobre o entendimento dos mistérios de um universo racional e ordenado no qual "o vínculo que há entre a racionalidade do Criador e a constância da natureza merece ser notado porque é aí que se encontram os começos da idéia de que a natureza é autônoma e tem leis próprias" (JAKI, 1986 apud WOODS JR., 2008, p. 72).

Com os recursos da interdisciplinaridade e o consentimento da subjetividade recolhemos referências da História, sobretudo a partir da "Idade Moderna", em que a relação homem e natureza pode ser evidenciada.

2.2.7 A Idade Moderna: a "Idade da Máquina"

O tema central do pensamento filosófico e científico do período que vai de 1500 a 1850, consistiu no triunfo da razão e do método experimental sobre a fé e o princípio da autoridade. Na busca do conhecimento do imensamente grande e dos corpos infinitamente

---

[15] Sobre esse aspecto, conferir: HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte,** v. I, 1982. p. 427-428. Conforme Hauser , a concepção da arte científica, que forma a base da instrução nas academias, começa com Leon Battista Alberti, que teria sido o primeiro a exprimir a ideia de que a matemática é terreno comum da arte e das ciências, e que as teorias das proporções e da perspectiva são ambas ciências matemáticas. Foi também o primeiro a dar expressão clara àquela união do técnico experimental e do artista que observa, que já havia sido posta em prática por Masaccio e Uccello.

pequenos, em especial os organismos vivos, a invenção do telescópio e do microscópio permitiu, ao homem, uma nova atitude frente ao universo. Um universo que se alarga, com a descoberta da América e a incorporação do conhecimento dos aborígenes. Dessa forma o período de progressos rápidos que se instalou na Europa vai desmoronar aquela "concepção medieval da natureza primitiva e afastada da realidade e assistir ao gradual desenvolvimento do espírito científico moderno" (HAUSER, 1982, p. 120).

Figuras como as de Copérnico, Vesalio, Kepler e Galileu serão imortalizadas pelas contribuições à chamada Ciência Natural. O surto da astronomia moderna se dará simultaneamente à renovação da ciência biológica, com a publicação, em 1543, da obra de Copérnico **De Revolutionibus** (em que derruba a doutrina de Ptolomeu de que a Terra era o centro do Universo) e a obra de Andrés Vesalio **De Humani Corporis Fabrica**, que corrige os escritos de Galeno, nos quais havia se inspirado (ALONSO, 1998, p. 24-28).

Conforme Taylor (1941, p. 133-134), a partir do momento em que a filosofia e a religião decidem separar-se e seguir caminhos próprios, os "espíritos universais" desvanecem. Tal como num último suspiro, Paracelso (1493-1541), com suas atividades de físico, alquimista e místico, ao mesmo tempo em que vai criticar o sistema de ensino médico (baseado em Galeno) operante na Europa vai introduzir sua teoria médica, um amálgama do físico com o sobrenatural, expressa em estilo fantástico. De acordo com Alonso (1998, p. 24-27), Paracelso foi um grande observador dos fenômenos naturais e afirmava que "nossos prados e montes são nossa farmácia ,[...] a medicina se funda na natureza [e] a natureza é a mestra do médico, já que ela é mais antiga que ele e ela existe dentro e fora do homem". Admitia ele a ideia de que o homem é um ser que está unido ao universo, não podendo dele separar-se. Considerou, também, que dentro de cada organismo existia uma força curativa que podia ser ativada com os elementos da alquimia que ele propunha. Estes trabalhos provocaram uma forte divisão no mundo científico, que perdurou até o século seguinte.

Taylor (1941, p. 142-143) traça o panorama que atravessa o século XVI e XVII, no qual o surto da ciência moderna erguerá um número cada vez maior de vozes contra a autoridade dos antigos e a favor da indagação pessoal. Segundo o historiador, determina-se que o melhor caminho para se chegar a um conhecimento efetivo sobre a Natureza deveria ser levado a cabo através do Método Científico. A ideia operante passa a ser a de que "só aquilo que pode ser explicado com a razão é perfeitamente válido." Em oposição a esse pensamento, achavam-se os ortodoxos – que viam na Bíblia uma explicação exata do passado, um guia para o presente e o futuro – e os místicos – que rejeitando a significação literal das palavras das escrituras, nelas encontravam um sentido secreto. Todavia, afirma Taylor, "os filósofos dos séculos dezessete e dezoito não rejeitavam de todo a ideia da existência de uma Divindade, nem tampouco atacavam os fundamentos da moral humana; procuravam, ao contrário, demonstrar que, da aplicação da razão ao comportamento humano, tinha que surgir uma 'Religião Natural".

No que concerne ao desenvolvimento da história natural durante o século XVIII, dois centros europeus concentraram as mais importantes atividades: Paris e Uppsala, na Suécia. Em Uppsala, Lineu estabeleceu uma das mais sólidas e importantes redes científicas do período. Entre seus correspondentes figuravam sábios e notáveis de toda a Europa, como Bernar de Jussieu, Catarina II da Rússia, José Francisco Corrêa da Serra, Joseph Banks e Domenico Vandelli. Conforme Kury, além de sistematizador da nomenclatura binominal e propositor do sistema sexual para a classificação dos vegetais, Lineu tinha "preocupações filosóficas e práticas amplas" (KURY, 2008, p. 73). Ficou conhecido como o sistematizador da moderna concepção de "economia da natureza". Defensor da ideia de que tudo na Natureza se interconecta e tende para o equilíbrio, encontram-se em seus escritos, bem como nas teses defendidas por seus alunos, reflexões sobre essa dinâmica, segundo a qual,

> A menor planta ou o mais cruel predador têm sua função de servir de alimento ou limitar o crescimento de algumas populações. As estações do ano, as chuvas, os diferentes solos e climas se vinculam aos diferentes animais, com seus hábitos peculiares, e às plantas do lugar (KURY, 2008, p. 73).

Por outro lado, a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra por volta de 1750, vai provocar mudanças nos modos de vida das populações e nas formas de relacionamento do homem com o mundo natural.

Conforme Hauser (1982, p. 704) no último terço do século XVIII a investigação científica será dominada pelo ponto de vista tecnológico. Fazem-se invenções porque existe uma procura maciça de produtos industrializados. A mecanização e a racionalização da produção entram agora em fase decisiva do seu desenvolvimento em que o passado é definitivamente liquidado. O abismo entre o capital e o trabalho passa a ser intransponível; o poder do capital, por um lado, e a pressão econômica e a degradação da Natureza, por outro lado, atingem uma fase em que toda a atmosfera da vida se modifica. Por muito longe que os inícios desta evolução datem, é nos fins do século XVIII que ela conduz a um mundo novo, conclui Hauser, para o qual

> [a] Idade Média, com tudo que dela resta [...] desaparece de uma vez, para sempre, para dar lugar a uma organização de trabalho baseada apenas em oportunismo e cálculo, e a um espírito de brutal individualismo competitivo. Com a "fábrica" totalmente racionalizada a funcionar dentro destes princípios, inicia-se a "idade moderna" no verdadeiro sentido do termo – a "idade da máquina".

Nesse cenário, que se estenderá pelos séculos seguintes, por volta de 1830, acontecem as "primeiras escaramuças" entre aqueles que se colocavam em favor do Criacionismo e os que acumulavam "provas de que a Bíblia não constituía um relato rigoroso, nem histórica, nem cientificamente". Porém, tanto místicos quanto racionalistas, provocaram pequeníssima

impressão no grande público. Os únicos setores da ciência que se empenharam seriamente no conflito com a religião foram a Geologia e a Biologia evolucionista. Em 1859, "com a publicação da teoria da evolução de Darwin a controvérsia toma uma feição nova e a batalha principal se fere" (TAYLOR, 1941, p. 143-144).

A respeito do panorama que se instala no meio científico, o historiador escreve:

> Darwin, êle próprio, mostrava-se absolutamente reticente quando se tocava nas questões religiosas, sendo êle um agnóstico com tendências para o deísmo. Mas T.H. Huxley, tão grande na biologia como na polêmica, desceu intemeratamente à liça, em defesa da Evolução. Oxen e Sedgwick não acreditavam na evolução e havia muitos geólogos e biologistas mais velhos que os secundavam; os mais moços, geralmente, fizeram boa acolhida à teoria nova. […] O resultado da controvérsia, como todos nós sabemos, foi o quase total abandono da crença numa criação especial (TAYLOR, 1941, p. 242).

Para Taylor (1941, p. 242) as tentativas no sentido de arquitetar "credos científicos" não obtiveram sucesso e adverte:

> se algum dia o pensamento puder explicar-se em termos de energia e material, então sim, haverá lugar para uma religião científica. Mas enquanto esse acontecimento sumariamente improvável não se realiza, a conduta humana terá que se orientar por uma mistura de considerações. Até lá hão de conviver, a ciência como maneira útil de lidar com as "coisas" de modo a transformá-las à nossa vontade e o método simbólico e místico de pensamento, como meio de se chegar a idéias que consigam transformar os "espíritos".

2.3 O pensamento científico, as letras e o "salto mortal" da razão

Postas todas essas postulações e considerações, verifica-se que, não apenas hoje, mas ao longo da história da humanidade, não raros pensadores se ocuparam em estabelecer relações entre natureza e cultura, ciência e literatura.

Referindo-se ao entrelaçamento da ciência com a literatura, escreveu, certa vez, Tristão de Athayde (1976, p. 11):

> [...] Goethe, exemplo máximo com Pascal, da absoluta compatibilidade entre ciência e literatura, ligou para sempre *Dichtung und Warheit*, a poesia e a verdade, como síntese de sua própria personalidade universal e como símbolo das duas faces perenes do ser humano. Espírito científico e espírito literário não se opõem, completam-se. O espírito científico comunica ao espírito literário a precisão do pensamento, a concisão do estilo, a humildade e a honestidade. O espírito literário comunica ao espírito científico a liberdade e a largueza do pensamento, a criatividade, o senso do humor e a gratuidade da beleza.

Por sua vez, Jeremy Adler (1989, apud SCHWEDT, 1998), num estudo sobre Goethe, considerou a obra **Afinidades Eletivas**, como sendo o exemplo clássico da reciprocidade entre ciência e literatura. Para ele, o romance de Goethe não mostra somente a influência de uma sobre a outra, "mas também como a literatura pode referir-se a questões científicas". "A importância da ciência não se resume a um reflexo estético", afirma Adler, para o qual "mesmo no campo da estética a ciência preserva seus valores próprios. Para ele, em Goethe, a abordagem literária eterniza uma teoria científica, ao mesmo tempo em que os conteúdos científicos presentes no romance 'conferem-lhe algo de seu rigor".

Endossando esse pensamento, Maar (2006, p. 103) em trabalho sobre a história da ciência, considerou Goethe (1749-1832) como sendo "o homem de letras que mais perto chegou das ciências". Segundo o ensaísta, fazendo interagir o pensamento científico com as letras, a obra literária de Goethe facilita nosso entendimento sobre a alquimia, após os efeitos da Revolução Científica e do Iluminismo. E acrescenta que,

> [f]icam patentes em Goethe a filosofia como ponto de partida para se chegar às ciências específicas, bem como a presença não de um Deus mas de um pensamento teológico "panteísta" de piedade, respeito e quase adoração do mundo criado e do Criador […] Ele é muito mais um elo de ligação entre a ciência (e o conhecimento) antiga e a ciência (e o conhecimento) moderna,

> entre ciência e arte/poesia, entre o espiritual e o material, e nesse sentido o estudo da atividade científica do poeta é mais atual do que nunca.

Maar ressalta, ainda, o valor científico da obra de Goethe, na qual é possível se encontrar cerca de cem biografias e transcrições de textos de físicos e químicos, como o enciclopedista Denis Diderot (1713-1784), que, além de principal mentor da **Encyclopédie**, escreveu obras literárias. Outro representante da galeria de Goethe é Joseph Priestley (1733-1804), por seus trabalhos de Física, Química e História da Ciência e sobre temas teológicos, políticos, sociais e educacionais e, sobretudo, por sua importante descoberta da ação da luz solar sobre as plantas, tornando respirável uma atmosfera carregada de anidrido carbônico. Todos, enfim, são exemplos ilustrativos da própria atividade científica do poeta: "uma combinação de intuição artística e fantasia com o procedimento metodológico da ciência moderna como sendo vantajoso para se alcançar o verdadeiro conhecimento" (KLINGER apud MAAR, 2006, p. 102).

Portanto, o "período goetheano" (*Goethezeit),* considerado um prolongamento do Iluminismo e um prenúncio do Romantismo alemão será a última representação de uma forma de aquisição do conhecimento "interdisciplinar". "Não só ciência, mas também não só arte, não só poesia, não só filosofia", proclamava Goethe (apud MAAR, 2006, p. 102). Porém, enquanto, em seu *Probierkabinet (Gabinete de ensaios)* o poeta se ocupava das letras, da "Metamorfose das plantas", da química, da anatomia comparada, da embriologia, da mineralogia e geologia, lá fora, o conhecimento do mundo se fragmentava. As últimas exposições do conhecimento integral, que aliavam elegância literária e exatidão científica, expiram.

Para Taylor (1941) e Hauser (1982, p. 882), o século XIX será o marco divisor da história do conhecimento humano. O ano de 1850, conforme Taylor, marcará o início da reivindicação de autonomia pelas ciências. Para Babini (1951, p. 169), a partir daí, não só as

ciências, mas também a filosofia, a psicologia, a pedagogia, a história, a filologia, a etnografia, a sociologia e a economia passam a requerer maior autonomia e especialização, dissolvendo, de uma vez por todas, o conhecimento integral.

A fragmentação do conhecimento teria esterilizado as sementes germinadoras do *uomo universale*, e cortado, para sempre, as raízes sustentadoras da relação do homem com o mundo natural, a sensibilidade e a capacidade de interpretar a linguagem da Natureza.

Conforme Hauser (1982, p. 882), a literatura será testemunha da "homogênea e orgânica evolução intelectual", que envolveu as gerações de 1830 a 1910 e do "racionalismo econômico que acompanhou a par e passo a industrialização progressiva e a absoluta vitória do capitalismo, o progresso das ciências exatas e históricas e o 'cientismo' filosófico geral que com ele se relaciona". Os romances de Sthendal e Balsac serão os primeiros livros a se ocuparem dos problemas vitais, das dificuldades e conflitos morais desconhecidos das gerações anteriores, da experiência de uma revolução falhada e do realismo político que daí resulta.

A respeito das tendências fundamentais do moderno capitalismo, contexto no qual atuaram essas gerações, procuramos resumir as conclusões de Hauser (1982, p. 888-890). Para o historiador, esse sistema tornou-se independente dos que o mantêm, e transformou-se num mecanismo cujo progresso nenhuma força humana pode refrear. Esta automatização é o que há de sobrenatural no capitalismo moderno, o demonismo que Balsac descreveu de maneira terrificante. À medida que os meios e os pressupostos do êxito econômico são subtraídos à esfera de influência do indivíduo, o sentimento de insegurança, de se estar à mercê de um monstro despótico torna-se cada vez mais forte. E à medida que os interesses econômicos se cruzam e entretecem, a luta torna-se cada vez mais desesperada, mais desenfreada, o monstro cada vez mais multiforme e a ruína final cada vez mais inevitável. Por fim, todos se encontram rodeados por todos os lados de rivais e inimigos, a luta generaliza-se

e torna-se recíproca, cada um ocupa a primeira linha de uma guerra, sem remissão, universal, realmente total. “Tudo parece provisório, inseguro, instável. Donde o ceticismo e pessimismo geral, o sentimento de sufocante ansiedade que permeiam o mundo de Balsac e que ficam sendo o caráter dominante da literatura da era capitalista”.

O “salto mortal” da razão colocará em risco permanente uma nova geração de homens, cuja sensibilidade e capacidade de interpretar a linguagem da Natureza como “busca do original sagrado” são substituídas pela ambição e pela profanação do mercado. Mas os modos de vida impostos pelo racionalismo econômico provocará reações.

2.4 O Romantismo e o despertar da questão ambiental

De acordo com Keith Thomas (1983 apud DIEGUES, 2000, p. 23-24), as primeiras ideias preservacionistas do meio ambiente surgiram no início do século XIX, como reação aos modos de vida impostos pela Revolução Industrial. A vida no campo, em oposição à das cidades, passou a ser idealizada, sobretudo pelas classes sociais não diretamente envolvidas na produção agrícola. O crescimento urbano criou certo sentimento antissocial ou antiagregativo, originando uma atitude de contemplação da natureza selvagem, lugar de isolamento e reflexão espiritual. Nessa valorização do mundo natural e selvagem, o artista romântico teve papel fundamental. “Estes fizeram da procura do que restava de ‘natureza selvagem’, na Europa, o lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime”.

Para a história, o Romantismo irá traçar “os limites entre cultura moderna e antiguidade clássica, reconhecer no Cristianismo a grande linha divisória da história do Ocidente e descobrir a comum natureza ‘romântica’ de todas as culturas individualistas, reflexivas, inquisitivas, derivadas do Cristianismo” (HAUSER, 1982, p. 822).

Conforme Candido (2006, p. 341), na Literatura o Romantismo será momento de uma concepção nova do papel do artista e do sentido da obra de arte. "[I]mportam agora a natureza e o artista; de permeio a arte, sempre aquém da ordem de grandeza que lhe competia exprimir e, por isso mesmo, relegada a segundo plano". E conclui:

> Paralelamente, altera-se o conceito de natureza. Em vez de ser, como para os neoclássicos, um *princípio,* uma expressão do encadeamento das coisas, apreendido pela razão humana, que era um de seus aspectos, torna-se cada vez mais, para os românticos, o mundo, o cosmos, a natureza física cheia de graça e imprecisão, frente à qual se antepõe um homem desligado, cujo destino vai de encontro ao seu mistério. O individualismo, destacando o homem da sociedade ao forçá-lo sobre o próprio destino, rompe de certo modo a idéia de integração, de entrosamento – quer dele próprio com a sociedade em que vive, quer desta com a ordem natural entrevista pelo século XVIII. Daí certo baralhamento de posições, confusão na consciência coletiva e individual, de onde brota o senso de isolamento e uma tendência invencível para os rasgos pessoais, o ímpeto e o próprio desespero (CANDIDO, 2006, p. 342).

Por sua vez, Freitas (2002, p. 38) salienta que o pensamento sobre a natureza, desenvolvido no ambiente histórico-literário do romantismo alemão, fonte inspiradora de outros movimentos românticos, inclusive o brasileiro, acabava por ser nada menos que uma "teologia natural", um verdadeiro sistema metafísico de interpretação da natureza. "Todas as catástrofes ou transformações por que tenham passado a terra e os seres vivos seriam antes de tudo elementos de um plano único e definido pela Criação". Para Freitas, nesse momento em que a revolução darwinista afirmava mundo afora uma visão racional e desencantada da natureza, as ciências naturais ganhavam impulso no Brasil, "através de um estatuto romântico, através de uma visão teológica e finalista da natureza que já não respondia às perguntas decisivas que os novos cientistas estavam fazendo a si mesmos e ao mundo natural".

Diante do exposto, compreende-se como o "romantismo científico" do século XIX impulsionou a constituição de certo pensamento sobre questões ambientais insurgentes. Além da literatura e da história, a ciência, agora, ocupará lugar central na reconstituição do passado, mediada pelo discurso dos naturalistas-viajantes, sobretudo por aqueles que buscavam nos trópicos elementos para a reinvenção do mito do "paraíso perdido". A teoria da *Origem das espécies* dominará a segunda metade do século e vai provocar contradições entre os naturalistas que conservavam uma visão romântica das ciências naturais e os que apoiavam o empirismo racional de Darwin.

Em sua pesquisa sobre Charles Hartt, viajante naturalista que esteve no Brasil na segunda metade do século XIX, Freitas (2002, p. 86) reconhece que antes da separação definitiva entre a linguagem da ciência e da literatura, cientistas como Hartt continuarão a misturar as duas ordens do discurso. Mesmo tendo substituído o olhar que se encanta, pelo olhar que classifica, tecniciza e explora a paisagem, o discurso do cientista continuará a ter um estatuto ambíguo. "[U]ma verdadeira pedagogia, capaz de levar os homens ao encontro de Deus no livro da Natureza" (FREITAS, 2002, p. 109). O trabalho do naturalista regido por uma "vocação superior" e com o caráter de missão, sobre a qual falou Candido (2006, p. 344), dirigindo-se aos poetas, pode ser medido, pela descrição de Hartt, da paisagem descortinada do alto do Corcovado:

> Se o geólogo possuir uma alma, algum gosto pelo belo, não encontrará um cenário mais capaz do que esse para, no meio de sua fria análise dos elementos topográficos e geológicos, impressionar-lhe como uma obra de arte. Não conheço cenário que mais me tenha impressionado – não só como observador científico, mas também como homem – do que esse que das circunvizinhanças do Rio se desfruta do alto do Corcovado. Há nele mil aspectos de observação e estudo [...] quem pode mentalmente rememorar todas as leis geológicas e climáticas, todas as leis naturais, enfim, que determinam a beleza e a utilidade desse cenário – quem contempla tudo isso e não sente a sua alma vibrar em homenagem ao Artista cujas mãos modelaram os continentes, gravaram esses contornos, espalharam sobre eles o seu manto de vegetação e povoaram-no de seres, não foi além do *abc* e da

> gramática da sua ciência, nem pode fazer idéia da literatura da natureza (HARTT,1941 apud FREITAS, 2002, p. 109).

Darwin nos passará a mesma sublimidade, na passagem abaixo de seu diário, em que descreve sua excursão por uma floresta brasileira:

> Satisfação é um termo fraco para exprimir os sentimentos de um naturalista que passeia só, numa floresta brasileira, pela primeira vez. Entre a quantidade de coisas notáveis estão os luxuriosos capins, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores, o rico verde da folhagem. Tudo enche de alegria. A mistura mais paradoxal de sons e silêncio penetra nas partes sombrias do mato. O ruído dos insetos é tão alto que pode ser ouvido até num navio ancorado a várias centenas de jardas da praia, contudo, dentro dos recessos da floresta, parece reinar um silêncio absoluto. Para quem gosta da história natural, um dia assim traz um prazer tão profundo que dificilmente se pode esperar ter outro (apud LEITE, 1997, p. 208).

Podemos, portanto, afirmar que do "romantismo científico" escapa um olhar vacilante, que sente a história, exprime com a alma o presente, "como uma tentativa de fuga para o passado" (HAUSER, 1982, p. 820) e que tem dúvidas e incertezas quanto ao futuro. Nesse momento emergem indagações sobre a relação do homem com a Natureza, acompanhadas de uma nova forma de reflexão sobre questões ambientais, até então, desconhecidas, e que ainda hoje desafiam a ciência. A esse respeito escreve Dentzl (www.ajes.edu.br/arquivos/2008):

> […] a questão ambiental não pode estar desvinculada de uma reflexão ampla em torno dos fatores que historicamente contribuíram para a produção de uma cultura que pretende a todo custo o domínio sobre a natureza. Tal reflexão deve ser crítica em relação às epistemologias que propagam a cisão entre homem e natureza […] Assim, o saber ambiental emerge como um questionamento acompanhado de uma filosofia crítica às vertentes positivistas fundadoras da racionalidade instrumental e à ciência moderna. Nesse sentido a educação ambiental implica uma revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma ruptura epistemológica (BACHELARD), uma

> transformação do conhecimento e das práticas educativas (LEFF) e um aprender a conhecer a partir de um "repensar o já pensado" (HEIDEGGER), para se construir um conhecimento novo baseado em uma abordagem que integre os potenciais da natureza, os valores humanos e as identidades culturais em práticas produtivas sustentáveis (LEFF).

Com relação à necessidade de construção de um saber ambiental, Mendonça (1998, p. 74) lembra que a "ciência, sozinha, não conseguirá resolver os problemas ambientais do planeta". É preciso "ultrapassar o campo do *logos* científico e abrir um diálogo de saberes", preconiza Leff (2002, p. 19) e criar bases para uma "ética do futuro", defende Ribeiro (2001, p. 147):

> Uma ética que atenue a tensão entre o tempo da produção de mercadorias e o da reprodução das condições naturais da existência humana. Uma ética que acomode o tempo da reprodução da vida, não necessariamente o mesmo que o da reprodução do capital, como nos fazem acreditar. […] Trata-se de buscar um equilíbrio no uso de recursos que não estão distribuídos igualmente no planeta. A ética do amanhã não pode ter apenas a lógica da acumulação do capital: ela deve impor um ritmo menos devastador das condições de vida na Terra.

2.5 O "discorso universal" interior e a "tarefa do tradutor"

> *Sobre o problema 'tradução', e a existência dum 'discorso universal', interior, fundamento de todo possível idioma (o que torna possível o ato de traduzir), gostaria de conversar um bocado.*
>
> **Guimarães Rosa**

Para uma conclusão acerca da tradução em Walter Benjamin, Marli Fantini postula que, segundo este filósofo, o original de uma obra condenada ao desaparecimento, depois de algum tempo, ganharia uma segunda vida ou uma sobrevida, já que estaria dotada de outras

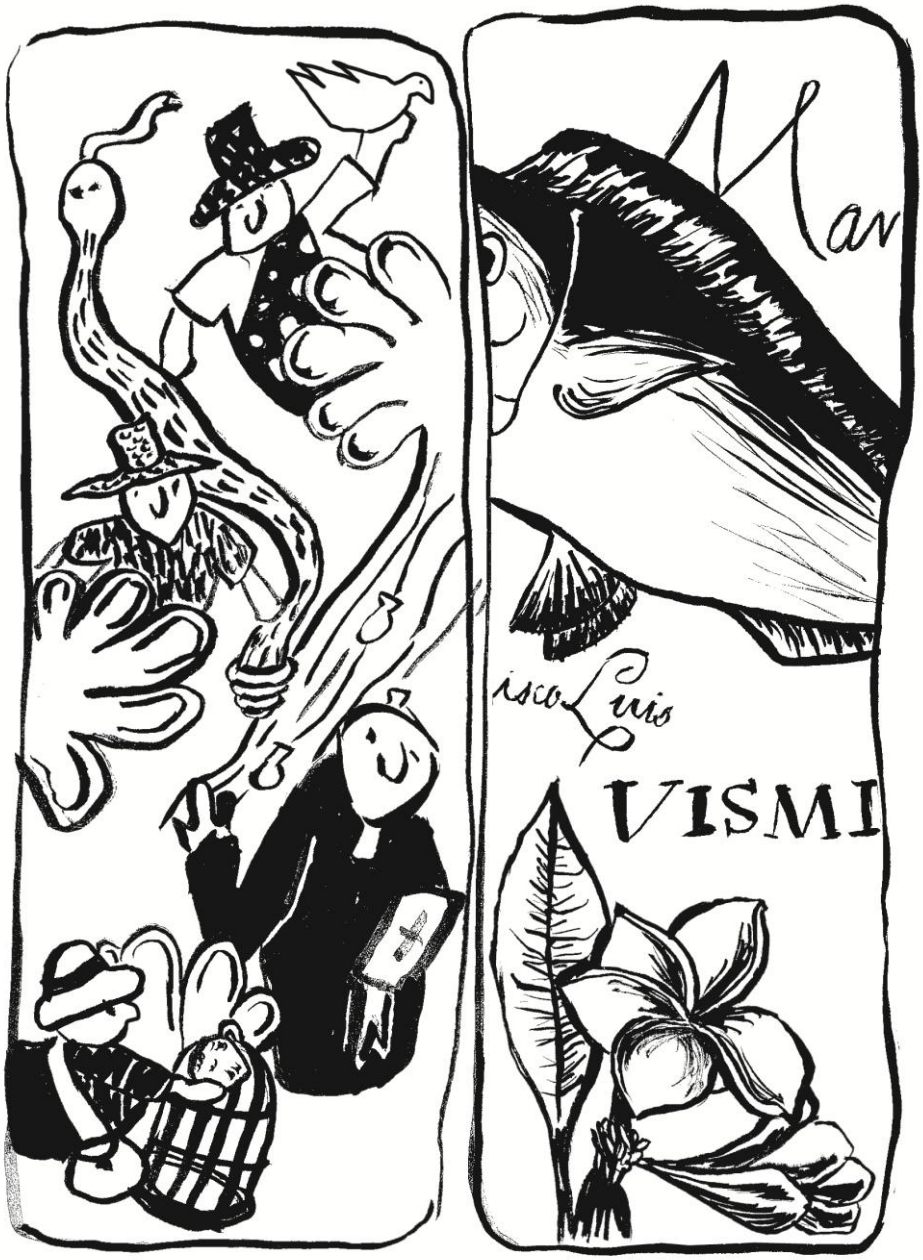
possibilidades de expressão e recepção. O grande triunfo do tradutor seria o de operar o contato entre estranhezas, dessemelhanças, alteridades, diferenças linguísticas e culturais. Nessa proposta benjaminiana, a condição primordial de traduzibilidade de uma obra estaria em sua alta qualidade estética, o que conferiria à tradução a virtualidade de conduzir à verdadeira linguagem, à verdade e à doutrina. Dessa forma, "todos os grandes escritos, em qualquer grau, e a Sagrada Escritura em grau mais elevado, contêm sua tradução virtual. A versão interlinear do texto sagrado é o arquétipo ou o ideal de toda tradução" (1992 apud FANTINI, 2003, p. 141).

Conforme nos referimos, em seu livro *Guimarães Rosa: fronteiras, margens e passagens*, Marli Fantini (2003, p. 143) extrai das correspondências mantidas entre Rosa e os tradutores de sua obra para a língua italiana e alemã uma "teoria" sobre tradução. Dentro do encadeamento de proposições relativas a essa teoria destacamos: a) a preservação não só do conteúdo, mas, sobretudo da fatura poética implicada no modo de intencionar a forma de seus originais; b) o exaustivo exercício de transcodificação de significantes, imagens, singularidades regionais; c) "transcriações" capazes de preservar o modo de intencionar de sua linguagem; d) a celebração de parceria entre autor e tradutor, a que Rosa chama de "sócios na invenção e criação", tendo como desafio criar uma linguagem que se aproxime do ideal de inteligibilidade universal. E, por fim, a promoção da "interlocução entre vários procedimentos, conhecimentos e culturas, usando teoria e prática a serviço da permanência de sua obra."

Ao que tudo indica, atento a essas propostas, Rosa traduz do original da Criação sua fatura poética, transcodifica os significantes, as imagens, as singularidades e transcria, preservando o modo de intencionar de sua linguagem , a natureza do sertão. O mesmo aparato conceitual empregado servirá para a tradução de sua obra, podendo ser utilizado a qualquer momento por aqueles que tenham aprendido o seu manejo, isto é, as regras técnicas aliadas à

sensibilidade e ao esforço de aproximar a linguagem do “original sagrado”. Dessa forma o escritor confere à natureza do sertão, uma segunda vida ou sobrevida, realizando sua transplantação para outros domínios linguísticos, culturais e históricos, renovando-a e dotando-a de outras possibilidades de expressão e recepção (FANTINI, 2003, p. 139). O triunfo desse tradutor da natureza seria o de provocar, entre discursos ambientalistas que se desentendem, a integração das muitas línguas na língua pura, harmonizadora.

Portanto, assim como os representantes do *uomo universale,* aliando sensibilidade ao esforço de aproximar sua “transcriação” do “original sagrado”, Guimarães Rosa descobre o “discorso universal interior”, a exatidão sensória da Criação, enfim, a compreensão de que a Natureza fala.



3 “DA INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA”

O sentido verdadeiro do mundo constrói-se discursivamente a partir de interesses sociais diferenciados[...]pela força dos sentidos do ser construídos e transmitidos ao longo do tempo; de um ser que constrói seus discursos verdadeiros sobre a natureza a partir de seus códigos culturais, a partir de sentidos coletivos e significações pessoais.

Enrique Leff

Em sua proposta para se pensar a complexidade ambiental, Enrique Leff (2002, p. 205-206) vê "no encontro de outridades, no enlaçamento de diferenças, na complexificação de seres e na diversificação de identidades" o inédito, uma vez que subjacente ao ambiente encontram-se uma ontologia e uma ética opostas a todo princípio homogeneizante, a todo conhecimento unitário. Conforme o pensador, "o ambiente é a falta de conhecimento que nos impele ao saber. É o outro – o absolutamente outro – ante o espírito totalitário da racionalidade dominante". "A política ambiental é a convivência no dissenso".

Nessa perspectiva do saber ambiental, é possível reconhecer momentos da história, nos quais a forma de apropriação da Natureza se dá de acordo com o posicionamento do indivíduo e de um povo no mundo, a exemplo dos diversificados pontos de vista adotados nas viagens científicas de naturalistas estrangeiros ao Brasil.

Neste capítulo, propomos ilustrar a visão de Leff, com um estudo comparado das "viagens imaginárias" de Domenico Agostino Vandelli ao Brasil e a viagem ficcional do naturalista alemão da novela "O recado do morro", de Guimarães Rosa, por Cordisburgo, cidade do interior mineiro.

Na busca de explicações para um mundo tornado realidade, a partir de um olhar "de fora", que classifica e inventaria, e a compreensão "do outro" de um mundo carregado de sentidos, abrir-se-á um espaço para se pensar a complexidade ambiental, por via da "interpretação do real".

3.1 Literatura e história nas viagens filosóficas de Portugal ao Brasil

Nós, de fato, reconhecemos que Deus todo-poderoso

escreveu dois livros, a natureza e a revelação [...]

Lineu

O confronto entre certas criações ficcionais e a dinâmica da colonização nos leva a percorrer interessantes caminhos da História, da Literatura e das Ciências da Natureza. Ao passo que a história, de um lado, registrou o intenso intercâmbio de produtos e idéias estabelecidos entre Portugal e Brasil, via Atlântico, a partir da descoberta do Novo Mundo, de outro lado, alguns escritores brasileiros revisitaram e recriaram esse registro.

No que se refere às expedições científicas portuguesas pelo Brasil, o historiador Oswaldo Munteal Filho (2001, p. 483-518) registra que, na segunda metade do século XVIII, Portugal impulsionou a elaboração de um projeto de confecção de uma História Natural de suas colônias. Para tanto, adotou como espaço de criação cultural e reflexiva a Academia Real das Ciências de Lisboa. Esse empreendimento, no entanto, não teria sido possível sem as "viagens imaginárias" do intelectual ilustrado Domenico Agostino Vandelli, um dos principais articuladores da política portuguesa dirigida às colônias no âmbito da Academia. Segundo seu pensamento, era preciso munir os naturalistas com ferramentas capazes de desvendar um Brasil desconhecido do ponto de vista da ciência e ainda intocado quanto às potencialidades de seus elementos naturais. Portanto, o olhar do naturalista deveria passar primeiro pelo utilitário: as virtudes das plantas medicinais, os usos dos gêneros exóticos, o aproveitamento do reino animal e mineral e a fertilidade das extensas terras. Reordenar a Natureza não mais de forma alegórica, mas através da observação e experiência figurava-lhe como medida necessária e urgente. A par disso e instruídos conforme o livro **Viagens filosóficas ou dissertações sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar**, alunos da Universidade de Coimbra,

onde Vandelli era professor de História Natural e Química, são preparados para explorar as colônias ultramarinas.

3.1.1 Vandelli e a História Natural Lusitana: o a(s)cender das Luzes

Com relação ao projeto de desenvolvimento de uma cultura científica útil, administrada pelo Estado, que se instaurou em Portugal, no século XVIII, Munteal Filho (2001, p. 500) afirma:

> A apropriação do mundo natural das colônias e o ato de escrever a sua história através da experimentação e da exploração dos usos e propriedades da Natureza representaram um enorme desafio para a elite burocrática lusitana. Um Estado forte de uma maneira geral, e especialmente na conjuntura que se configurara na Península Ibérica, dependia de uma posição ideológica definida, absolutista e ilustrada e de uma clara perspectiva da conjuntura continental e regional.

Isso posto, houve um alargamento das preocupações das autoridades portuguesas com relação à exploração natural do Novo Mundo, pois uma utilização racional e "metódica" da Natureza poderia significar um diferencial importante na competição entre as "potências européias". E o Brasil passa a desempenhar um papel fundamental para as pesquisas minerais, zoológicas e botânicas. No entanto, Portugal precisava de filósofos experientes para a empreitada. Assim sendo, em 1764, o italiano Vandelli, doutor em Medicina pela Universidade de Pádua, autor de trabalhos científicos e correspondente de Lineu, é convidado pelo Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, para lecionar no Colégio dos Nobres, em Lisboa. O próprio Lineu o incentivou a ir para Portugal, por vislumbrar a possibilidade de que metrópoles levassem vantagens com relação às descobertas científicas realizadas em suas

respectivas colônias tropicais. Estando em Portugal, país de clima ameno e possuidor de territórios ultramarinos, o correspondente paduano teria o privilégio de poder contar com toda a natureza a seu dispor e a(s)cender as Luzes sobre a História Natural Lusitana.

Portugal e Brasil irão unir e nutrir de entusiasmo e ideias os "doutores em matéria divina", conforme atestam as correspondências trocadas entre os dois naturalistas, durante dezoito anos. Com o ânimo e a alegria de sua chegada em Lisboa, em outubro de 1764, Vandelli se exprime ao amigo:

> Posto que tardei a te escrever, celebérrimo varão, espero que me desculpes por isso uma vez que conheças a razão de um silêncio tão prolongado: não queria que minhas cartas chegassem a ti sem nenhum presentinho, e por isso esperava até que tivesse algumas sementes do Brasil, que agora receberás. [...] Resido agora em Lisboa. Tomara que me seja possível ir à América; certamente enviarei a ti as mais diversas plantas e insetos. [...] As colinas desta cidade consistem de estratos de rochas calcáreas, mármore, greda, argila e cascalho, e nelas se escondem grande quantidade de ostras de tamanho peculiar; Próximo à cidade de Belém, distante cerca de 3 léguas da cidade, coletei zircão de cor amarelada em uma rocha-matriz dura, onde há também zircões inteiramente negros e opacos como as gagatas. Até aqui vi pouquíssimos insetos. Comecei a anotar as plantas nas imediações da cidade [...]. Isso é o que eu aspirava ofertar a ti, digníssimo varão. [...] Se escreveres de volta, envia a carta ao monsenhor Domenico Vandelli em Lisboa. Nesse ínterim, saúdo-te, celebérrimo varão, e continua a estimar-me como fazes (2008a, p. 54).

Envolvido pelo mesmo entusiasmo, em 12 de fevereiro de 1765, responde-lhe Lineu:

> Por muito tempo lamentei a tua ausência, e não sabia que te dirigias à região do planeta onde te encontras até que tua carta entusiasmadíssima, escrita nos idos de outubro, chegasse anteontem. […] Manifesto devotíssima gratidão pelas sementes e pelo teu sincero afeto por mim. É difícil obter sementes vivas do Brasil; todas estas estavam mortas, exceto aquelas de *Cassia.* […] Tomara que tu possas ir ao Brasil, terra que ninguém calcou, exceto MARCGRAF, com seu servidor PISO, quando ainda não havia um facho de luz aceso na História Natural e por isso tudo deve ser descrito de novo à sua luz. Estarás mais apto que os outros, tu que estás bastante firme no que diz respeito à natureza, incansável no inquirir, extremamente hábil no retratar os exemplares mais belos. Mas talvez ninguém em Portugal reconheça que o fim

> da criação é a glória de Deus a partir de Sua obra. Nós, de fato, reconhecemos que Deus todo-poderoso escreveu dois livros, a natureza e a revelação […]. Bom Deus! Se portugueses e espanhóis conhecerem os bens da sua natureza, quão infelizes serão os outros, que não possuem terras exóticas! […] Tua carta conduziu-me contigo pelos deleitosos vales lusitanos, onde colhi belíssimas plantas em tua companhia, como em um ameno sonho (2008a, p. 58).

Não se sabe a razão pela qual Vandelli teria ficado sem exercício de funções oficiais até 1768, quando é finalmente nomeado para dirigir as obras do Jardim Botânico e do Museu de História Natural da Ajuda. Sua ligação, "durante mais de quatro décadas, à fundação, instalação e direção dos museus de história natural e jardins botânicos da Ajuda, em Lisboa (1768-1810), e da Universidade de Coimbra (1772-1791), faz dele o mais importante museólogo setecentista de Portugal e do seu império", afirma João Carlos Brigola (2008b, p. 41). Foi em suas aulas de filosofia natural ministradas na Universidade de Coimbra que nasceu o projeto de criação da Academia das Ciências de Lisboa, da qual será um dos fundadores e diretor da seção de ciências naturais.

Quanto às tão desejadas viagens à América, estas ficaram apenas na imaginação. Contudo, isso não o impediu de desenvolver importantes pesquisas no seu "Gabinete de Curiosidades", que se tornou um dos mais cobiçados da Europa. Da mesma forma, não foi obstáculo para que a formação dedicada a seus alunos naturalistas fosse decisiva para a exploração científica das colônias portuguesas.

Assim, em 1783, os primeiros grupos de viajantes preparados por Vandelli partem de Lisboa, acompanhados de riscadores, jardineiros-botânicos e burocratas. Conforme Munteal Filho (2001, p. 489), "[o] olhar viajante sobre as colônias deveria vir acompanhado da formação básica contida nas Instruções, nas correções sobre as remessas de produtos naturais das colônias para a metrópole, assim como nas Memórias Econômico-Científicas". O método utilizado para a exploração da natureza tropical deveria ser rigoroso e preciso, e o material

estar sempre acompanhado de “diagnósticos sobre assuntos ou temas pontuais previamente indicado pela Academia como problemas a serem resolvidos pelos Sócios” (MUNTEAL FILHO, 2001, p. 490). Era preciso, portanto, zelar pela correção das remessas do ponto de vista do armazenamento, acondicionamento, descrição, dissecação e coleta.

O trecho extraído de carta enviada do Brasil pelo burocrata Luís da Cunha Menezes ao Ministro do Ultramar, em julho de 1787, confirma a utilização da metodologia de Vandelli e sua articulação com os Projetos do estado Português:

> Encarreguei ao hábil Naturalista o Doutor Joaquim Vellozo de Miranda de procurar por toda esta Capitania todos os gêneros e todas as qualidades de espécies pertencentes à História Natural: Faço a primeira remessa nesta ocasião possível, em 3 caixotes com o sobescrito a V.Exa, […] e de que são inclusos de uma grande parte os pássaros e mais alguns animais que tem sido possível ao dito Naturalista adquirir [ilegível] e que se façam constantes todos da sua narração e descrição também inclusa (apud Munteal Filho, 2001, p. 501-502).

O fragmento abaixo, retirado de ofício enviado de Portugal, em junho de 1798, com recomendações a respeito das descobertas do boticário Domingos José Correa, também atesta tal utilização:

> […] Igualmente passará a V. Sa. Ordem aos Correios Marítimos, e as Fragatas de Guerra, que atracarem neste porto, que se encarreguem de todos os caixões de plantas vivas, ou de produtos, que o mesmo Boticário me queira remeter para o Jardim Botânico, e serviço de S.Mag. V.Sa. procurará ver também se pode mandar-me a Planta, que o mesmo Boticário descobriu, que tem as mesmas qualidades da Quina, e que é um antifebril admirável (apud Munteal Filho, 2001, p. 502).

A revolução científica do *Systema Naturae* inserida nesse momento histórico terá os naturalistas Lineu e Vandelli como participantes desse processo, e a Natureza de Portugal e suas colônias alvos importantes das investigações. Tanto o *Systema naturae* quanto a **Enciclopédia (Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers)** de Diderot e D'Alembert tinham por objetivo classificar o mundo e fixaram um marco na história do conhecimento. Mas a história das Ciências vai ser marcada, também, pela invasão de Portugal, por tropas de Napoleão, em 1807, ocasião em que se dispersa a rica coleção de História Natural elaborada durante décadas por Vandelli. E com a morte do naturalista, em 1816, encerra-se "todo um ciclo de funcionamento dos jardins e coleções de Portugal como ponto de convergência de uma teia de viajantes e correspondentes coloniais formados sob o comando do diretor da Ajuda" (KURY, 2008b, p. 256).

3.1.2 O "recado do morro": a Natureza carregada de sentidos

Percorrendo as trilhas do literário e do cultural, o escritor Guimarães Rosa revisitou o passado das expedições científicas portuguesas pelo Brasil. Articulando a realidade e a imaginação, a natureza e o homem, o regional e o universal, o escritor de perfil naturalista ilumina a linguagem da História e da Ciência pela Arte.

Em meio à produção literária de Rosa, destacamos a novela "O recado do morro", do livro **Corpo de baile**, lançado em 1956, para um paralelo com a História e o encontro com o "outro", enquanto sabedor dos sentidos ocultos de sua própria paisagem. Adotando a 3ª pessoa do discurso e por vezes o discurso indireto livre, o narrador da novela acompanha as personagens em uma pitoresca expedição pelo interior do Estado de Minas Gerais, mais precisamente "nos fundos do município" de Cordisburgo. O cenário tem como base uma paisagem sertaneja; o narrador, adotando muitas vezes o linguajar local e demonstrando

conhecer bem as peculiaridades das pessoas e do meio ambiente, inicia o relato, com a apresentação dos participantes da expedição. Trata-se de moradores contratados por Seu Alquiste, naturalista estrangeiro, um "alemão-rana", idealizador da viagem. Pedro Orósio, moço alto e forte, enxadeiro, é o guiador. Frei Sinfrão, "desses de sandália sem meia e túnica marrom", estando de férias, vai como tradutor. O "Ivo, Ivo de tal, Ivo da Tia Merência", é destacado para ir tangendo os burros cargueiros. O "seo Jujuca do Açude", fazendeiro de gado, "moço atilado e ambicioneiro", vai "negociar alqueires e novilhos, madeiras e safras". O estrangeiro, responsável pela viagem, é apresentado com detalhes:

> [u]m, de fora, a quem tratavam por seo Alquiste ou Olquiste – espigo alemão-rana, com raro cabelim barba-de-milho e cara de barata descascada.O sol faiscava-lhe nos aros dos óculos, mas, tirados os óculos, de grossas lentes, seus olhos se amaciavam num aguado azul, inocente e terno, que até por si semblava rir, aos poucos se acostumando com a forte luz daqueles altos. Calçava botas cor de chocolate, de um novo feitio; por cima da roupa clara, vestia guarda-pó de linho, para verde; trespassava a tiracol as correias da codaque e do binóculo; na cabeça um chapéu-de-palha de abas demais de largas, arranjado ali na roça. Enxacoco e desguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atôa, uma moita de carrapicho, um ninhol de vêspos (2001a, p.28).

Observa-se que o viajante vai percorrer uma região geográfica de grutas onde, conforme descreve o narrador, "[...] se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombração deles [...] e homenzarros, duns que não há mais" (ROSA, 2001a, p.30); "[de] lagôazinhas em pontos elevados, são ao contrário de todas: se enchem na seca, e tempo-das-águas se esvaziam, delas mal se sabe (ROSA, 2001b, p. 28.)". O naturalista demonstra conhecimento da região de cerrado, onde a natureza generosa oferece fartura em alimento e espécies com propriedades medicinais; lugar onde há animais em perigo de extinção, de serras, de muito sol, chuvas ácidas, muitos rios e veredas contrastando com a

secura do sertão; lugar onde os moradores "[s]abiam coisas demais do tempo, dos bichos, de feitiços, das pessoas, das plantas"(ROSA, 2001b, p.213). Ao que tudo indica, o objetivo do viajante é observar, recolher, classificar e catalogar a Natureza da região, pois conforme o narrador,

> [O] seu Olquiste estudava o que podia, escrevia amonte em seus muitos cadernos, num lugar recolheu a ossada inteira limpa de uma anta-sapateira, noutro ganhou uma pedra enfeitosa, em formato de fundido e cores de bronze, noutro comprou para si um couro de dez metros de sucuri macha. - 'Cada um é dôido de sua banda!' - definia o Ivo, a respeito (ROSA, 2001b, p.54).

Incompreensível para os habitantes, o comportamento do viajante estrangeiro, porém vai ao encontro dos parâmetros estabelecidos pelo pensamento científico Iluminista. Lembremos aqui Diderot (1989, p. 39), para o qual o estudo da Natureza requer três meios principais:

> [...] a observação, a reflexão e a experimentação. A observação recolhe os fatos, a reflexão os combina e a experiência verifica o resultado da combinação. É preciso que a observação da natureza seja assídua, que a reflexão seja profunda e que a experiência seja exata. Raramente se veem esses meios reunidos. Também os gênios criadores não são comuns.

Com relação à Natureza brasileira, tendo em vista a necessidade de conhecer e preservar seu enorme potencial - ideais perseguidos por Vandelli e resgatados por Rosa - encontra-se a chave para a formação de uma consciência crítica a respeito da degradação ambiental. No entanto, conforme manifesta Fabio Rubio Scarano (2008a, p. 15),

> [a] pesquisa taxonômica conta atualmente com baixo prestígio e tem sido grandemente negligenciada [...]. Em tempos de rápida perda de biodiversidade, esta é uma lacuna que implicará em sérios problemas para a

> humanidade – e principalmente para o Brasil, um dos principais detentores dessa riqueza.

A exploração dos recursos animais de forma rudimentar e predatória, a falta de conhecimento prático das espécies vegetais nativas e sua preservação, as queimadas indiscriminadas, a perda do saber empírico dos índios sobre o uso de plantas como antídoto contra enfermidades, a expansão agrícola pelos rios, tudo isso foi motivo de preocupação e de apresentação de propostas, no século XVIII, não só por Vandelli, mas por outros autores luso-brasileiros como Baltasar da Silva Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Bonifácio de Andrada e Silva, José Gregório de Moraes Navarro e José Vieira Couto (Pádua, 2008b, p. 308). É importante destacar que todos estes foram alunos de Domenico Vandelli, que jamais se absteve de manifestar dúvidas e condenações sobre o que estava ocorrendo em diversas regiões do Império.

Mas como se poderá perceber, após anos dedicados à História Natural, a alegria e entusiasmo manifestados por Vandelli nas cartas enviadas a Lineu, dá lugar a um discurso apreensivo e pressagioso:

> [...] entre as plantas das conquistas existem muitas desconhecidas dos botânicos, principalmente árvores de muita utilidade [...]. Porém no Brasil muitas delas com o tempo se farão raras e dificultoso o seu transporte. Pelo costume introduzido de queimar grandes bosques nas bordas dos rios [...] e acabando-se a fertilidade deste terreno em poucos anos, passam a fazer novas queimadas, deixando inculto o que antes foi cultivado. E assim se destroem imensas árvores úteis [...] (apud Pádua, 2008b, p. 310).

Na visão de Vandelli, a combinação perigosa do desconhecimento e da subexploração da Natureza, nos poucos assentamentos europeus, levariam ricos biomas do Brasil à total destruição.

> Retornando à novela de Guimarães Rosa, observa-se que durante a expedição, o "Morro da Garça", situado na região, começa a gemer e o chão se sacode. Como num terremoto, ou uma erupção vulcânica, as camadas subterrâneas se movem, trazendo simbolicamente, à superfície, uma história esquecida. E é revisitando os diários dos viajantes e a história das ciências, que o escritor vai moldar o seu recado. Sabedor das potencialidades naturais de seu país, dos perigos de sua exploração predatória e futura extinção, ele resgata, em sua obra, o trabalho de Lineu e Vandelli, suas descobertas, preocupações e "recados". Não é sem motivo que, em "O recado do morro", Seu Alquiste "[c]olhia com duas mãos a ramagem de qualquer folhinha campã sem serventia para se guardar: de marroio, carqueja, sete-sangrias, amorzinho-seco, pé-de-perdiz, joão-da-costa, unha-de-vaca-rôxa, olhos-de-porco, copo-d`água, língua-de-tucano, língua-de-teiú (2001a, p.31).

Verifica-se que, entre as espécies colhidas, nove possuem propriedades medicinais e duas são hoje desconhecidas. Provavelmente extintas.

Cumpre, ainda, focar outro detalhe: nos primeiros contatos do viajante com os habitantes da região, o estrangeiro é colocado em posição superior em relação a eles, mas na medida em que se agregam aos objetivos da expedição, o percurso é modificado, a hierarquia se subverte e o saber científico se dilui ao sabor do conhecimento empírico dos personagens. Assim, no início da expedição, o viajante "[t]omava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. [...] Outramão, ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figura leal (Ibid.)". "Quando não provia melhor coisa, especulava perguntas (ROSA, 2001a, p.32)".

Pois bem, a recomendação abaixo, de Domenico Vandelli faz parte das Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar:

> Parece supérfluo advertir que o naturalista nunca deve se pôr a caminho sem ir provido de todos aqueles instrumentos que são necessários para os seus descobrimentos, entre os quais não é de menor necessidade uma pena de lápis e o diário para os seus jornais (p. 93).
> [...] O filósofo que viaja [...] pelo Brasil, [...] vê-se metido no meio de um mundo novo, ainda hoje tão desconhecido como no primeiro dia de seu descobrimento, se excetuarmos alguma parte de sua costa [...]. Só a

> observação e a experiência o podem pôr em estado de penetrar por este vastíssimo país (p. 123).

Com efeito, na ficção de Guimarães Rosa, no final da "viajação" a expedição se perde. Conta o narrador que

> Frei Sinfrão rezava ou queixava do mau cômodo na sela. Seo Olquiste quase não dava mais ar de influência: por falta de prática, já se via que ele estava cansado de viagem; e com soltura de disenteria, pelos bons de comer nas fazendas. [...] Mas seo Olquiste agora só dava atenção a algum pássaro. O Pitangui, escarlate, sangue-de-boi (ROSA, 2001a, p. 64-65).

Ter-lhes-iam faltado a observação, a reflexão ou a experiência? A respeito dos transtornos e fadigas, Vandelli jamais deixou de lembrar aos seus viajantes de

> [T]odas as coisas que se deve propor o naturalista para fazer uma história completa dos lugares por onde passar, e um sortimento das produções mais úteis da natureza que possam servir de interesse à sua pátria, [é o] único fim a que devem tender as fadigas de um filósofo que viaja (2008b, p. 123).

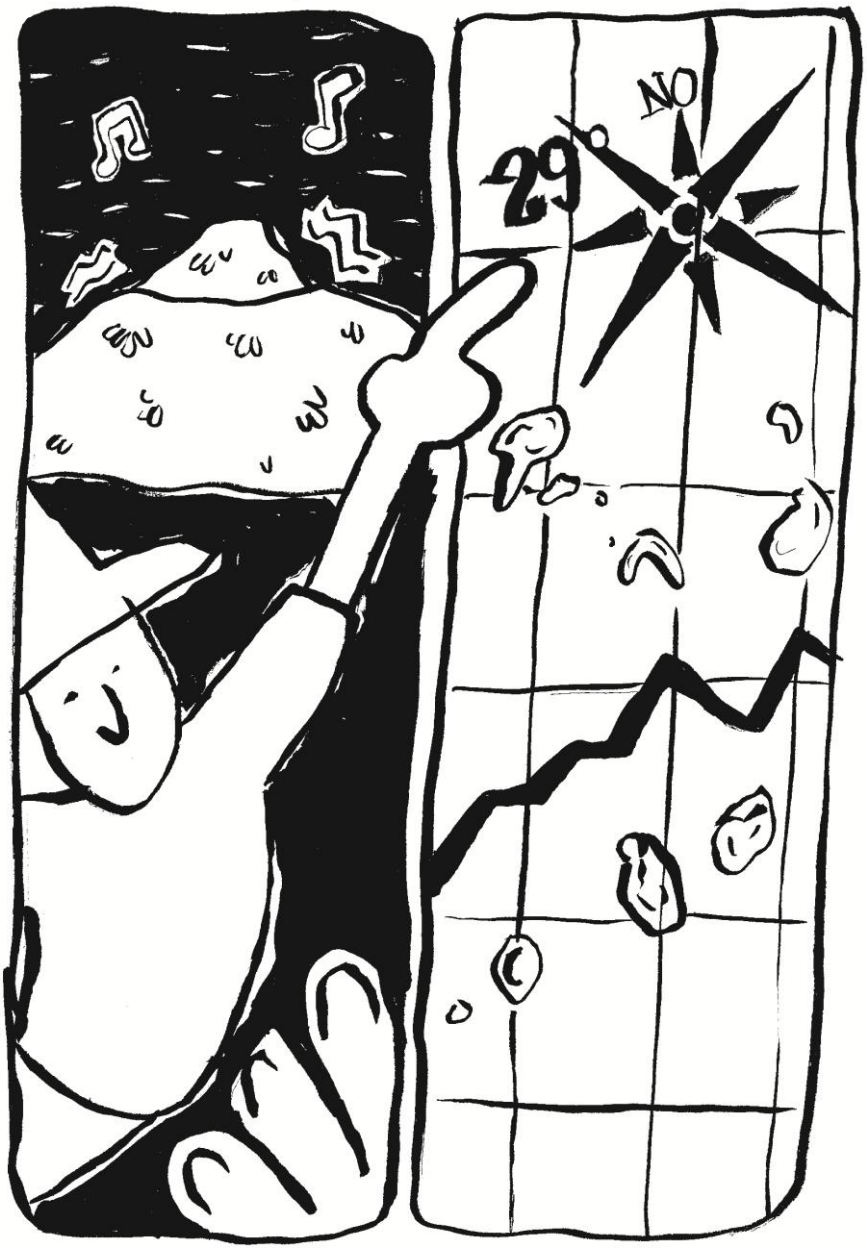
Se o estudo da Natureza requer observação assídua, reflexão profunda, experiência exata, compromisso com a pátria e muita fadiga - como escreveram os estudiosos da Natureza, de fato "os gênios criadores não são comuns" (Diderot, 1989, p.39). É por essa razão que as grandes revoluções do pensamento também se encontram separadas por longos períodos de acréscimos e ajustes do conhecimento (Kuhn apud Scarano, 2008a, p.13).

Na realidade a história demonstra que o século XIX foi um período em que naturalistas de toda parte do mundo empreenderam viagens científicas pelo Brasil. Mas numa atmosfera em que o racionalismo econômico despojava o homem de sensibilidade e consciência de limites em sua relação com o mundo natural, as expedições estrangeiras colocarão a Natureza em risco permanente. O "romantismo científico" de naturalistas e

poetas, que impulsionaram a constituição de certo pensamento sobre questões ambientais e que teria todas as chances de se aclimatar num país como o Brasil, no século seguinte, sobretudo no "pós-guerra", será substituído pelos "cânones da racionalidade científica e econômica da modernidade" (LEFF, 2002, p. 17).

Portanto, em tempos de perda acelerada da biodiversidade, aquecimento global, disseminação de doenças, mudanças climáticas e desastres naturais é preciso resgatar e difundir as obras de dois gênios da criação e das preocupações ambientais: Vandelli e Guimarães Rosa.

Rea(s)cender as Luzes sobre obras tão significativas, talvez seja uma forma de se devolver à Natureza o seu sentido divino e primordial: de ser um universo cultural, que deve ser conhecido, pode ser racionalmente aproveitado, mas acima de tudo respeitado e amado.



4 FALA NATUREZA! TEU INTÉRPRETE TE ESCUTA!

[...] vejo que coisa terrível deve ser traduzir o livro! Tanto sertão, tanta diabrura, tanto engurgitamento. [...] o concreto, é exótico e mal conhecido; e, o resto, [...] são vaguesas intencionais, personagens e autor querendo subir à poesia e à metafísica, juntas, [...] ascender a incapturáveis planos místicos. Deus te defenda.

Guimarães Rosa

A proposta deste último capítulo é buscar a versão de Guimarães Rosa para a linguagem da Natureza apreendida através de estímulos sensoriais, da observação, da pesquisa e da indagação. Os registros de elementos naturais recolhidos durante a expedição "Boiada" empreendida ao sertão mineiro, em 1952, e retrabalhados em várias passagens de **Corpo de Baile** e **Grande sertão: veredas** serão destacados, o que possibilitará um recorte para a leitura e análise de questões ambientais atuais. O sentido de missão atribuído por Antonio Candido ao trabalho dos poetas, a equivalência natureza e palavra, a expressão do "significado de uma racionalidade que integre os potenciais da natureza, os valores humanos e as identidades culturais em práticas produtivas sustentáveis" (LEFF, 2002, p. 203) serão, simultaneamente, relevados.

4.1 A "obra de Deus" e seu tradutor Guimarães Rosa

Como os representantes do *uomo universale*, Guimarães Rosa aproxima a ciência da arte. Conforme vimos nos capítulos anteriores, com sua disposição "enciclopédica", o escritor se capacitou para filtrar das leituras realizadas em vários idiomas uma diversidade de conhecimentos dentre os quais filosofia, linguística, religião, história, geografia, zoologia, botânica, medicina, fitoterapia. Da mesma forma que dominava vários idiomas, compreende as manifestações sensórias da Natureza, desvelando sua linguagem. Nessa operação tradutória, muitos significados ocultados serão cifrados por meio de sua palavra poética. Um processo de produção literária, que, conforme Fantini (2003, p. 147), "encerra um exaustivo trabalho de laboratório, executado mediante um distanciamento que faz do escritor seu próprio leitor-crítico e, portanto, doador de novos sentidos à própria criação". Como Goethe,

é no seu "*Probierkabinet* (o *Gabinete de Ensaios*)" que as diversas experiências com a linguagem da Natureza (captada na memória e nas viagens exploratórias das paisagens), por meio de múltiplas sensações, vão resultar numa produção significativa, síntese de ciência e literatura. Num trabalho literário em que criação, tradução e transcriaçao da linguagem da Natureza se entrecruzam, Rosa vai "jogar a rede para todos os lados" (BIZZARRI, 1981, p. 8), "buscar palavras-cantigas", "a poesia! (Aí, Zé, opa!)" e fazer "viagem dessa viagem" (ROSA, 2001c, p. 173). Carregando as marcas desse caminho, ele vai espalhar novas sementes, que serão germinadas nos campos de uma nova proposta: o pensar a complexidade ambiental.[16] Delineando os limites da ciência normal para apreender o ambiente, o escritor vai formatar diversas configurações da natureza inspiradas no inédito, no saber do homem sertanejo, na "ética oposta a todo princípio homogeneizante" (LEFF, 2002, p. 206), na diversidade cultural, enfim, no "recado infralógico da atmosfera e da paisagem"[17] do sertão. Recolhendo as redes, apanhando os frutos, esse intérprete da Natureza vai traduzir a "obra divina", transportando-a para um novo domínio linguístico, cultural e histórico, do qual emergem as obras-primas de 1956: **Corpo de baile** e **Grande sertão: veredas.**

4.1.1 O "*a b c'* da natureza, o dicionário e a gramática

Conforme Vera Casa Nova (1996, p. 37), a relação dos homens e mulheres com a natureza torna-se extremamente íntima, quando conseguem decodificar os signos naturais. Para a autora, os homens do campo, por suas atividades corpo a corpo com a natureza,

---

[16] Conforme Enrique Leff, a epistemologia ambiental, mais que um projeto com a finalidade de apreender um objeto do conhecimento, é uma trajeto para chegar a saber o que é o ambiente, esse estranho objeto do desejo de saber que emerge do campo de externalidade e de extermínio para o qual foi enviado, expulso do logocentrismo e do círculo de racionalidade das ciências. Este itinerário iniciou-se no encontro da epistemologia materialista e do pensamento critico com a questão ambiental que emerge ao final dos anos 60 como uma crise de civilização. Cf. LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental,** 2002, p. 17.

[17] Em carta enviada ao tradutor Edoardo Bizzarri, na qual esclarece "O recado do morro, Rosa cita a expressão cunhada por Paulo Rónai: "A viagem da comitiva e o nascimento da canção operam-se simultaneamente, e a conclusão desta prefigura o fim trágico daquela. *Um recado infralógico da atmosfera e da paisagem* transmuda-se em verso através da cooperação de uma seqüela de anormais" (BIZZARRI, 1981, p. 59).

estariam, nesse caso, mais capacitados para a leitura do mundo natural. Definida pela autora como "semiótica em primeira instância", essa sensibilidade e capacidade adquiridas seriam responsáveis pelo "processo de semiose que se opera no sistema de comunicação homem-natureza: como a natureza informa e como o homem decodifica dentro de suas possibilidades".

Pesquisando as anotações de Guimarães Rosa em "Boiada",[18] Meyer (1998, p. 119) analisa a visão do escritor em sua experiência de integração com a natureza. Para a autora, ora imparcial e imprecisa, ora impregnada por peculiaridades resultantes de experiências pessoais, o olhar rosiano

> não distingue a natureza enquanto sujeito ou enquanto objeto; os elementos se misturam numa comunhão religiosa – todos os seres vivos comungam o mesmo chão, ar e água do sertão (é uma intensa e borbulhante vida impregnada de beleza que conduz à descoberta do outro como um sujeito ao mesmo tempo igual e diferente) e se envolvem através de uma religiosidade traduzida pela irmandade com o universo, que possibilita encontrar os fios que tecem a mesma teia da vida.

Como observou Murari (2009, p. 212), a viagem de retorno ao campo, prática que se tornou comum a partir do final do século XIX entre homens cultos e ingressos no mundo urbano, era um exercício de indagação da memória em busca das experiências vividas no passado rural. Deixando-se envolver pela cadeia de sensações, imagens e narrativas originadas da lembrança e do sonho, restabelecia-se, por momentos, a pertinência a este espaço-tempo imóvel, indeciso e sentimentalmente carregado, o sertão.

Segundo Meyer (1998, p. 119), percebe-se nas anotações de Rosa, que o escritor "não só assiste a um espetáculo da natureza que tem como cenário o sertão mineiro; ele convive,

---

[18] "Boiada 1" e "Boiada 2" referem-se ao conjunto de notas de viagem, do escritor, ao sertão mineiro e integram o "Arquivo Guimarães Rosa" do Instituto de Estudos Brasileiros. "Boiada 1" compreende as notas desde a saída do Rio de Janeiro até a chegada e permanência na fazenda da Sirga. "BOIADA 2" refere-se à segunda parte do diário. Neste trabalho, as referências a essas notas serão indicadas por B1 e B2.

está integrado com o cosmos". Na captura da intensidade do momento, todos os sentidos são acionados, mas o que mais se evidencia é a visão, mas uma visão formada através dos olhos de um vaqueiro. Como afirmou Costa (2008, p. 328),

> [o]s vaqueiros detêm um profundo conhecimento da natureza, não só do gado mas de todas as plantas, bichos, rios, montanhas...Sua percepção dos seres naturais é parte integrante da vida, como 'fonte de informação, fruir de companhia e garantia de sobrevivência'. Os vaqueiros conhecem os movimentos dos rios e seus esconderijos subterrâneos; interpretam os desenhos das nuvens e as tonalidades do céu; lembram de estórias fabulosas sobre bichos e lugares misteriosos; descrevem os animais em minúcia, precisando suas cores e hábitos; imitam os cantos dos pássaros; reconhecem cada árvore do mato, suas folhas, flores e frutos.

Dessa forma, a decodificação das informações da Natureza por Guimarães Rosa se processará de forma integrada com o espírito, a memória e a cultura sertaneja.

Em sua análise de "Boiada", Meyer irá destacar as percepções rosianas sobre a Natureza em categorias distintas de linguagem. A linguagem das cores presente na descrição do caminho, dos morros, das águas, dos animais, dos vegetais, do céu, do amarelo do cerrado, da argila aluvional colorida do óxido de ferro, entre outras sinalizariam as condições e processos de mudança do tempo, das estações climáticas, dos ciclos evolutivos da natureza, das condições de vida dos lugares:

> Morros azuis me percorrem; desenharam-se do céu (B1, p. 5).
> Ao fundo, a Serra dos Gerais – mal levantada, chata, mas se estirando num movimento sensível, suave movimento, via norte [...] (B1, p. 61).
> Os rios estão sujos (B1, p. 5).
> O São Francisco – barrento – recebe o rio de Janeiro – de água verde (B1, p. 16).
> A boiada vem lá no cerrado. Olha a poeira dela (por cima das árvores) [...] (B2, p. 11).
> A bela travessia do gado! O poço fica cor de terra (límpido, lá em cima)! (B2, p. 50).

> O capim com florinhas amarelas. 1 h 45’ – A forquilha florida (ramo) de páu-dôce, que ficou presa no pescoço da rês [...]! (doiradas flores, em cacho). Florinhas roxas do cái-na-lama (B2, p. 3).
> Cabo-verde do campo – o gado come as folhas. Flores amarelas. É um arbusto abundante [...] (B2, p. 10)
> PAU-DOCE: em verde e amarelo (bandeira brasileira), seus cachos são candelabros (velas). Flores para cima, flores para baixo. Lindo!(B2, p. 10).
> Sambaibinha – arbusto com flores amarelinhas (B2, p. 28-29). Está amadurecendo as folhas.
> Estão amarelecedo (sic). Caem em julho, brotam em agosto. Todos os anos, trocam as folhas. Todos os anos, muitas árvores trocam.
> Borboleta amarela – como se voantes flores de algodoeiro. Besourinho amarelo é que pica as folhas da batata, muitos insetos, na horta (B1, p. 48).
> No cerrado: flores e borboletas amarelas, em ampla predominância (B2, p. 37). (Apud Meyer, 1998, p. 120-126).

Por sua vez os cheiros estariam associados a determinados períodos do ano, servindo como um calendário (“cheiros da natureza”). A descrição de cheiros sugere que “Guimarães Rosa viu e exalou o perfume” (MEYER, 1998, p. 126) dos diversos “cheiros do cerrado”. Estão incluídos nessa categoria os cheiros associados à memória.

> Mata-barata: fruta (moitazinha) no “alegre”. Está de vez. Cheira muito. Em junho, quando maduro, sente-se seu cheiro de longe. (É um cheiro entre o de grão-de-galo e o do pequi: CHEIROS: bate-caixa (flor), laranjeira-do-campo, cagaiteira (flor), pequi (flor) – fede! (B2, p. 36).
> O cheiro bovino se acentuando mais e ficando doce, como o de mel na tacha, cheiro de engenho. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras! (B2, p. 5).
> [...] O vento traz um cheiro mais forte de boi (B2, p. 6), e de bosta e mijo. O cheiro bom (B1, p. 54).
> Mamãe: travesseiro com macela; cheiro suave, travesseiro e colchão para meninos pequenos recheio de perpétuas (flor), seca: a roxa e a branca (macio) (B1, p. 5). (Apud Meyer, 1998, p. 126-127).

O vento também faz parte das anotações de Guimarães Rosa. Como percebeu Meyer (1998, p. 128), “o cheiro difunde no ar em movimento e viaja no tempo”, proporcionando sensações variadas dependendo do mês do ano:

> O vento tinha derrubado os mamões, alguns quase maduros. Quebrou o pessegueiro (B1, p. 3).
> [...] Quando venta muito (ou está perto de chover, assim em setembro, outubro, não dá orvalho, não. Ou, se dá, cai no chão outra vez, desaparece, a gente não vê (B1, p. 60).
> O vento faz barulho (de riacho) nas folhas do milharal seco. (O barulho mais forte no canavial: as folhas chiam uma na outra. No cerrado, há pouco: os uivos (bufos) repentinos (lúgubres) de vento, nos chapéus, nas folhagens (B1, p. 48-49). (Apud Meyer, 1998, 128).

De acordo com a pesquisadora, o vento "dos gerais" com sua linguagem particular carrega diferentes sons: da cantoria dos pássaros, dos riachos, dos chiados, dos uivos, dos zumbidos, com suas intensidades variadas: forte, fraco, muito, pouco (MEYER, 1998, p. 128).

Apaixonado por pássaros, por meio de vocábulos onomatopéicos, o escritor descreverá os diferentes cantos:

> SOCÓ: Cró-cró-cró (B1, p. 14).
> ROLA CALDO DE FEIJÃO: pia diferente: ela tem um arrulhozinho como o da juriti, mas mais fraco (B1, p. 14).
> AGUA-SÓ: O canto é tiririririri-chóo-chóo-chóo-água só, água só [...] (reza-povo, reza-povo! [...] outros dizem que é como ele canta) Canta esprivitado: água-só, água-só [...] fica em beira d'água, beira de vereda (B1, p. 19-20).
> SARIEMA: Kàu! Kàu! KàuKàuKàufKàuf (B1, p. 19-20).
> JAÓ – (do baixio, não dos gerais): assovia: (canta clara, positivamente: - Eu sou jaó! (B1, p. 19-20).
> ZABELÊ: é menor: Eu sou zabelê! [...] (B1, p. 19-20).
> CORUJA BATUQUEIRA: seu canto é quase o chôro de uma criança. Também faz: - Quên!Ken!Ken! (B1, p. 20).
> PEGA: Nhé-nhé-nhé-nhé! (B1, p. 46).
> PAPAGAIO; o "cravo" (papagaio simpático) –aú! (chora como criança, imita grugulejo de peru. Assovia e diz – "meu cravo, com diferentes vozes (B1, p. 66).
> O casal de caracarás voando manso – os bicos vermelhos. Os picapaús dão o alarme: Tché-Tché-Tché!Tché-Tché-Tché! (B2, p. 54). (Apud Meyer, p. 129-130)

Ainda muitos outros sons peculiares serão identificados e registrados pelo escritor, em "Boiada" como o barulho do gado perceptível através de movimentos ondeados da vegetação, a algazarra dos macacos e os gritos de lobos, bem como o som das águas, dos carros de bois, das cantorias, aboios, gritos e risos dos vaqueiros.

Portanto, a viagem de pesquisa de Guimarães Rosa, ao interior mineiro, será preenchida por estímulos sensoriais e informações da Natureza, os quais Rosa buscará na composição de sua obra. Esse trabalho de "transcriação" da linguagem da Natureza privilegiará, de modo especial, as obras de 1956, no modo como os personagens observam, compreendem e descrevem a paisagem. Nesse sentido, a percepção sensorial do personagem Chefe Ezequiel da novela "Buriti" é exemplar. O Chefe, acometido de "incompreensíveis padecimentos" (ROSA, 2001b, p. 178), "ouvia e não ouvia [os sons], do buracão da noite" (ROSA, 2001b, p. 172). A respeito da narração do Chefe Ezequiel, Bizzarri (1981, p. 67) a considerou como sendo "uma espécie de sinfonia da noite no mato, (com todas as espontâneas implicações de simbolismo emotivo que noite e selva acarretam, e a dimensão lírica fornecida pela peculiar perspectiva narrativa – a pessoa do Chefe Ezequiel)".

De acordo com o narrador da ficção, "O Chefe, ele escuta, de escarafuncho. Trás noite, trás noite, o mundo perdeu suas paredes. Fere um grilo, serrazim. Silêncio. E os insetos são milhões" (ROSA, 2001b, p. 178).

De fato, só Chefe Ezequiel escuta o que a Natureza fala e com sentimento e poesia traduz sua mensagem. Quando relata, associa a cada elemento, um som, um sentido:

O mato (vozinha mansa) = aeiouava.

Do outro mato e dos buritis = os respondidos.

O Brejão = bole.

Um peixe= espiririca, trapejo de remo.

De rã = um gemido.

Dos paturis e maçaricos = o seriado *túi-túi.*

As ramas do mato = um vento.

Galho grande = rangente.

As árvores = querem repetir o que de dia disseram as pessoas.

De pássaro arrevoando = frulho(decerto temeu ser atacado).

Os sapos= se interrompem de súbito: seu coro de cantos se despenhou numa cachoeira.

No silêncio= nunca há silêncio.

Os macacos = se assoviaram e insultaram, se abraçam com frio. Tiniram dentes.

O noitibó = reto voa e pousa.

O urutau-pequeno = olhos de enxofre.

Dos macucos = o chororocar.

Os nhambus = balbuciam tremulantes.

As formigas = picam folhas.

O toque da lata = é de um boi ladrão, tangendo seu polaco.

Os jacarés = o rouquejo forte, gostam de gritar, repetido.

Uma coruja = miou, gosmenta, quer colóquio.

Se o senhor quiser ouvir só o vento, só o vento, ouve. Cada um escuta separado o que quer.

Os macaquinhos = gritam, gritam, não é bem de frio.

Mas, muito antes da luz das barras, os passarinhos percebem o sol: pio, pingo, pilgo, silgo, pinta-alegrim... De manhã, mudam o coração da gente. O canta-galo. As vacas assim berram. Ao largo, os buritis retardam o vento (ROSA, 2001b, p. 178-180).

Em resposta às dúvidas de Bizzarri, sobre a tradução da narrativa de Chefe Ezequiel, Guimarães Rosa, em carta, esclarece:

> E o Chefe Ezequiel, um pobre-de-Cristo, semi-enlouquecida sua ignorância. Vamos ver se o deciframos, um pouco, ao longo de alguma de suas possíveis "variantes", e até onde. O melhor, creio, sempre é a gente partir o difícil em reles pedacinhos.
>
> 1) "**O úù, o ùú, ENCHEMENCHE, aventesmas...**"
> Úù = onomatopéias
> Enchemenche = enche-m(e)-enche?
> Enche-m(exe)?) é algo que o Chefe quer mas não consegue *traduzir* dos hiper-rumores da Noite.
> aventesmas = (avantesmas) fantasmas.
> Tentativa de tradução para a linguagem lógico-reflexiva: – Esses (sons de) húùh-úhhú, de imenso mexer-se-e-encher-se-me... são ossos sons, de extintos fantasmas...
> (Perdôe-me, carreguei na mão. Mas é que é perigoso tentar sondar essas anfractuosidades infralógicas, hipersensoriais, elas contagiam-nos, e "estou com a cachorra", a invenção é de um demônio sempre presente...) (BIZZARRI, 1981, p. 67-68).

Seguem-se outros trinta e cinco itens esclarecedores. Observa-se que, conforme Rosa, algumas palavras são "traduções". Outras conservam seu sentido literal, como atesta esta frase: "A noite é cheia de imundícies". Outras são apenas onomatopéias e outras "anfractuosidades infralógicas, hipersensoriais". Sobre a frase do Chefe Ezequiel: "O vento úa, morrentemente, avuve, é uma oada – ele igreja às árvores", Rosa elucidará ao tradutor que:

> úa = onomatopéia
> avuve = ¨ (dovento)
> oada = ¨ de (panc)ada, (z)oada; pode provir também de ôa! (= a voz com que o carreiro manda parar os bois do carro-de-bois).
> Igreja = Para o Chefe, o que dá mais idéia de respeito sério e pânico, de suspensão cósmica, coitado: de misterioso silêncio e grave ambiente (Cf. *sacer* = na sua ambigüidade ou ambivalência de ao mesmo tempo *"venerável"* e *"execrável")* é uma igreja. Daí, o verbo "*igrejar".*

> Trad. : O ventoventovento hhh-úiva, feito para morrer morrendo, venta-vôa-úiva, e – de só o fim-de-pancada, pára, então dentro do silêncio as árvores todas estão dentro da igreja... (BIZZARRI, 1981, p. 68).

Podemos concluir que os manuscritos "Boiada" constituem um relevante resultado da viagem de pesquisa de Guimarães Rosa, ao interior mineiro, em 1952. Repletos de estímulos sensoriais e informações sobre a Natureza, esses manuscritos, acrescidos da visão poética rosiana sobre o sertão, se tornaram, nos anos que se seguiram à viagem de 52, valiosos arquivos de uma paisagem decodificada, metalinguagem do sertão, dicionário e gramática da Natureza, nos quais Rosa buscará as razões e os sentidos para a composição de sua obra.

4.2 Das cadernetas para as letras: Corpo de baile e Grande sertão: veredas

> *Sertanejo exilado que sou na cidade, os versos e novelas que me falam do meu sertão enternecem-me até as lágrimas, mas de lembrança do que senti, sem dar por isso, e me repassam agora na memória do coração.*
>
> **Afrânio Coutinho**

Ao comparar a força imaginativa do poeta sertanejo em plena cidade com o exilado, Luciana Murari (2009, p. 208) observou que, na tradução da experiência, sob a forma do sensível e do memorável, o afastamento faz parte dos mecanismos de mediação. Para ela, é o apagamento dos contornos nítidos do objeto produzido pela distância que possibilita à imaginação torná-lo infinito. "Intérprete nativo na fronteira entre dois mundos" — o sertão e a cidade —, o escritor estaria "encarregado de uma representação documental e realista de seu meio de origem, de forma que [o universo representado] fosse 'mais real do que a própria realidade" (MURARI, 2009, p. 210).

Após décadas afastado do sertão natal, sob o impacto da experiência de viagens a outras cidades do Brasil e ao exterior, em sua expedição ao interior mineiro, em 1952, Guimarães Rosa volta a ser ator na reapresentação do espetáculo da Natureza nativa, para que, de volta à cidade, distanciado e sensível, pudesse ser o tradutor dos inúmeros enredos e diferentes personagens do teatro da Natureza, como os que se encenam em **Corpo de baile e Grande sertão: veredas.**

4.3 Paisagens traduzidas : "Gerais"

Para se buscar a tradução da Natureza em **Corpo de baile,** é preciso, primeiro, destacar algumas peculiaridades do livro que serão invocadas no desenvolvimento deste trabalho. Como se sabe, as duas primeiras edições desta obra (1956 e 1960) apresentavam dois sumários, um no início do livro e outro no final. No sumário do final do livro, as novelas eram dispostas em dois grupos. No primeiro, denominado "Gerais", figuravam as novelas "Campo Geral", "A estória de Lélio e Lina", Dão-Lalalão" e "Buriti"; e no segundo, "Parábase" (os contos), "Uma estória de amor", "O recado do morro" e "Cara-de-bronze" (ROSA, 2001c, p. 19). Ao que nos parece, no primeiro grupo, Rosa quer nos levar a uma viagem de conhecimento do sertão. O sertão de "suma autenticidade, total", sobre o qual ele se referiu em carta à Bizzarri (1981, p. 58), como forma de se buscar o "original ideal" (BIZZARRI, 1981, p. 63) da paisagem.

Referindo-se ao título "Campo Geral" da primeira estória, o autor declara:

> A primeira estória, tenho a impressão, contém, em germes, os motivos e temas de todas as outras, de algum modo. Por isso é que lhe dei o título de "*Campo Geral*" – explorando uma ambigüidade fecunda. Como lugar, ou cenário, jamais se diz um *campo geral* ou *o campo geral, este campo geral;* no singular, a expressão não existe. Só no plural: "os gerais", "os campos gerais". Usando, então, o singular, eu

> desviei o sentido para o simbólico: o de *plano geral* (do livro) (BIZZARRI, 1981, p. 58).

Ao que tudo indica, o mesmo artifício teria sido empregado no título "Gerais", para a primeira parte do livro. Como indicativo de lugar ou cenário, melhor seria se dizer "os gerais", "os campos gerais". O adjetivo plural desvia o sentido para a ideia de universal, em contraposição ao "particular".

De fato, em "Gerais" a Natureza do sertão é descortinada através dos olhos inocentes de um menino, repassada pelos olhos experientes de sertanejos, velhos conhecedores e guardiões da sabedoria e do universo natural. Observar-se-á em "Gerais" a Natureza em seu estado original, e o homem, em sua luta pela sobrevivência, em perfeita interação com o mundo natural. Princípio que se deseja universal, para a relação entre homem e Natureza.

Conforme observou Coutinho (1994, p. 17), ao passo que em uma narrativa regionalista tradicional, "a paisagem ocupa o centro da obra e o homem é relegado a plano secundário, como mero representante da região em foco (ele é o gaúcho ou o sertanejo, por exemplo), na ficção rosiana a paisagem é vista através dele". Com efeito, em "Gerais", a paisagem do sertão será apresentada sob a perspectiva do sertanejo, permitindo

> não apenas a recriação literária de uma área geográfica específica, tanto em seus aspectos físicos quanto socioculturais, mas também, e principalmente, a representação de uma região humana, existencial, viva e presente na mente de seus personagens – uma região que só pode ser definida como uma espécie de microcosmo" (COUTINHO, 1994, p. 17).

Ressalta-se que nesse "microcosmo" não se detectam tristes e melancólicos olhares sertanejos como os d'**Os retirantes,** de José do Patrocínio e outros grupos errantes que fogem da seca por caminhos incertos; de "homens raquíticos e idiotas", aparentemente incapazes de "sobreviver em meio à grandeza e aos perigos de uma natureza exuberante" dos contos de

Afonso Arinos (MURARI, 2009, p. 134); de mulheres como **Luzia Homem,** de Domingos Olímpio, nem tampouco de Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, menos ainda do "Conselheiro" de Euclides da Cunha. Usando expressão de Murari (2009, p. 123), diríamos que as vozes e olhares de Rosa são portadores de "valores elevados, como a coragem, o patriotismo, a iniciativa, o conhecimento do meio, a hombridade, a rusticidade e a liderança". Atributos que poderiam ter sido integrados àqueles que organizaram e sustentaram o país e, no entanto, foram reduzidos a uma fatal solidão. "Olhares" que sem suporte para sua imaginação e intelecto, foram exilados da pátria.

Bem antes de Guimarães Rosa, Taunay já teria ressaltado que "a maior virtude do sertanejo era o conhecimento e o amor pela terra, que poderiam se tornar a origem de um amor pela pátria, constituindo, assim, a base – tanto material quanto espiritual – para a implantação da ordem da nacionalidade" (apud ALAMBERT, 2001, p.219-228). Em Guimarães Rosa, observa-se essa ligação afetiva com a terra a iluminar os olhares sertanejos. Olhares (con)sabidos, olhares res(sabidos) de "sertanejos, sabidos, sábios" (ROSA, 1984, p. 190).

Retornando às peculiaridades das primeiras edições de **Corpo de baile**, no que concerne ao segundo grupo do sumário, Paulo Rónai (ROSA, 2001c, p. 20) entende que, ao subordiná-lo ao título "Parábase" — termo da comédia grega —, o autor parece nos advertir de que nele se encontram enigmáticas mensagens. Conforme demonstraremos, a "parábase" encerra "verdades sob forma de parábolas ou símbolos" e nela encontram-se "revelações" conforme afirmou Guimarães Rosa a seu tradutor italiano (BIZZARRI, 1981, p. 58). No nosso entender, verdades e revelações expressivas e inquietantes do ponto de vista de questões ambientais atuais.

4.3.1 O olhar menino: Miguilim

No meio dos Campos Gerais, mas num covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra.

Guimarães Rosa

De que serve um palácio [...] se eu nasci na cabana que o sol queimou, se as minhas recordações ficaram na cabana [...]?Nunca mais hei de ver o canto do meu berço, nem o alpendre onde meu pai vinha sentar-se à tarde, enquanto minha mãe fiava [...]

Coelho Neto

A estória de Miguilim, protagonista da novela "Campo Geral, nascido "em buraco de mato, lugar chamado Pau-Roxo, na beira do Saririnhém"(ROSA, 1984, p. 16), é a tradução mais pura da linguagem da natureza do sertão. Usando expressão de Alencar (1919, p. V-XIV), é a "fase da infância da terra" mimetizada na infância do personagem. Confrontado com o mundo dos homens, o mundo infantil de Miguilim é regido pela natureza virgem do Mutum e de toda a transcendência que dela exala. Nesse cenário, o menino é levado a se desligar das coisas terrenas, para uma maior aproximação com a obra de Deus.

Miguilim tinha os olhos embaçados pela miopia, falha por ele desconhecida e somente descoberta no final de uma narrativa paradoxalmente carregada de sinais visuais da Natureza. O fato nos leva ao texto "As doze beguinas" de Ruysbroeck,[19] sobre o qual Heloisa Vilhena considerou via interessante para se estudar o livro **Corpo de baile** e particularmente "Campo geral"**:**

> [...] deveis manter vosso pensamento livre de toda imagem sensível; o entendimento aberto e elevado, com desejo, à verdade eterna; o espírito descoberto diante de Deus como um espelho vivo para receber, com ele, a semelhança eterna "o pensamento vazio de imagens é o espelho vivo no qual brilha esta luz" (apud ARAUJO, 1996, p. 380).

[19]Ruysbroeck, brabanção do século XIV, do qual Guimarães Rosa extraiu algumas epígrafes de **Corpo de baile.** Examinando cópia dos livros do místico, que pertenceram ao próprio Rosa, Heloisa Vilhena verificou que os trechos aqui citados, possuíam marginália de Rosa.

Apesar da visão pouco nítida, o menino tinha o "entendimento aberto e elevado" e seus olhos eram como "o espelho vivo" de Ruysbroeck. Ainda de acordo com o místico,

> [q]uando a claridade do sol banha a atmosfera, a beleza e a opulência do universo inteiro tornam-se visíveis, os olhos do homem clareiam e dão o gozo de mil cores diversas. Da mesma forma, quando a simplicidade reina em nós e quando o espírito da inteligência ilumina e banha nosso intelecto possível, tornando-nos capazes de conhecer os sublimes atributos de Deus, fonte de todas as obras que dele emanam (apud ARAUJO, 1996, p. 425).[20]

Dessa forma, o mundo de Miguilim, regido pelos elementos da Natureza, representa também "um início de uma vida natural, que recebeu um primeiro raio de luz da graça de Deus, do sol da vida espiritual" (ARAUJO, 1996, p. 380). Assim sendo, em sua simplicidade e inteligência, Miguilim é capaz de perceber com clareza a linguagem das cores, dos sons, dos cheiros e da tatilidade da Natureza do Mutum.

No que se refere aos estímulos sensoriais, sabe-se que estes podem desempenhar papel importante na memória e conseguem transportar as pessoas para situações vividas. Com relação ao olfato, Lévi-Strauss (1986 apud Meyer 1998, p. 127) dá um testemunho interessante, ao relatar que a cor vermelha da madeira do pau-brasil desenhava em sua mente uma imagem aprazível do Brasil. A simples menção do nome Brasil, cheirava a "brasido", levando-o a pensar em primeiro lugar, num perfume queimado.

Em sua análise das anotações de "Boiada", Meyer (1998, p 127) reconhece que, através do cheiro da *macela-do-campo*, Guimarães Rosa se recorda da mãe. Repare-se que esse estímulo sensorial está presente no mundo imaginário de Miguilim, pondo a descoberto registros da memória, associados a novas sensações:

---

[20] Capítulo LXVII do livro II do **Ornamento do casamento espiritual,** que trata do segundo efeito do dom da inteligência.

> Dito começava a dormir de repente, era a mesma coisa que Tomezinho. Miguilim não gostava de pôr os olhos no escuro. Não queria deitar de costas, porque vem uma mulher assombrada, senta na barriga da gente. Se os pés restassem para fora da coberta, vinha mão de alma, friosa, pegava o pé. O travesseirinho cheirava bom, cheio de macela-do-campo" (ROSA, 1984, p. 37).

Lembremo-nos do que afirmou Cannabrava (1994, p. 72), a respeito da identificação entre autor e personagem em "Campo Geral":

> [a] razão dessa vida em comum entre o herói e o escritor provém de que ambos foram feitos do mesmo barro, experimentam as mesmas vivências e reagem sob os mesmos excitantes. Nada mais difícil do que estabelecer critérios que permitam distinguir o autor de sua obra, pois se trata da própria substância de Guimarães Rosa impregnando as páginas de **Corpo de baile.** Ele está presente em cada frase, expressão ou palavra, imprimindo o cunho de sua personalidade nas formas, situações ou coisas que figuram nesse livro abundante de imagens e de vida.

Muitos outros pormenores do mundo sertanejo registrados em "Boiada" e repassados pelos olhos de Miguilim irão compor a paisagem de "Campo Geral". Nela "a combinação da realidade crua com a rapsódia sertaneja empresta [...] uma força singular". Mas, conforme afirmou Cannabrava (1994, p. 73), "o gosto pelo descritivo refreia o ímpeto da imaginação alcandorada, obrigando-a a participar dos pequenos acontecimentos e a disciplinar-se através de incursões constantes no domínio da filosofia sensorial".

Em "Campo Geral", como resultado dessa incursão, a realidade apresenta-se impregnada por poemas em miniatura, sobre o futuro de uma biodiversidade, que, a exemplo de outras partes do mundo, poderia ser condenada à extinção.

Para darmos prosseguimento à nossa linha de pensamento, são necessárias algumas considerações.

Conforme já observamos, as primeiras ideias preservacionistas surgiram a partir do início do século XIX, na Europa, "e para isso contribuíram o avanço da História Natural e o respeito que os naturalistas tinham por áreas selvagens não-transformadas pelo homem" (THOMAS apud DIEGUES, 2001, p. 23). Criado nos Estados Unidos, em meados daquele século, o parque *Yellowstone* simbolizará, nesse sentido, o início de novas ideias relativas à revalorização do mundo natural.

Embora a questão ambiental não represente uma ideia nova nos meios científicos, para Lévêque (1999, p. 9-10),

> até aqui, não houve muita preocupação sobre o devir da diversidade biológica, tão longo foi o período em que os recursos vivos pareciam inesgotáveis e que o espaço era suficiente para permitir que os homens ocupassem novas terras sem comprometer, portanto, o futuro das outras espécies. É justamente a tomada de consciência recente sobre uma desaparição maciça e rápida dos meios naturais, sob o efeito conjugado das atividades ligadas ao desenvolvimento e dos meios técnicos cada vez mais possantes, que suscitou a inquietude dos cientistas e das associações de conservação da natureza.

Observa-se que, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a Natureza que apenas tinha sido tocada levemente pelo homem, torna-se "domínio de uma agricultura moderna e de uma indústria expansiva" (DIEGUES, 2001, p. 25). De acordo com Murari (2009, p. 20),

> [n]a segunda metade do século XIX, o crescimento econômico do mundo capitalista adquiriu uma intensidade até então inédita, sob o impulso da expansão da atividade industrial nos Estados Unidos e nos principais países europeus, e das recentes inovações tecnológicas nos setores de transporte e de comunicação, que possibilitaram a incorporação de novos espaços à dinâmica do capitalismo e a aceleração do ritmo das trocas, com correspondente ampliação dos mercados para a economia industrial em ascensão, de forma a integrar todo o planeta, progressivamente, ao sistema capitalista.

Em sua pesquisa sobre a relação entre homem e Natureza, na produção intelectual brasileira de 1870 a 1920, a autora considerou a Natureza – "espaço por excelência da imaginação romântica da nacionalidade e que dizia muito a respeito dos impasses da modernização no país" – como o "avesso do incipiente cenário técnico-industrial brasileiro". Para ela,

> o modernismo do século XIX e do início do século XX caracterizou-se pela atração e entusiasmo pela modernidade, simultaneamente à sua crítica e sua recusa [...]. A literatura e o pensamento social foram, portanto, marcados por essa ambiguidade fundamental entre o futurismo progressista e uma certa nostalgia que partia em busca de uma poética da ancestralidade e da tradição, dos espaços selvagens ou arruinados pelo tempo.[...] os espaços não civilizados tornaram-se intrinsecamente poéticos e românticos, tanto na lentidão de seu ritmo vital, em sua imemorialidade, seu apego à tradição e ao transcendente, quanto em sua violência.

Portanto, a partir do Romantismo científico até a primeira metade do século XX, a literatura brasileira será ponte de ligação entre passado e futuro, tradições e utopias, em bases alicerçadas por um discurso moderno fundamentado na subjetividade romântica e na "razão iluminista". No entanto, largos eram os limites da ciência e da tecnologia e estreitos eram os espaços para a literatura nas décadas seguintes.

A década de 1960 marcará a emergência de uma série de movimentos, entre os quais o ecológico. Como considerou Gonçalves (2001, p. 12), o movimento ecológico teve raízes na Revolução Cultural, ambiente em que se questionam os modos de produção e as condições de vida das populações. "Sob a chancela do movimento ecológico, veremos o desenvolvimento de lutas em torno de questões as mais diversas, tais como a

> extinção das espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água, contaminação de alimentos, erosão dos solos, diminuição das terras agricultáveis pela construção de grandes barragens, ameaça nuclear, guerra bacteriológica,

> corrida armamentista, tecnologias que afirmam a concentração do poder, entre outras.

Conforme a publicação "A História da ecologia humana" (1999), o chamado "Clube de Roma" (1960) foi a primeira discussão internacional sobre a adoção de políticas envolvendo aspectos ambientais, com a avaliação dos critérios de uso dos recursos hídricos superficiais que, até então, eram utilizados sem nenhum tipo de regra.

No Brasil, o movimento ecológico irá emergir dez anos mais tarde e em um contexto muito específico: do regime da ditadura com suas amarras para o desenvolvimento de uma política ambientalista. Somente no final da década de 1970, com a anistia, exilados políticos que haviam vivenciado movimentos ambientalistas europeus, retornam ao Brasil trazendo o "cabedal necessário para a defesa de teses ecologistas" (GONÇALVES, 2001, p. 13-15).

Observa-se que, bem antes disso, Guimarães Rosa empreende uma viagem de reconhecimento e lança dois livros revolucionários: **Corpo de baile e Grande sertão: veredas.** Do ponto de vista ecológico, no que se refere ao perigo de extinção de espécies animais, "Campo geral" é, sem dúvida, exemplar, um poderoso alerta sobre as ameaças, que Guimarães Rosa, com clareza, percebia pesar sobre o futuro do ecossistema do cerrado.

Em 26 de maio de 2003, o Ministério do Meio Ambiente, através da Instrução Normativa nº 003, reconheceu como "Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção", aquelas constantes de uma lista de cerca de quatrocentos nomes. O confronto da listagem com "Campo geral" evidencia a "exatidão documental" e o "selo de autenticidade" tão caros a Guimarães Rosa. Entre eles, destacamos os que foram repassados pelo "entendimento aberto e elevado", pelo "espelho vivo" de Miguilim:[21]

[21] As correspondências entre as espécies e a obra de Guimarães Rosa foram feitas levando-se em conta os nomes listados pelo Ministério do Meio Ambiente, a ocorrência da espécie no estado de Minas Gerais e a aproximação com os nomes citados na ficção de Rosa.

Nome científico, autor e data	Nome popular
Priodontes maximus (Kerr, 1792)	Tatu-canastra

> Mais que matavam eram os tatus, tanto tatu lá, por tudo. [...] Tão gordotes, tão espertos – e estavam assim só para morrer, o povo ia acabar com todos? O tatu correndo sopressado dos cachorros, fazia aquele barulhinho com o casculho dele, as chapas arrepiadas, pobrezinho – quase um assovio. *Ecô!* – os cachorros mascaravam de um demônio.Tatu corria com o rabozinho levantado – abre que abria, cavouca o buraco e empruma suas escamas de uma só vez, entrando lá, tão depressa, tão depressa – e Miguilim ansiava para ver quando o tatu conseguia fugir a salvo" (ROSA, 1984, p. 27).

Myrmecophaga tridactyla Linnaeus, 1758	Tamanduá-bandeira

> E ali nem tinha tamanduá nenhum, tamanduá reside nas grotas, gostam de lugar onde tem taboca, tamanduá arranha muito a casca das árvores. A bem que estúrdio ele tamanduá é, tem um ronco que é um arquejo, parece de porco barrão, um arquejo soluçado. Miguilim não tinha medo nenhum, nenhum, não devia de. Miguilim saía do mato, destemido (ROSA, 1984, p. 68).

> Depois o Dito aprovou que o tempo-do-ruim era mesmo verdade, quando no dia-de-domingo tamanduá estraçalhou o cachorro Julim. Notícia tão triste, a gente não acreditava [...]. Foi na caçada de anta. Pai não querendo contar: o tamanduá-bandeira se abraçou com Julim, primeiro estapeava com a mão na cara dele, como tamanduá dá sopapos como pessoa. Daí rolaram no chão, aquela unha enorme do tamanduá rasgou a barriga dele, o Julim abraçado sangrando, não desabotoou o abraço [...]. Zerró não pôde ajudar, nem os outros. Pai matou o bandeira, mas teve que pedir a um companheiro caçador que acabasse de matar o Julim, mò de não sofrer. Nem não deviam de ter ido! Não eram cachorros para isso [...] (ROSA, 1984, p. 95-96).

Platyrrrhinus recifinus (Thomas, 1901)	Morcego

> A ver, e de repente, no céu, por cima dos matos, uma coisa preta disforme se estendendo, batia para ele os braços: ia ecar, para ele, Miguilim, algum recado desigual? "São os morcegos?. Se fossem só os morcegos?!..." (ROSA, 1984, p. 61-62).

Cebus robustus (Kuhl, 1820)	Macaco-prego

> Ei, Miguilim, isto é p´ra você, você carece de saber das coisas: primeiro, foi num mato, onde eu achei uns macacos dormindo, aí acordaram e conversaram comigo...(ROSA, 1984, p. 66).

Capela de macacos! Miguilim entendia, juntou as pernas e baixou a cara, Pai agora o ia matar, por ter perdido o caráter, botado fora o almoço. Mas Pai, se rindo com o outro homem, disse, sem soltura de palavras, sem zanga verdadeira nenhuma: – "Miguilim, você é minhas vergonhas! Mono macaco pôde mais do que você, eles tomaram a comida de suas mãos..." E não quiseram matar macacos nenhum.

Chrysocyon brachyurus (Illiger, 1815) Lobo-guará

– "Sem os cachorros, como é que a gente ia poder viver aqui?" – o pai sempre falava. Eles tomavam conta das criações. Se não, vinham de noite as raposas, gambá, a irarinha muito raivosa, até onça de se tremer, até lobos, lobo guará dos Gerais, que vinham, de manhã deixavam fios de pêlo e catinga deles que os cachorros reconheciam nos esteios da cerca, nas porteiras, uns deles até mijavam sangue.

Puma concolor (Nelson & Goldman, 1931) Onça-parda, suçuarana, puma, onça-vermelha

> O vaqueiro Jé disse para não deixarem os meninos sair de perto de casa, porque tinha aparecido uma onça muito grande nos matos do Mutum, que era pintada, onça comedeira, que rondeava de noite por muitas veredas; e o rastro dela estava estando em toda parte (ROSA, 1984, p. 128).

Taoniscus nanus (Temminck, 1815) Inhambú-carapé

> O Dito sabia ajoelhar melhor? De dentro, para enfeitar os santos do oratório, tinha um colarzinho de ovos de nhambu e pássaro-preto, enfiados com linha, era entremeado, doutro e dum – um de nhambu, um de pássaro-preto, depois outro de nhambu, outro de pássaro-preto...; o de pássaro-preto era azul-claro se descorando para verde, o de nhambu era uma cor-de-chocolate clareado... (ROSA, 1984, p. 31-32).

Leucopternis lacermulata (Temminck, 1827) Gavião-pombo-pequeno

> Miguilim, por si, passeava. Descia maneiro à estrada do Tipã, via o capim dar flor. Um qualquer dia ia pedir para ir até na Vereda, visitar seo Aristeu. Zerró e Seu-Nome corriam adiante e voltavam, brincando de rastrear o incerto. Um gavião gritava empinho, perto.

Amazona vinacea (Kuhl, 1820) Papagaio-de-peito-roxo
Anodorhynchus hyacinthinus (Latham, 1790) Arara-azul-grande

> E o caminhozinho descia, beirava a grota. Põe os olhos pra adiante, Miguilim! Em ia contente, levava um brio, levava destino, se ria do grosso grito dos papagaios voantes, nem esbarrou para merecer uma grande arara azul, pousada comendo grelos de árvore [...] (ROSA, 1984, p. 68).

Coryphaspiza melanotis (Temminck, 1822) Tico-tico-do-campo

> E o casal de tico-ticos, o viajadinho repulado que ele vai, nas léguas em três palmos de chão. E o gaturamo, que era de todos o mais menorzim, e que escolhia o espaço de água mais clara [...]. Tudo tão caprichado lindo! Ele Miguilim havia de achar um jeito de sarar com Deus (ROSA, 1984, p. 47-48).

Celeus torquatus tinnunculus (Wagler, 1829) Pica-pau-de-coleira-do-sudeste

> Atitava um assovio de perdiz, na borda-do-campo. Voando quem passava era a marreca-cabocla, um pica-pau pensoso, casais de araras. O gaviãozinho, a gavião-pardo do cerrado, o gaviãozinho pintado. A gente sabia esses todos vivendo de ir s'embora, se despedidos (ROSA, 1984, p. 61).

Thoropa lutzi Cochran, 1938 Rãzinha

> O pio das rolinhas mansas, no tarde-cai, o ar manchado de preto. Daí davam as cigarras, e outras. A rã rapa-cuia. O soumbo dos sapos. Aquele lugar do Mutum era triste, era feio. O morro, mato escuro, com todos os maus bichos esperando, para lá essas urubu-guáias.

Oyclopyge roscius iphimedia (Plötz, 1886) Borboleta
Arawacus aethesa (Hewitson, 1867) Borboleta
Nirodia belphegor Westwood, 1851 Borboleta

> Em quando refrescava o dia, o ar dos matos se retrasava bom, trespassada. Algum passarinho cantando: apeou naquele galho. Como um ramo de folha menor se desenha para baixo. As borboletas.

Xylocopa (Diaxylocopa) truxali Hurd & Moure Abelha

> Seo Aristeu criava em roda de casa a abelha-do-reino e aquelas abelhinhas bravas do mato, ele era a única pessoa capaz dessa inteligência (ROSA, 1984, p. 45).

> – "E as abelhas, como vão, seo Aristeu?" " – De mel e mel, bem e mal, Nhô Berno, mas sempre elas diligenceiam, me respeitam como rei delas, elas sabem que eu sou o Rei-Bemol!... (ROSA, 1984, p. 65).

Em 1960, o livro **O Brasil e suas riquezas**, de Waldomiro Potsch obteve sua 30ª.edição alcançando a cifra de quatrocentos mil exemplares publicados, desde o seu lançamento em 1921, pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Referindo-se à motivação da primeira publicação, conta o autor que, tendo percorrido a biblioteca do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura e as livrarias, convenceu-se de que não existia no país nenhum "livro que se ocupasse com os animais, os vegetais e os minerais sob o ponto de vista nacional, e apontasse aos brasileiros os imensos recursos naturais cuja exploração nos daria proeminente posição entre as maiores e as mais poderosas potências do mundo" (POTSCH, 1960, p. 17). Considerada obra pioneira da divulgação, em conjunto, dos dados sobre a Natureza brasileira, a "leitura pátria" ou "brasiologia" foi levada das escolas até as tropas do Exército. De acordo com elogiosos depoimentos de autoridades e

intelectuais, a obra teria passado “pelos olhos de milhares de brasileiros necessitados de educação em leitura fácil e atraente” (GOMES apud POTSCH, p. 326). Nas primeiras páginas da edição de 1960, o Professor Anísio Teixeira, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos recomenda que se ofereça o livro a todas as crianças alfabetizadas no Brasil e que o mesmo fosse lido por todos os que desejassem conhecer o extraordinário e surpreendente desenvolvimento do país.

É interessante registrar nota constante na mesma edição, expedida pelo Correio Aéreo Militar, a respeito dos feitos da “gloriosa corporação”, com relação à divulgação do livro desde a sua primeira edição:

> Um dos brasileiros de que mais se ufana nosso País, o Brigadeiro Eduardo Gomes, naquele tempo, Coronel do Exército, foi dos primeiros a reconhecer a utilidade do “O Brasil e suas riquezas”. Criador do Correio Aéreo Militar, mandou adquirir algumas centenas de exemplares e os seus aviões levaram os livros aos pontos mais distantes e insulados do nosso território. Nas pequenas povoações do Brasil central o livro, distribuído pelo Coronel Eduardo Gomes, deve ter andado de mão em mão, fazendo vibrar a alma simples dos nossos compatriotas que esperam a Pátria os chame à comunhão nacional, tirando-os do abandono em que têm eles vivido” (POTSCH, p. 325).

Triste Coronel! Em sua alta patente e potente desconhecimento sobre o interior do Brasil, não sabia que era a leitura dos sinais do céu que fazia vibrar “a alma simples” de um sertanejo e não os duvidosos papéis trazidos por seus aviões pelos céus.

Melancólico Coronel! É provável que não tenha conhecido Miguilim, que sob a inspiração da Natureza, já possuía a alma em constante vibração. Se tivesse o Coronel distribuído nas cidades o brado poético de Guimarães Rosa, certamente o Brasil não teria perdido, no último século, tantas espécies nativas de sua fauna e flora.

Há de se ressaltar que a “Comissão Rondon”, projeto inédito de colonização do interior do Mato Grosso ao Amazonas, que se intensificou a partir de 1900, tinha como

objetivo a tomada de posse do sertão e a promoção da ocupação do território explorado ou o aproveitamento das riquezas nele descobertas (MURARI, 2009, p. 305). Conforme Murari (p. 304), "para seu comandante, engenheiro militar e positivista ortodoxo, fazia-se mister 'quebrar o encanto' dos sertões":

> Desbravar esses sertões, torná-los produtivos, submetê-los à nossa atividade, aproximá-los de nós, ligar os extremos por eles interceptados, aproveitar a sua feracidade e as suas riquezas, estender até os mais recôndidos confins dessa terra enorme, a ação civilizadora do homem – eis a elevada meta de uma política sadia e diligente [...] (RONDON 1916, apud MURARI, 2009, p. 305).

Conforme ressaltou Murari (2009, p. 314), no contexto brasileiro da época, "a ação transformadora do homem expressou-se frequentemente em depredação do patrimônio natural e sacrifícios humanos". Mas a visão realista de alguns intelectuais brasileiros ironizariam os utopistas do progresso, como o fez Augusto de Lima "apontando o contraste entre os vislumbres transformadores, desprovidos de base material e política, e a passividade da natureza, que seguia seu ritmo, indiferente às pretensões humanas, ainda que suscetível à sua força destruidora" (MURARI, 2009, p. 314).

Seguindo o ritmo da Natureza, Guimarães Rosa continuará sua viagem ficcional pela paisagem do sertão, ultrapassando o Mutum de Miguilim e indo ao encontro de outros olhares e outras paisagens "Gerais": o Pinhém de Lélio e Lina, o Ão e o Andrequicé de Doralda e Soropita, o Buriti Bom de Iô Liodoro.

4.3.2 O olhar (con)sabido, o olhar (res)sabido: Lélio e Lina", "Dão-Lalalão" e "Buriti"

> *Quase todo o mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios.*

Na entrada-das-águas, tempo de afã em toda fazenda-de-gado nos Gerais, um vaqueiro de fora chegou à do Pinhém.

Guimarães Rosa

Na "Estória de Lélio e Lina", passada na fazenda do Pinhém, terra que era um "braço de mundo", o "capim gotava leite e boi brotava do chão ..." (ROSA, 2001c, p. 190). Afastados do mundo, os vaqueiros encarregados de cuidar do gado eram apenas elementos a mais da Natureza, na luta pela vida. Um dos recursos empregados por Rosa para traduzir a linguagem da Natureza é a comparação dos vaqueiros com os "estrênuos pegureiros, que lutavam com os anjos, levantavam suas tendas e vadeavam os desertos" (ROSA, 2001a, p. 169-170).

Por outro lado, ao vislumbrar nos "Gerais" o ideal de equilíbrio ambiental, o texto rosiano exemplifica as atitudes de homens libertos do lema progressista da conversão do patrimônio natural em fonte de riqueza material. Cria-se então um novo olhar sobre a figura do sertanejo:

> Na entrada-das-águas", Lélio, um vaqueiro de fora, chega no Pinhém. Com ele o cavalo "recém-ferrado dos quatro, relimpo de liso [...] Mal aí o cachorro, esse triste: um miunço, rareado amarelado, mestiço de veadeiro focinho fino preto, lombo indo se enriçando, a costela se mostrando um bocadinho, atrás o rabo revirado. [...] deixara cair de propósito o cabresto, e o cachorrinho se sentou, pata em cima [...] – 'Meu não é, Patrão. Topei vagueando à avessa no oco do cerradão, em distância de três dias... "(ROSA, 2001c, p.175-176).

A descrição do animal em estado deplorável e a negação de pertencimento, que introduzem a narrativa, expressam-se enquanto negação da "imagem preconceituosa do sertão, visão que dominou as obras regionalistas dos anos 30" (COUTINHO 1994, p. 12). De fato, a vida de Lélio na fazenda vai contrastar com a ideia de um sertão triste, atrasado e pobre. A adaptação, a descoberta de uma Natureza sábia, sadia e equilibrada, a partir das pessoas do lugar, vão marcar as experiências do vaqueiro. Ao lado de Dona Rosalina, a quem

às vezes ele achava que “estivesse ensinando outro poder inteiro de se viver” (ROSA, 2001c, p. 248), Lélio aprendia. “A velhinha sabia. A limpo em qualquer caso, da vida dela mesma, ou das dos outros, tirava um apropósito de lição. A mais, tirava, das coisas, do mato, da noite, do céu, um risco de conversa atôa” (ROSA, 2001c, p. 247-248). Sabia e dizia sua sabedoria poética:

> Sobre por cima da lagoa, de tarde, estão jogando umas violetas...” – ela falava. – Da lagoa sobe um pato: voa, voa ...” E vinha, uma noite de luar, tinha aqueles ditados: – “Tem um anjo desterrado na lua ... Do lado de lá da lua, há luz e festa...” Resumia naquela moita de bambu, perto da casa, e que alongava o tom do vento. Ela falava: – “É bom, ficar junto de lá, para poder ouvir o bambual gemer”. O bambual se encantava, parecia alheio uma pessoa.

Dona Rosalina era “dona de ervas e flores, sabedora do mundo seu” (ROSA, 2001c, p. 249-250). Na “horta crescida e chovida e [no] quintal, onde tudo era aprazível”, ela possuía:

> a flôr-de-baile, que se abre de noite; a figueira, em bom lugar, que dava figos o ano todo; o vivo cheiro da pimentinha vermelha; os grandes mamoeiros e o pé de mamão-macho, encordoado, voaçado de abelhas; o urucum, bichoso, azaranzado perto da cerca; os quiabeiros, a cidreira, os marmeleiros, a acelga verdinverde; as rosas solteironas, que se enferrujavam e mofavam na roseira; e o limoeiro – que, na norma dos limoeiros, na mesma ocasião se carregava de tudo, junto, tinha botões, florinhas, e os limões de todos os tamanhos, verdes, de-vez e maduros – limoeiro tão tratado e cuidado, e por tanto agradecido, que deu flôr antes do tempo (ROSA, 2001c, p. 249).

Como as outras mulheres do Pinhém, Lina conhecia bem as propriedades medicinais das plantas e com elas curava os males do corpo e alma dos vaqueiros:

> [...] faziam remédios p’ra quem precisasse: ainda hoje a Tomázia tinha pilado folhas novas de assa-peixe para pingar nos olhos do Placidino, que estavam com um começo de inflame (ROSA, 200lc, p. 230).

> [...] E ela apanhou um raminho ou dois, de funcho; mandou que ele mastigasse bem a folha e o talo também, perfumava a boca; e depois por cima, deu a ele um gole de água morna para beber. A dor tinha passado (ROSA, 2001c, p. 249-250).

Por sua vez, os vaqueiros buscavam na Natureza os remédios para os animais:

> Numa beira-d'água, encontraram uma vaca jovanês-castanha, deitada de adoecente [...] – "É erva!" – todos falaram [...] J'sé-Jórjo mexia em seu chapéu um pouco de rapadura raspada, com terra de formigueiro e água, faziam a vaca engolir aquilo [...] Quando acabavam o almoço, a vaca ervada já estava bôa, em pé, queria até investir, de repente ficava braba (ROSA, 2001c, p. 216).

De modo geral, as referências ao uso de plantas e animais como medicina alternativa revestem a obra de Guimarães Rosa de certo caráter científico e didático. Importa registrar que, na área da fitoterapia, os segredos das receitas e combinações de chás, emplastros, banhos de imersão relatados pelos personagens têm sido objeto de pesquisas, numa tentativa de se recuperar o saber empírico do sertanejo sobre a arte de curar.

Como considerou Brandão (2008, p. 8), relatos históricos e de naturalistas estrangeiros do século XIX revelam que Minas Gerais era um estado rico em plantas medicinais. Enquanto nos séculos anteriores, a atividade mineradora despertava os olhares sobre a região, sua biodiversidade teria permanecido inexplorada. No entanto, no século XX a industrialização e urbanização provocaram a substituição da vegetação nativa por pastagens, monoculturas de eucalipto, cana e soja, desencadeando uma intensa erosão genética e cultural das plantas medicinais nativas. Muitas espécies se perderam antes mesmo de ser conhecidas, e os dados registrados em obras produzidas em épocas passadas o comprovam. Entre elas inclui-se a literatura de Guimarães Rosa.

Extrapolando os limites da ciência, a paisagem do Ribeirão do Pinhém e no São-Bento "era a felicidade de terrão e relva, em ilha farta – capões de cultura alternando com pastagens

de chão fosfado, calcáreo, salitrado – quase tão rica quanto as do Urubuquaquá e do Peixe-Manso". Tanto que,

> às vezes seo Séncler se reanimava, no entusiasmo de que dela pudesse tirar a salvação de seus negócios; mas que, outras horas, num arregalar de tristeza, pensava achando que talvez ele mesmo não soubesse aproveitar tudo aquilo, e tinha medo de ruína próxima (ROSA, 2001c, p. 178).

O toque da mão do homem sobre a Natureza, em formas evanescentes e renovadas, que Guimarães Rosa teme seja substituída pela força da máquina, o leva a buscar as diferenças perdidas. Nesse caso, como afirmou Cunha (1994 apud Meyer, 1998, p. 46), a revelação do perdido "torna-se instrumento de protesto contra a mesmice e a homogeneidade cultural".

Com efeito, nos "Gerais" de Guimarães Rosa:

> O dia começava aos tantos, e os gaviãozinhos pulavam no capim, catando gafanhotos. Passarinhos em desarripio cantavam nas moitas e árvores" (p. 190).[22]
>
> [N]a vereda abaixo os butitis estalavam de verde novo, sob o agarrar de muitos pássaros, remexendo nas frondes, nos cachos de coquinhos mal nascidos, chamando fino e transvoando. Cada palmeira ficava de uma raça: quando era sofrê, amadurecia de sofrê; quando maitaca, o verde até azulava; os papagaios sarapintavam amarelos pontos, mas as araras mandavam e ralhavam onde queriam, toda a parte (p. 192).
>
> Os passarinhos refinavam. Com esses mil gritos, as maitacas, as araras, os papagaios se cruzavam. [...] A Vereda-Azul, a buritiqueira, enxameava de pássaros. Altos, altos, gaviões. O gado comia com orvalho (p. 311).
>
> [À] beira dos olhos d'água, que minavam em borbulho rompido muito alegre, do sopé de um morro amarelo, de terra de chapada, e baciavam em poços quase de azul e leite, [...] os passarinhos bebiam e se banhavam (p. 198).

[22] As referências seguintes, relativas a ROSA 2001c, deste sub-capítulo, serão marcadas apenas pelo número da página.

> A água [...] dava gosto, corria fria (p. 180).
>
> No Sertão dos Gerais, nem dava bicheiras, nem bernes: o couro saía de primeira qualidade (p. 190).
>
> A animalada era sã de mansa: compreendiam espertamente os grandes sons em *a* (p. 189).
>
> O sol secava quase toda a lama. Secava dura, ali nos Gerais a lama logo se atijolava, mais que em qualquer outra parte (p. 231).
>
> Chove raio. Dava medo. As asas de um fogo feio, morte, a claridade triste, aqueles coriscões, feito morcegos amarelos e vermelhos, os rasgões no preto, espadantes, um emendado com outros, não esbarravam (p. 243).
>
> As cigarras friçoavam, vesprando seca (p. 297).
>
> [N]a dura da seca, os vaqueiros procuravam empurrar o gado para o fundo dos pastos, e limpavam os bebedouros. Aos casais, também vinham voavam os quemquéns, mudando de morada e baixada, sempre para catar no esterco do vacúm, nos malhadores. A tanta lida, tudo, cada um a seus intentos (p. 300).
>
> [A] vida ia indo e variava, de repente: eram as pessôas todas se desmisturando e misturando num balanço de vai-vem, no furta-passo de uma contradansas, vago a vago. Ou num desnorteio de gado (p. 287).
>
> A vida andava (p. 292).
>
> Os campos eram grandes. À tarde, as águas – ver o buriti, palma por palma. Adforma que se vivia (p. 296).

Em seu texto "A pedra angular: as relações homem-natureza", Christian Lévêque (1999, p. 22-23) vê "o desenvolvimento das atividades humanas, consumidoras de espaços e de recursos" como a causa da erosão da biodiversidade e faz um alerta sobre a necessidade de se buscar soluções eventuais. "O homem, nas suas escolhas sociais e dentro do seu comportamento frente à natureza e seus recursos, é, portanto, um elemento chave".

Por sua vez, Dias vê nos conceitos “errados” sobre a Natureza a causa da agressão do homem ao meio ambiente e alerta sobre a necessidade de corrigi-los. Segundo o autor, hoje se sabe que

> Nós, seres humanos, não somos os donos da Terra. Fazemos parte dela. Não temos de “dominar” a natureza. Precisamos aprender a viver em harmonia com ela. Os recursos naturais não são apenas mercadorias a serem exploradas. Antes de tudo, são as bases de sustentação da vida. Dependemos da Terra. A Terra não depende de nós. A exploração dos recursos naturais não pode continuar a crescer. Tais recursos são finitos.

Nesse sentido, a Biomimética, “nova ciência que estuda os modelos da natureza e depois imita-os ou inspira-se neles ou em seus processos para resolver os problemas humanos” é uma verdadeira revolução. De acordo com Benyus (1997, p. 8-10) com propósitos inversos à Revolução Industrial, a “Revolução Biomimética inaugura uma era cujas bases assentam não naquilo que podemos extrair da natureza, mas no que podemos aprender com ela”

Portanto, os “Gerais” de “A estória de Lélio e Lina”, modelo para a esperada “Revolução Biomimética” trazem em sua esteira a compatibilidade entre conservação da biodiversidade e desenvolvimento humano. Modelo de um passado ainda não contaminado pelo modelo capitalista e sua pressão sobre os recursos naturais, que Guimarães Rosa conheceu e traduziu em forma de poesia.

> *Durante a mocidade, afeito a estar sempre viajando distâncias, com boiadas e tropas, agora que se fixara ali nos Gerais o espírito e o corpo agradeciam o bem daquelas pequenas chegadas a Andrequicé, para comprar, conversar e saber.*
>
> **Guimarães Rosa**

> *Mas quem, sábio ou artista, não encontraria generosas colheitas nestes campos maravilhosos.*
>
> **Taunay**

A estória de Doralda e Soropita descrita em “Dão-Lalalão” é um exercício de descoberta dos estímulos sensoriais associados à sensualidade exalada pela Natureza do sertão. Fixando-se nos Gerais, “o espírito e o corpo [de Soropita] agradeciam o bem” das viagens a Andrequicé (ROSA, 2001b, p. 29). Ia para as compras, para ouvir, aprender e guardar na ideia, a novela do rádio, para retornando ao Ão, no dia seguinte, repeti-la aos outros. “Conhecia de cór o caminho, cada ponto e cada volta, e no comum não punha maior atenção nas coisas de todo tempo:

> o campo, a concha do céu, o gado nos pastos – os canaviais, o milho maduro – o nhenhar alto de um gavião – os longos resmungos da juriti jururu – a mata preta de um capão velho – os papagaios que passam no mole e batido vôo silencioso – um morro azul depois de morros verdes – o papelão pardo dos marimbondos pendurado dum galho, no cerrado – as borboletas que são indecisos pedacinhos brancos piscando-se – o roxoxol de poente ou oriente – o deslim de um riacho” (ROSA, 2001b, p. 28).

No mais, “[s]ó cismoso, ia entrado em si, em meio-sonhada ruminação”. Só despertava do devaneio com algum incidente:

> o bugiar disso-disto de um sagüi, um paspalhar de perdiz, o guincho subinte de um rato-do-mato, a corrida de um preá arrepiando em linha reta o capim, o suasso de asas de um urubu peneirante ou o perpassar de sua larga sombra, o devôo de um galo-do-campo de árvore alta para árvore baixa, a machadada inicial de um picapau-carpinteiro, o esfuzio das grandes vespas vagantes, o estalado truz de um beija-flor em relampejo.

Soropita tinha as percepções sensoriais extremamente ativas e integradas com a natureza:

> Seus olhos eram mais que bons. E melhor seu olfato: de meio quilômetro, vindo o vento, capturava o começo do florir do bate-caixa, em seu adejo de perfume tranqüilo, separando-o da flor do pequi, que cheirava a um nôjo gordacento; e mesmo com esta última ainda encaracolada em botão, Soropita o podia (ROSA, 2001b, p. 29).

O cheiro do sassafrás, da rosa mogorim e da palha de milho viçoso lembravam-lhe o cheiro de Doralda. "Tinha ouvido contar da casca da cabriúva um almíscar tão forte, bebente, encantável, que os bichos, galheiro, porco-do-mato, onça, vinham todos se esfregar na árvore, no pé"(ROSA, 2001b, p. 33). O cuspe de Doralda, "no beijar, tinha pepego, regosto bom, meio salobro, cheiro de focinho de bezerro, de horta, cheiro como cresce redonda a erva-cidreira" (ROSA, 2001b, p. 33). Mas, conforme o personagem, "cheiros bons eram o de limão, de café torrado, o de couro, o de cedro, boa madeira lavrada; angelim-umburana – que dá essência de óleo para os cabelos das mulheres claras". E cheiros ruins, "[p]or dizer que o cheiro do jatobá fedia seco, muitos companheiros homens dormindo juntos num rancho, em noite de muito calor" (ROSA, 2001b, p. 36).

Por sua vez, Doralda sabia de onde extrair os cheiros da Natureza, que mais apreciava:

> Ela queimava alecrim, caatiguá, cipó-de-sempre, no quarto, de noite, antes de irem se deitar. Quassava a chegadinha, para borrifar na roupa de cama, ou para fumigar. Outra ocasião, encomendava pitada de incenso ou resinas de breu-branco, que oficiava de arder em todos os cômodos: a levar do ar os quebrantos, qualquer pego de má-sorte; a casa almiscrava que nem igrejas (ROSA, 2001b, p. 37).

A respeito da profusão de cheiros do cerrado, que exalam do texto, lembremos da experiência de Lévi-Strauss (1994, p. 4), em sua expedição ao Brasil. Lembra o antropólogo que manuseando e examinando, após cinco décadas, fotografias tiradas em São Paulo, sentiu a impressão de vazio. Porém, ao folhear suas notas de campo, estas exalavam o cheiro de creosoto usado para proteger do mofo e cupins, sua bagagem, reacendendo em sua memória "os cerrados e as florestas do Brasil Central, componente indissociável de outros odores, humanos, animais e vegetais, e também de sons e cores, pois, por mais fraco que tenha ficado,

esse odor, perfume para mim, é a coisa mesma, uma parte sempre real do que vivi" (LÉVI-STRAUSS, 1994, p. 9).

Na ficção de Guimarães Rosa, o personagem vai mais além. Como num sonho, Soropita se deixa guiar pelos cheiros em sua caminhada pelo cerrado:

> [a]s laranjeiras-do-campo aviavam a choco seu odor magoada; depois as cagaiteiras – o cheiro assaz alegre, que se sentia mais na boca, no excelente; depois a flôr do meloso, animal e suave: e afa que esses perfumes sucessivos indicavam que tinham atravessado o cerradão, seguido de cerrado ralo e de uma pastagem; mas Soropita nem escutava a tino as pisadas de Caboclim, mãos no caminho – : agora o mundo de fora lhe vinha filtrado sorrateiro, furtivo, só em seus simples riscos de existível os ruídos e cheiros agrestes entravam para a alma de seu recordar" (ROSA, p. 47-48).

A passagem nos remete ao personagem Lopes, [23] da narrativa de Taunay **A retirada da Laguna**, sobre o qual Murari (2009, p. 122-123) teceu interessantes considerações. Fazendo uso das palavras da autora, diríamos, a título de comparação, que, assim como Lopes, Soropita "estava equipado não do conhecimento científico, mas de uma excepcional adaptação ao meio e de um conhecimento prático e cotidiano, que possibilitavam que ele fosse capaz de reconhecer marcos e traços distintos na paisagem". Tanto para Lopes quanto para Soropita, "o 'mistério dos lugares' dissolvia-se à medida que o caminho era capaz de conduzir-se por si mesmo, enquanto o terreno ia sendo explorado", pois o ingresso do homem naquele território, onde predominava a ordem da natureza, só era possível através do conhecimento formado *in loco*, da experiência cotidiana e da progressiva adaptação.

Analisando a forma de aprender e fazer dos índios Kaiapós-Gorotire, Meyer (1998, p. 102-103) concluiu que a observação atenta dos fenômenos e o conhecimento minucioso,

---

[23] José Francisco Lopes, guia sertanejo dos soldados do exército brasileiro, que formavam a expedição destinada a investir contra o Paraguai, em 1865. A expedição da qual Taunay fazia parte, após ter percorrido 2.200 quilômetros atravessando o Triângulo mineiro até o sul de Goiás e Mato Grosso, teve de retirar-se, face às sérias dificuldades impostas pelo sertão (Cf. MURARI, Luciana, 2009, p. 118).

aprimorado e prático da fauna e flora se entrelaçam numa mesma teia Natureza e cultura. Para a autora, o convívio com a Natureza possibilita um saber científico que vai sendo transmitido oralmente de geração em geração. A classificação do mundo natural – ordenado em categorias – permite descobrir a utilidade de cada componente para a sobrevivência e identidade do grupo. Faz-se a leitura do mundo natural para ler-se a si próprio e estabelecer uma interconexão com as formas de vida, incorporá-las e não excluí-las. Conforme Meyer (1998, p. 103), "essa concepção difere da dos naturalistas e dos biólogos que, ao procurarem conhecer e estudar as plantas e os animais em si, ultrapassaram a visão antropocêntrica estreita e limitada, mas acabaram criando uma ordenação que afastou, isolou e excluiu o ser humano da natureza".

Essa cultura que se constrói associada à Natureza, Lévi-Strauss (1989, p. 24) a considerou a "ciência do concreto", uma vez que interessa a ela conhecer, primeiro, as espécies animais e vegetais, independente de uma função prática. "Ela antes corresponde a exigências intelectuais ao invés de satisfazer às necessidades".

Sem dúvida, Soropita era, conforme Rosa o concebe, um "cientista concreto". Observava, refletia e, se necessário, experimentaria. Retornando ao Ão, observa um

> [p]equenino trecho de uma cerca-viva, sobre pedras, de flor-de-seda e saborosa. E, quase de uma mesma cor, as romãzeiras e os mimos-de-vênus – tudo flores: se balançando nos ramos, se oferecendo, descerradas, sua pele interior, meia molhada, lisa e vermelha, a todos os passantes – por dentro da outra cerca, de pau-ferro" (ROSA, 2001b, p. 40).

A correspondência entre os nomes das plantas e cenas erotizadas fá-lo lembrar-se de Doralda, com quem "[h]avia três anos [...] se casara" (ROSA, 2001b, p. 40).

Por outro lado, lembra-se que "[u]m dia, sem saber os hajas, não pôde, não podia, afracara, se desmerecendo [...] Mal a mal com Doralda, uma vez, também tinha acontecido – felizmente foi só algum descaído de saúde, passageiro –; e foi um trago de sofrimento.

> [...] Já de manhã, no seguinte, ocultando caçou jeito de aprender a respeito daquelas matérias que se tomavam: bico de picapau, verga de coati, catuaba – tudo o que era duro, rijo, levantado e renitente, isso carrega virtude. Melhor de todas, a verga-tesa: aquela plantinha rasteira do cerrado, de folhas miudinhas, estreitinhas, verde-escuro quase pretas, mostrava de Deus sua validade – podia a gente querer dobrar, diminuir, como se fizesse, que ela repulava sempre e voltava a ser, mandante. Não precisou. A já na outra noite, ele se prezava de tudo, são de aço, aquela felicidade (ROSA, 2001b, p. 45-47).

Soropita sabia que a mesma sorte não tivera "[o] triste seo Quincôrno [que] não esbarrava de tomar meizinhas, na esperança de recuperar "sua força de homem". "Tomava pó de bico de picapau torrado, na cachaça, chá de membro de coati, ou infuso, chá de raiz de verga-tesa – coisas de um nunca precisar, deus-livre-guarde" (ROSA, 2001b, p. 46).

Conforme Brandão (2003, p. 1), a "humanidade coleta plantas nativas e as cultivam próximas a suas casas, para usar como medicamento, desde seus primórdios". Ao longo da história, as propriedades medicinais desses vegetais foram sendo descobertas, "através de ensaio e erro, sendo este conhecimento passado de geração em geração".

No Brasil, as primeiras descrições sobre a utilização das plantas medicinais foram feitas na época do descobrimento por colonizadores europeus, através da observação do emprego de vegetais pelos índios, afirma a pesquisadora. "Uma das primeiras descrições sobre o potencial das plantas medicinais brasileiras foi feita por Gabriel Soares de Sousa" em seu **Tratado descriptivo do Brasil em 1587**:

> Embaíba é uma árvore comprida e delgada, que faz uma copa em cima de pouca rama [...] Tem o olho d'esta árvore grandes virtudes para com ele curarem feridas, o qual depois de pisado se põe sobre feridas mortaes, e se curam com elle com muita brevidade, sem outros ungüentos; e o entrecasco d'este olho tem ainda mais virtude, com o que também se curam feridas e chagas velhas, e taes curas se fazem com o olho d'esta árvore, e com o óleo de copaíba, que não se ocupam na Bahia cirurgiões, porque cada um o é em sua casa (1938 apud BRANDÃO, 2008, p. 7)

Como destacou Meyer (1998, p. 182), nas anotações de viagem de Rosa, além dos remédios caseiros para cólica de fígado, cabeça inchada, reumatismo, bernes e ventosidades, há referências aos afrodisíacos indicados para excitar e restaurar a potência sexual:

> Para recuperar a virilidade: bico de picapau torrado, posto o pó na cahaça; ou vêrga de coati, seca, posta na cachaça, sem raspar. (Raymundo)... Verga-têsa = o chá da raiz, ou a raiz na cachaça: é afrodisíaco. É uma planta do cerrado. Folhas estreitinhas e miudinhas, verde-escuro, quase pretas. Pode-se dobrá-la como quiser, que ela pula sempre e volta a ficar tesa (B2, p. 58).

Sobre Doralda, "que era dona-de-casa", quem referia era ele [o amante Soropita], o qual jurava (ROSA, 2001b, p. 33), ela "não tomava remédio, tinha embirrância. Vez que outra, com jeito Soropita dava assim por entender que convinha se usar depurativos; mas ela fincava que não – nunca tinha tido nenhuma doença, não carecia. Mal havia?" Conta o narrador que

> [p]raxe ali era mesmo as pessoas sãs comerem carne de gambá, saudável para o sangue; outros se remedeiam com águas de ervas, caroba-do-campo, caroba-do-brejo. Doralda gostava de bebidas de regalo. Se dava por um cálice de vinho. Queria uma garrafa de genebra; no Andrequicé não se achava. Mas Soropita trazia umas três, de conhaque bôa marca, que encomendara (ROSA, 2001b, p. 34).

Ao comparar as descrições de plantas e animais resultantes das pesquisas de Guimarães Rosa (registradas em "Boiada") com as figuradas no diário de viagem de Fernão Cardim, Meyer encontrou diferenças marcantes. Para a autora, enquanto a descrição de Cardim acentua a utilidade e a nocividade dos elementos — o que representa quase sempre

um sacrifício dos indivíduos — Rosa pauta-se pelo respeito à vida e à preservação, detectando a natureza como "uma interação entre sujeitos e objetos que merecem registros" (1998, p. 178-179). Nesse caso, o olhar rosiano se aproxima do olhar viajante de Goethe, sobre o qual Flora Süssekind (2006, p. 122) reconheceu como

> olhos de historiador para a natureza, olhos de geólogo para antiguidades clássicas. Troca propositada que permite um constante desarme do próprio observador, para quem a sucessão de paisagens, a viagem, é ocasião igualmente para reflexão sobre os pontos de vista e a capacidade de observação desse sujeito-em-trânsito.

A visão da natureza como alimento e remédio, o que significa valorizar e preservar aquilo que podemos extrair dela, é recorrente em **Corpo de baile**. Ao aliar os conhecimentos médicos aos de naturalista, a ciência e a consciência, Guimarães Rosa demonstra, pela palavra, o valor da "arte de curar" pela natureza. Isso posto, cabe salientar que, ademais de sua formação médica, o escritor consagrou-se não só à literatura, mas também à ciência de forma abrangente, complexa e atraente.

Como considerou Figueiredo (2002, p. 17) em sua pesquisa sobre a história da medicina, a relação médico-paciente modificou-se com os avanços técnicos e científicos, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX. Especificamente, em Minas Gerais, o discurso médico acadêmico vai-se contrapor ao *modus vivendis* da população do interior, que, pela tradição, desenvolveu suas próprias formas de intervir no corpo doente. Inserido nesse contexto, Guimarães Rosa, "médico da roça",[24] vai-se posicionar entre dois mundos: a ciência e a experiência popular. Clinicando em Itaguara, pequena cidade do interior mineiro, Rosa vai produzir, através de cartas trocadas com o raizeiro Manuel, aquilo que denominou de "receitas de informação", formas e fórmulas para tratamentos à distância a serem ministradas aos moradores de lugares isolados e distantes. Os cuidados recomendados

[24] Assim o autor se autodenominou em suas "Bobagens biográficas" (BIZZARRI, 1981, p. 97).

por Rosa eram simples e adaptados às condições de vida de habitantes da zona rural. Encontram-se nas cartas prescrições de chás, caldo de frango, canjas, mingau de fubá com leite, remédios (poções) manipulados, banhos mornos para febre, repousos, aplicação de emplastros para inchaços e dores, lavagens vaginais e intestinais com malva e muita higiene.

De acordo com Pedro Nava (2004, p. 198-199), nas zonas rurais do Brasil, a experiência curativa popular era transmitida oralmente. Entre aqueles que detinham um nível mais alto e via de regra eram alfabetizados – como o padre, o curandeiro e o fazendeiro – os manuscritos de receitas e os livros serviam-lhes como guias e supriam, nos momentos de aflição e dor, a falta de médico. Era comum encontrarem-se nas fazendas armários destinados aos remédios caseiros feitos com plantas medicinais retiradas "do mato circunvizinho que fornecia as cascas, as raízes, as frutas, os caroços, as folhas e as flores com que se preparam os infusos, os cozimentos, as papas, as tisanas [...]".

É interessante registrar, nesse sentido, que na segunda década do século XX circulavam pelas fazendas do interior mineiro obras famosas sobre prática médica como **O médico e o cirurgião da roça ou Novo tratado completo de medicina e cirurgia doméstica adaptado à intelligencia de todas as classes do povo** (1873)**,** de Luiz Francisco Bojean; **Diccionario de medicina doméstica e popular** (1873), de Theodoro Langaard e o **Diccionario de Medicina popular e das sciencias accsessorias,** de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (Apud NAVA, 2004, p. 200-207) e (informação verbal).[25]

Por acreditar e respeitar o trabalho daqueles que, mesmo sem a formação acadêmica, exerciam a arte de curar, levando alívio aos habitantes de lugares distantes e desprovidos de assistência médica, Guimarães Rosa vai resgatar em sua obra literária, a memória de curandeiros, boticários, mulheres benzedoras e parteiras, de sertanejos, como Soropita e

[25] A respeito do "Chernoviz": informação fornecida pelas irmãs Chaves (Belo Horizonte, 2008), moradoras em Luz (MG), de 1920 a 1950.

Doralda, conhecedores de plantas que curam e plantas que matam, plantas que alimentam, plantas que dão abrigo, plantas que escutam, sentem e falam.

Conforme Brandão (em fase de elaboração),[26] o Brasil é considerado o país com a maior biodiversidade do planeta, com aproximadamente cinquenta e cinco mil espécies nativas distribuídas em seis grandes biomas: a Amazônia, o cerrado, a caatinga , a floresta atlântica, o pantanal e a floresta subtropical. Segundo maior ecossistema brasileiro, o cerrado é constituído por espécies herbáceas e arbóreas e cobre uma superfície de aproximadamente vinte e três por cento do território brasileiro com uma flora estimada em dez mil espécies. Nos últimos anos a área do cerrado vem sofrendo devastação pelo homem, com significativa perda de material genético desconhecido do ponto de vista científico. Estima-se que apenas cinco por cento de sua flora medicinal foi cientificamente estudada.

Portanto, conhecendo a potencialidade da Natureza do cerrado e intranquilo com relação à exploração predatória que ele via se instalar, Guimarães Rosa se propõe registrar em sua ficção inúmeras informações sobre essa biodiversidade em perigo. Em Dão-Lalalão, o escritor mineiro se dedica de modo especial às plantas, com o despertar de suas cores, seus cheiros e sabores, sua sensualidade, suas propriedades curativas, numa tentativa, talvez, de se salvar, o que restou do esplêndido canteiro semeado e guardado por antigos sertanejos, como Soropita e Doralda.

> *Talvez por isso ele julgasse impossível o verdadeiro regresso ao sertão: seu espírito havia sido forçado a abandonar a condição pura que a natureza lhe havia conferido, e que fazia dele, como de muitos sertanejos, "naturalmente" poetas.*
>
> **Hugo de Carvalho Ramos**

[26]BRANDÃO, Maria das Graças Lins. **Plantas da bacia do Rio das Velhas (pela obra de João Guimarães Rosa).** A ser editado.

Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe.

Guimarães Rosa

Enfim, após anos de ausência, Miguel retorna, uma segunda vez, aos Gerais. "Viajara de *Jeep*, em ermas etapas, e essa rapidez fora do comum dava para desentender-se um tanto o monótono redor, os conduzidos caminhos campeiros" (ROSA, 2001b, p. 117). Bem diferente, portanto, da viagem de mudança para o Mutum, ainda muito pequeno, cujos "quadros cabiam certos na memória. "A mãe, ele e os irmãozinhos num carro-de-bois com toldo de couro e esteira de buriti, cheio de trouxas, sacos, tanta coisa [...]. E passaram por muitos lugares" (ROSA, 1984, p. 17).

Na fazenda do Buriti Bom, Miguel vai encontrar Lalinha – moça da cidade, levada para o sertão, longe de tudo. "[P]essôa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa", dissera-lhe Nhô Gualberto, proprietário da fazenda vizinha. No silêncio da casa da fazenda de Iô Liodoro, Lalinha refletia: "[naquele lugar] sabiam coisas demais, do tempo, dos bichos, de feitiços, das pessoas, das plantas – assim era o sertão. Davam-lhe medo" (ROSA, 2001b, p. 213). Por sua vez, Nhô Gualberto, sobre ela, pensava:

> Dona Lalinha não é de verdade. Será que os roceiros de perto não vão dando notícia de ali haver aquela diferente criatura, e o caso não corre distância, no sertão? Uns devem de vir, com desculpa qualquer, mas só para a ela assistir, no real, tomarem a certeza de que não é uma invenção formada. Não entendem. Se, em desprevenido, ela surgisse, a pé, numa volta de estrada ou à borda de um mato, os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto, se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre não se grita, diante(ROSA, 2001b, p.119- 120).

“Tão desigual” à Lalinha era Glorinha, filha de Iô Liodoro, proprietário do Buriti Bom. Segundo Gualberto,“Glorinha é loura – ou, ou, alourada. Mais bonita do que ela, dificilmente alguma outra poderá ser. *Bonita* não, dizendo bem: ela é bela, formosa. Quanto tudo nela respira saúde. [...] É pura, corada, sacudida” (ROSA, 2001b, p. 120-121).

A fazenda Buriti Bom , com seu dono Iô Liodoro, Maria da Glória, Maria Behú e os filhos homens “desgarrados” vai ser observada por diferentes ângulos: pelo olhar “de fora” (Lalinha); pelo olhar de quem é do lugar, se afastou e retorna (Miguel) e pelo olhar “de dentro” (Gualberto). De acordo com Roncari (2008, p. 149), tudo o que é contado contribui, ainda que desigualmente, para compor a complexidade do narrado. “E o que temos é um resultado quase milagroso do autor, perito em fundir distintos pontos de vista na sua narrativa”.

De fato, através de um campo de visão diversificado sobre os “Gerais”, os desdobramentos narrativos vão sendo conduzidos de forma a compor ao lado do ficcional uma dose amarga de verdade. Mesmo porque existe um observador mais atento e de visão mais ampla sobre aquelas terras: o buriti-grande. “O palmeirão descomunal”, “calculado em altura de setenta e tantos metros”, conforme Nhô Gualberto, e que “se diz que é fenômeno [de tão] antigo de velho, rijamente” (ROSA, 2001b, p. 140) está localizado entre dois espaços históricos e geográficos. Do centro e do alto ele confronta o passado e o presente, a tradição e o progresso no contexto do sertão. Tendo de um lado a fazenda Buriti Bom, onde o patriarca “Iô Liodoro conserva as matas-virgens, não consente em derrubar...” (ROSA, 2001b, p. 141) e do outro lado, o Brejão e as terras tão estéreis quanto o dono Gualberto Gaspar, onde ele “pelej[a] um canavial” (ROSA, 2001b, p. 140), a “palmeira imperial” marca a fronteira entre dois mundos. Iô Liodoro “planta grandes roças”, “é antigo”, afirma Gualberto. “Lei dum dom, pelos costumes. E ele tem mesmo mais força no corpo, açoite de viver [...]. Não se vê ele estar cansado, presumo que nunca esteve doente” (ROSA, 2001b, p. 142). Por sua vez, Gualberto

lamenta a falta de filhos, que acaso os tivesse, “fazia todo sacrifício, botava para estudar, em colégio, para formaturas. Poder sair desta lida, de roça, que é excomungada de áspera, não tem solução nenhuma. Não tem progresso...”

Enquanto o contraste entre a cidade e o sertão, a tradição e o progresso são evidenciados pelas descrições das duas fazendas, o Grumixã e o Buriti Bom, o enigmático Chefe Zequiel, “que chamava os segredos todos da noite para dentro de seus ouvidos” (ROSA, 2001b, p. 145), num presságio, vê, como ameaça, a concretização do “mito civilizatório do sertão”. Como considerou Roncari (2008, p. 180), Chefe Zequiel “nos dá a descrição mais expressiva da pior e mais traiçoeira” das ameaças: “a chegada da *mercadoria* com os novos tempos utilitaristas do capitalismo, “o bicho da noite, o inimigo”, ‘uma *coisa,* que não é coisa’, a *coisa-criada,* que, em circulação, se transforma na senhora destrutiva de seus criadores”. Para o ensaísta, existe nos delírios do personagem

> uma crítica embutida já não do espírito utilitarista do capitalismo, encarnado na pessoa de nhô Gualberto, mas do próprio capitalismo. Porém ela se dá aqui não como crítica ao modo de exploração do trabalho pelo capital no processo de produção de mercadorias, mas às ameaças que o sistema e os seus produtos fantasmáticos representam à velha ordem senhorial, de proprietários de terra tradicionais, de sangue e família.

Com efeito, na Grumixã, o progresso, aos poucos, chegava e com ele a ideia de Natureza como mercadoria e dinheiro. “Miguel trazia dois cargueiros, com remédios para os animais, para o gado, injeções. Nhô Gualberto queria saber: –‘Sortimento de farmácias é provado? É seu do senhor, comercial, ou é do Governo?’ Desentendia. – ‘Ah... A ver. Os tempos ásperos, para a criação, pra a lavoura...” (ROSA, 2001b, p. 128-129).

“Nhô Gualberto também tirara de Deus o desejo de viver solto e admirar as outras coisas. Mas curvado com a vida, desde cedo, a vida tinha de ser labuta. – ‘O fazendeiro vive e trabalha, e, quando morre, ainda deixa serviço por fazer!... ’ Alto se queixava [...]” (ROSA, 2001b, p. 135).

“José Gualberto montava a cavalo habitualmente às sete da manhã, à porta de casa [...] rumando para oeste e tocando a reto e certo, chegava entre dez e dez-e-meia à beira do rio. Mas desse tempo tirava seu proveito.

> Primeiro, o solto de se ter sozinho, fora do doméstico e da pessôa da mulher, senhor de pensar em negócios [...] repetia cálculos, perto de demorados, em que entravam arrobas de boi, alqueires de pasto, prazos de engorda, e a substância final, o dinheiro (ROSA, 2001b, p. 147).

Por sua vez, o Buriti Bom de Iô Liodoro, “lugar não semelhante e retirado de rota [...] formava uma feição de palácio. Mesmo naquele casarão de substante limpeza e riqueza, o viver parava em modos tão certos, – a gente concernia a um estado pronto, durável” (ROSA, 2001b, p. 130). “[...] Diziam que o valor dali era a terra, e a abundância de águas” (ROSA, 2001b, p. 223). “[...] Ali, quando alguém dizia: – Faz muitos anos ... – parecia que o passado era verdadeiramente longe, como o céu ou uma montanha” (ROSA, 2001b, p. 234).

Na fronteira do Grumixã e do Buriti Bom, a palmeira buriti, símbolo do cerrado e dos campos gerais, a certeza de que em meio às veredas, existe segurança, água, sombra e fertilidade, resistirá ao efeito devastador da ação do homem e do tempo sobre o ambiente. Com olhos em Iô Liodoro e Nhô Gualberto, representantes da tradição e do progresso, a árvore descomunal será guardiã de uma Natureza em vias de sofrer danosas transformações. Para Miguel, que se afastara dali durante anos e agora voltava como veterinário “O *Buriti-Grande* [...] era – Miguel tivesse de o descrever agora – o que era”:

> A palma-real, com uma simpleza de todo dia, imagem que se via, e que realegrava. O que ele assunga mais não é uma flor, é o palmito, coisa comestível. Para levar o prazer de o sentir ali, nem se carecia de o olhar demorado. A gente ia passando. Mas ele deixava, no corpo e no espírito, um rijo doce-verde sombreável, que era o bater do coração, uma onde d'água, um vigor na relva. Aquele coqueiro crescido consolava mais do que as palavras procuradas num livro, do que um bom conselho de amigo. Assim em deixação, só ser – como um rio se viaja. Valesse ali. O Buriti-Grande era o buriti grande, e o buriti era o buriti – como iô Liodoro e nhô Gaspar falavam. Nem precisavam de dizer (ROSA, 2001b, p. 189-190).

Para Roncari (2008, p. 175), "[...] o Buriti-Grande não existia isoladamente, embora estivesse fora ou só na fronteira do Buriti Bom. Ele era na verdade o ponto umbilical daquelas terras, as quais, devido à vegetação copiosa, às águas abundantes e à riqueza da flora e fauna, lembravam um lugar paradisíaco borbulhante de vida, onde se misturavam o pântano e a beleza, a ruína e a vida renascente".

Mas o equilíbrio e harmonia do conjunto, a síntese e a conciliação das diferenças, a integração dos opostos, forças que sempre governaram a Natureza do sertão, se acaso submetidas ao discurso do progresso, passariam a se constituir por dois lados opostos e indissolúveis: o espírito utilitarista do capital e a permanência da riqueza da fauna e da flora.[27]

É compreensível que Guimarães Rosa, à luz do processo de expansão do capitalismo em escala mundial, que ele presenciava, com seu espírito visionário previsse a Natureza do sertão, até então intacta, se convertendo em inesgotável fonte de recursos economicamente exploráveis. Em meio a essa sensibilidade e discernimento ele vai fixar nas novelas "Gerais", com criatividade e poesia, as marcas do modelo ambiental inspirado nos potenciais da natureza e nos valores de homens sertanejos, voltados para práticas produtivas sustentáveis.

---

[27]Em nossa pesquisa de campo em Angueretá, lugarejo citado na novela como lugar onde vivia Mariazé,a vidente, "bruxa",de "ciências finas", fomos informados pelos poucos moradores da existência de uma antiga Fazenda Buriti. Devido ao mal tempo e às condições precárias da estrada de chão, não foi possível alcançá-la. Tínhamos a intenção de verificar, se real, quem vencera: a natureza ou o capital.

Hoje, cinquenta e quatro anos após a publicação de **Corpo de baile,** "conhecimento e recursos da maioria dos países do Terceiro Mundo são sistematicamente usurpados dos guardiões e doadores originais, tornando-se monopólio de multinacionais" (SHIVA, 2001, p. 93):

> A terra, as florestas, os rios, os oceanos e a atmosfera foram todos colonizados, desgastados e poluídos. O capital agora precisa ir em busca de novas colônias a serem invadidas e exploradas para continuar sua acumulação [...] A biotecnologia como serva do capitalismo na era pós-industrial, torna possível a colonização e controle daquilo que é autônomo, livre e auto-regenerativo (SHIVA, 2001, p. 69).

A violência ecológica gerada pela monocultura leva várias espécies à extinção; o controle monopolista das sementes e variedades de plantas aumenta cada vez mais os deslocamentos dos pequenos produtores, que são os cultivadores originais e guardiões dos recursos fitogenéticos (SHIVA, 2001, p. 141).

Como considerou Benyus (2001, p. 55), a maior parte dos financiamentos de pesquisas estão voltados para sustentar esse sistema agrícola. "[N]ossos economistas continuam a inventar novos mercados para as quatro espécies famintas de investimento: trigo, milho, centeio e soja. E, logicamente, muito dinheiro é destinado ao cultivo de espécies que sejam resistentes a produtos químicos".

Onde estão nossos valores? Pergunta Gary Comstock, filósofo da Iowa State University, a respeito das pesquisas agrícolas:

> Agora que o atrazina apareceu nos poços de algumas fazendas, o 2,4-D tem sido associado aos casos de linfoma não-hodgkin diagnosticados em fazendeiros; e agora que se suspeita que o Alaclor, o herbicida mais usado nas plantações de milho, é cancerígeno, por que universidades que receberam doação de terras do governo estão fazendo pesquisas para descobrir plantas que podem ser cultivadas na presença de doses mais fortes desses produtos? (Apud BENYUS, 2001, p. 56).

Para Benyus (2001, p. 56), “deveríamos estar seguindo o conselho da Natureza e estar dando aos fazendeiros os meios que precisam para praticar uma agricultura auto-sustentável, em vez de darmos à indústria química mais agulhas para nos envenenar”.

Na novela “Buriti”, de Campo geral, o veterinário Miguel fora à fazenda Gruximã de Nhô Gualberto para vacinar o gado. Sendo do lugar, “sabia”, “sentia” um ar de desconfiança:

> [d]aqueles vaqueiros [que] apreendiam com esquisita sutileza todo momento em que alguma coisa demudava [...]. Antes desconfiavam da aparelhagem, do mecanismo das vacinas, quase uma forma de pecado; queriam o que fosse uma benzedura, com virtude de raminho verde de planta e mágicas palavras no encoberto – queriam atalhos (ROSA, 2001b, p. 137).

De acordo com Helenita Custódio (1995, p. 46), no que concerne ao uso de substâncias químicas de ação ambiental,

> lamentavelmente nosso país vem se destacando, de modo especial, pelo uso inadequado de agrotóxicos, como o ‘terceiro maior consumidor do mundo’. [...] Sob este aspecto, e com base nos dados da **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional,** Antenor Ferrari observa que, enquanto ‘os ingleses têm 14,4 ppb (partes por bilhão) de veneno no sangue, os americanos, 22,7 ppb, os argentinos, 43,3 ppb’, os brasileiros têm a impressionante taxa de ‘572,6’.

Eram os vaqueiros “Sertanejos (con) sabidos (res) sabidos, sábios!”? (ROSA, 1984, p. 190).

4.4 Para além das paisagens: “Parábase”

Numa carta enviada ao tradutor Bizzarri (1981, p. 58), em que ratifica a análise de Paulo Rónai a respeito de **Corpo de baile,** Guimarães Rosa escreve:

> No “Índice” do fim do livro, ajuntei sob o título de “Parábase”, 3 das estórias. Cada uma delas, com efeito, se ocupa, em si, com uma expressão da arte

> (Como escreveu Paulo Rónai, no livro **Encontros com o Brasil**: "A linha simbólica é predominante nos "contos", onde o enredo, propriamente dito serve antes de acompanhamento".)

Com efeito, seguindo a linha simbólica da questão ambiental, verifica-se que a Samarra — nome da localidade incipiente que serve de cenário à novela "Uma estória de amor" — é formada por "só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais" (ROSA, 1984, p. 145). Por sua vez, na novela "O recado do morro", "diversa é a região, com belezas, maravilhal. Terra longa e jugosa, de montes pós montes: morros e corovocas. Serras e serras, por prolongação. Sempre um apique bruto de pedreiras, enormes pedras violáceas, com matagal ou lavadas. Tudo calcáreo" (ROSA, 2001c, p. 29). Já o cenário da novela "Cara-de-bronze" é o Urubuquaquá, que "fora lugar, lugares, de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão. Tal agora se fizera pastagens, a vacaria. O gadame. Este mundo, que desmede os recantos [...]. Ali havia riqueza, dada e feita" (ROSA, 2001c, p. 107-108).

Se de acordo com Coutinho (1994, p. 18), "a paisagem que enforma o universo rosiano não é apenas a descrição acurada de uma realidade física – o sertão mineiro – mas antes a recriação, o mais contundente possível, de uma realidade sem fronteiras". De fato, a questão ambiental apresenta-se hoje como uma realidade sem fronteiras.

Como considerou Candido (1994, p. 64-67), "transcendendo o critério regional por meio de uma condensação do material observado (condensação mais forte do que qualquer outra em nossa literatura da 'terra')", Guimarães Rosa iluminou todo o caminho feito pelos seus antecessores. Numa "tomada de consciência, através da exploração do meio humano e geográfico" o sertão de Rosa deixa de ser "simples localização da história, com funções de pitoresco e anedótico, passando a ser "personagem", tanta é a "persistência e a profundidade com que vêm invocados a sua flora, a sua fauna, o seu relevo".

Nesse sentido, a linha simbólica da "parábase" de **Corpo de baile** nos leva a entrever o "fervilhar cego, míope, egocêntrico, entre desordens, destruições, proliferações" (MORIN apud GONÇALVES, 2001, p. 65) que o homem moderno impôs sobre o ambiente e a "longa lição", o "julgamento" e o "recado" que se acham inscritos nos labirintos do texto rosiano.

4.4.1 "Uma estória de amor"e a transposição de águas: a longa lição

> *Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo.*
>
> *Agora, por aqui, o senhor já viu: Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda.* ***E*** *algum ribeirão.*
>
> *Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco – que de tão grande comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme.*
>
> *O São Francisco partiu minha vida em duas partes.*
>
> **Guimarães Rosa**
>
> .
>
> *Embora o Brasil ostente a maior descarga de água doce do mundo nos seus rios, quando estes secarem ou só transportarem esgotos não tratados das nossas cidades, já não será possível produzir alimentos, plantar árvores [...].*
>
> **Aldo Rebouças**.

Na novela "Uma estória de amor", o leitor é surpreendido pela fábula de um riacho cujo curso "cessou" quando menos se esperava. Equivalendo a um alerta para as frequentes interferências humanas no ciclo hidrológico do planeta, o comovente "sacrifício" do riacho choca por seu veio de animização: o "riachinho xexe, puro, ensombrado, determinado no fino,

com regojeio e suazinha algazarra, [do qual] não se economizava: de primeira, a água pra se beber [...] quando menos se esperava cessou” (ROSA, 1984, p. 155).

Se, para Guimarães Rosa, “a literatura só pode nascer da vida” e “tem de ser a voz do compromisso do coração” (LORENZ, 1994, p. 48), o apelo da natureza, ante a sua degradação e extinção, marca a sua obra. A percepção sinestésica do mundo natural através de imagens, cores, luzes, cheiros e sons; as descrições precisas de inúmeros animais, vegetais, das condições de tempo e do relevo, tão recorrentes em sua obra, nos mostram o lado naturalista do escritor.

Entre os elementos da Natureza presentes nas estórias, os rios têm um papel de destaque, já que, para o escritor, é referência significativa e sedutora:

> Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: a eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade (LORENZ, 1994, p.37).

Em “Uma estória de amor”, o episódio “do riachinho que “quando menos se esperava cessou” (ROSA, 1984, p. 155) além do caráter fabular, vai constitui um enigma.

Ao problematizar dois momentos extremos da lei da natureza sobre as águas, do qual não podemos escapar (escassez e excesso), Guimarães Rosa imprime na ordem cultural, embora codificado em forma de parábola, um alerta sobre as interferências do homem na Natureza. Na Samarra aconteceu, por conta de um erro. “E de quem tinha sido o erro? Mas que podia acontecer a qualquer um mestre de mais sertão, pessoa perita nas solidões e tudo”.

> Porque, dantes, se solambendo por uma grota, um riachinho descia também a encosta, um fluviol, cocegando de pressas, para ir cair, bem embaixo, no

> Córrego das Pedras, que acabava no rio de-Janeiro, que mais adiante fazia barra no São Francisco. Dava alegria, a gente ver o regato botar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente pensar no que era o valor daquilo. [...] Então deduziram de fazer a Casa ali, traçando de se ajustar com a beira dele, num encosto fácil, com piso de lajes, a porta-da-cozinha, a bom de tudo que se carecia. Porém, estrito ao cabo de um ano de lá se estar, e quando menos se esperassem, o riachinho secou (ROSA, 1984, p. 155).

Maria Luiza Ramos (2000, p. 65) nos lembra que, "[q]uando um rio encontra obstáculo, o seu curso se desvia, assim como o ramo se torce junto à pedra, o vento reflui ao se chocar na montanha". Para a autora, o impulso é intrínseco, seja o elemento a água, a seiva, seja o ar, enquanto o obstáculo é extrínseco, está ali, na sua alteridade interposta no caminho. Na complexidade da relação homem e natureza, o obstáculo não se encontra apenas fora, mas torna-se também intrínseco ao sujeito. Assim, o deslocamento do riacho processa em Manuelzão um deslocamento de seu universo interior:

> Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciosinho que ele fez, a pontuda falta da toada, do barulhinho. [...] Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia [...]. Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s'embora, o riachinho de todos. [...] E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiou: que todos tremiam água nos olhos. Ainda esperaram ali, sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d'alva. O riacho soluço se estancara, sem resto, e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido (ROSA, 1984, p.156).

A ausência do "riachinho" passa a ocupar, ao longo da narrativa, o pensamento de Manuelzão. Num primeiro momento, teme como presságio de morte, apesar de não querer "suspeitar em sua natureza própria um anúncio de desando, o desmancho, o ferro do corpo" (ROSA, 1984, p. 156). "Pensou que estivesse com mau-olho" (ROSA, 1984, p.156). Por outro lado, a ordem social, inerente ao sujeito, introjeta em Manuelzão, algo a ser decifrado. "Mas

tudo vem de mais longe" (ROSA, 1984, p.156), ele se lembrava. E no fim, "as coisas se emendavam" (ROSA, 1984, p.156). E, agora, "toda manhã, cada por dia, o Chico Carreiro atrelava suas quatro juntas de bois, e desciam até às Pedras, o carro cheio de latas, para buscar a água do usável. Sempre as crianças o acompanhavam; e às vezes o velho Camilo" (ROSA, 1984 p. 157).

É o velho Camilo, personagem enigmático –"o que soubesse, não sabia dizer, sabia dentro das ignorâncias" (ROSA, 1984, p.240) – que conhece a estória o "Romanço do Boi Bonito" e a narra para todos no espaço inaugural da "festa de Manuelzão". Contrapondo-se ao riachinho silenciado e seco, a parábola do boi evoca a Natureza em seu estado primeiro, intocada pela mão do homem e sua fúria por produção e dominação. Na narrativa do velho Camilo há algo a ser decifrado: a natureza como mestra e como medida, para se aprender o que funciona, o que é apropriado e o que é durável. Com voz "singular" contou a estória do "Boi Bonito". Até que, chegado ao clímax:

> Num campo de muitas águas. Os buritis faziam alteza, com suas vassouras de flores. Só um capim de vereda, que doidava de ser verde _ verde, verde, verdeal. Sob oculto, nesses verdes, um riachinho se explicava: com a água ciririca _ "Sou riacho que nunca seca..." _ de verdade, não secava. Aquele riachinho residia tudo. Lugar aquele não tinha pedacinhos (ROSA, 1984, p. 253-254).

Naquele lugar o boi cantava "claro e lindo". E o velho Camilo repetia o canto. Cantiga, que conforme o narrador, "devia de ser simples, mas para os pássaros, as árvores, as terras, as águas" (ROSA, 1984, p. 255). Porque a Natureza é sábia. Na Samarra, o riachinho secou. Teria sido desviado de seu caminho? Manuelzão acreditava que "tudo vem de mais longe". Por fim, pensou:

> Restavam as duas filas de pequenas árvores, se trançando por cima da deixa do riacho, formando escuro um tubo fundo, onde as porcas iam parir seus leitões e as guinés punham ovos. Não se podia derrubar aquela linha de mato, porque, um dia quem sabe, o riachinho podia voltar, sua vala ficava à espera, protegida (ROSA, 1984, p. 157).

Não é raro um episódio (ficcional) como o do riacho que "morre" dotar-se da capacidade universal de evocar fenômenos similares ou equivalentes, como a transposição técnica de águas. Nesse caso, estudos comprovam que além de alterar o padrão espacial de vazão natural, o desvio pode causar catástrofes como ocorreu com o Mar de Aral, no Casaquistão. Esse megaprojeto de transposição das águas de dois rios, visando à expansão econômica, sem contudo considerar os efeitos posteriores, fez surgir na Ásia, um novo deserto, o que veio a afetar não apenas os recursos hídricos de vasta região, mas um conjunto complexo de economias regionais e condições sociais (TUNDISI, 2003, p. 46-47).

O que esperar da polêmica transposição do Rio São Francisco? Megaprojetos como esses desencadeiam megaimpactos que podem vir de regiões muito distantes e não necessariamente das margens de rios ou lagos.

Em novembro de 2004, o Jornal **Estado de Minas** e **Correio Braziliense** publicaram uma série de reportagens a respeito do projeto de transposição das águas do São Francisco. Após uma viagem de três mil e setecentos quilômetros percorridos por estados do Nordeste, entrevistas com a população ribeirinha e com dezenas de profissionais acadêmicos, os jornalistas apresentaram os resultados. De acordo com Furtado (2004, p. 12), o "projeto estimado em um e meio bilhão de dólares, que promete levar água à população que sofre com a seca, vai beneficiar principalmente grandes projetos de irrigação e empresas de camarão". Guardando várias semelhanças com o projeto da Transamazônica, a antiga ideia de criação da "estrada das águas", brotada pela primeira vez no reinado de Dom Pedro II, produzirá grande (e negativa) intervenção na Natureza. Para o jornalista, na verdade, a água do São Francisco

ficará mais próxima de grandes negócios (plantações irrigadas, refinarias da Petrobrás, viveiros de camarão do Vale do Assu) do que "das canecas dos sedentos cearenses do sertão dos Inhamuns e potiguares do sertão do Seridó, excluídos do desenho dos grandes canais". O embate da transposição não é burocrático, afirma Furtado: "O rio e sua bacia têm um volume de água global. Se a água é retirada além de um certo limite, pode-se, numa situação drástica, secá-lo antes que ele chegue à foz".[28]

Com relação ao Nordeste semi-árido, usado como justificativa para a transposição, Rebouças (2004, p. 46) adverte que

> deve-se levar em conta que o problema hidrológico verdadeiro não é que chove pouco – entre 300 e 800 mm/ano –, mas que evapora muito – entre 1.000 e mais de 3.000 mm/ano. Assim não há condições de recarga artificial de aqüíferos na área, seja para proteger a água da evaporação intensa que ocorre na região, seja da poluição que é engendrada pelo lançamento dos esgotos domésticos não tratados nos rios secos e pela não coleta da maior parte do lixo que se produz.

Para o pesquisador, as experiências anteriores com o método de transposição de águas para a irrigação no Nordeste semi-árido teve como resultado uma produtividade baixa e salinização do solo.

A transposição de águas ou preservação dos recursos hídricos não são práticas atuais. O **Book of the Dead (Book of the coming forth by day),** ano 2500 a.C, gravado dentro de pirâmides e tumbas do Egito, demonstra a existência de certo respeito e espírito preservacionista com relação às águas, inspirados, talvez, pelo contraste entre os ricos solos aluviais da Bacia do Nilo e o extenso deserto árido daquele país. O mais popular excerto do "livro dos mortos" — "Declarations of innocence or negative confessions" — se constitui de

[28] Em nossa viagem de campo, percorrendo a "estrada velha" de Pompeu até Abaeté, passando pelo "Paredão", percebemos entre os moradores ribeirinhos do São Francisco muita apreensão e tristeza sobre o futuro do rio, do qual dependem e que "duns anos pra cá" já vem diminuindo significativamente seu volume de águas e a quantidade de peixes.

uma série de confissões negativas a serem proferidas pelos governantes mortos, para assegurar-lhes a salvação. A declaração solene de inocência incluía além da negação de faltas cometidas contra Deus e os homens, as praticadas contra a Natureza. No que toca às águas, era preciso confessar: *"Eu não desviei águas para irrigar meus campos de forma injusta"* e "*Eu não construí represa através do rio para irrigar meus campos"* (MATTEWS; BENJAMIN, 1997, p. 203-206. Tradução nossa).

Como demonstrou Tundisi (2003, p.42-43), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), numa avaliação sobre os problemas mundiais de água e a degradação dos recursos hídricos do planeta, identificou oitenta países com sérias dificuldades para manter a disponibilidade de água (quarenta por cento da população mundial). Concluiu-se, ainda, que mais de vinte por cento das espécies de água doce estão ameaçadas ou em perigo em razão da construção de barragens, diminuição do volume de água e danos causados por poluição e contaminação. Trinta a sessenta milhões de pessoas foram deslocadas diretamente pela construção de represas em todo o planeta. Por outro lado as consequências das mudanças climáticas globais no ciclo de água do planeta ainda são imprevisíveis, porém já bastante preocupantes.

O velho Camilo, da novela "Uma estória de amor", afinal guardava esses segredos? "Por que era que ele, Manuelzão, derradeiramente, reparava tanto no velho[...]?" (ROSA, 1984, p. 170). Na festa, o velho Camilo estava sempre junto à lata e o pote d'água "esquecidos":

> O pote ficava ali no canto, esquecido. Todos que tinham sede iam pedir água na porta-da-cozinha, água das porungas grandes de barro, toda hora renovada. Aquela do pote parecia até coisa abandonada, água antiga, só o seo Camilo estava vindo beber dela [...] Bebia com medida, jogava o resto fora (ROSA, 1984, p. 225).

Durante a festa de Manuelzão, o velho Camilo, a princípio desacreditado, acaba atraindo os convidados para ouvir sua estória: havia "um campo de muitas águas [...] oculto,

nesses verdes um [...] riacho que nunca seca [...] lá era a casa do Boi, lá residia tudo" (ROSA, 1984, p. 253-254). Que significado teria?

Como demonstrou Tundisi (2003, p. 36), várias atividades humanas provocam impacto nos ecossistemas aquáticos, colocando valores e ecossistemas em risco. No caso dos desmatamentos há alterações nos padrões de drenagem, inibição da recarga natural dos aquíferos e aumento da sedimentação, colocando em risco a qualidade e a quantidade de água, a pesca, a biodiversidade e o controle das enchentes.

"Na Samarra, aliás, Manuelzão conduzira o início de tudo, havia quatro anos, desde quando Frederico Freyre gostou do rincão e ali adquiriu seus mil e mil alqueires de terra asselvajada. – 'Te entrego Manuelzão, isto te deixo em mão, por desbravar!' E enviou o gado. (ROSA, 1984, p. 151). Como se percebe, desde a aquisição das terras da Samarra até a primeira festa de Manuelzão, a paisagem mudara. O gado precisava de pasto. Para se ter o pasto era preciso desmatar. Com o desmate, a destoca e a queima da madeira. Os currais. Depois a casa. Como resultado: "Contiguavam-se os currais, ante esse conjunto [...] um pátio e pelo eirado, largoso, limpo de vegetação, porque o gado nele malhava, seu pisoteio impedindo-a" (ROSA, 1984, p. 152). Limpo de vegetação, o riacho secou.

Como demonstrou Brandão (2008, p. 8) a partir de 1970 o cerrado sofreu grande transformação com a expansão da agricultura e pecuária causando uma rápida substituição da vegetação nativa por pastagens, monoculturas de eucalipto, cana e soja. Todo esse processo contribuiu para que houvesse uma intensa erosão genética e cultural da vegetação nativa.

Na Samarra de Manuelzão, a metáfora do riacho seco traz consigo o gosto amargo das consequências advindas da transposição de águas e do desmatamento. Resta-nos saber se as futuras gerações compreenderão o sentido da poética de Guimarães Rosa.

4.4.2 "Cara-de-bronze"e a degradação do cerrado: o julgamento

Eu sou a noite p'ra a aurora,

Pedra de ouro no caminho:
Sei a beleza do sapo,
A regra do passarinho;
Acho a sisudez da rosa,
O brinquedo dos espinhos
(Das cantigas de Serão de João Barandão)

...Por aonde fui, o arrebenta-cavalos pegou a se chamar babá e bobó, depois teve o nome de joão-ti, foi o que teve... Toda árvore, toda planta, demuda de nome quase que em cada palmo de légua, por aí...

Guimarães Rosa

Das margens do logos científico, o saber ambiental desloca o corpo rígido e o sentido unívoco do discurso científico, olha para os horizontes invisíveis da ciência, abre os caminhos do impensável da racionalidade modernizadora e consegue ouvir novas harmonias na música do mundo.

Enrique Leff

Desde o lançamento do livro **Corpo de baile**, a novela "Cara-de-bronze" vem sendo considerada pela crítica o texto de invenção estrutural mais arrojado na obra de Guimarães Rosa. Incorporando técnicas de outras artes, como a música, o teatro e o cinema, é também um referencial para as Ciências da Natureza.

A narrativa começa e termina com uma densa carga de mistério, sobre os motivos da viagem do vaqueiro Grivo. Conforme Mourão (1994, p. 166) o narrador descreve o ambiente, interroga os vaqueiros, promove acareações entre eles, fotografa-os através do rigorismo mecânico e objetivo da câmera cinematográfica, documenta passo a passo as informações obtidas, num apelo à lógica conceitual. "Mas, como na adivinha – só se pode entrar no mato é até o meio dele. Assim, esta história. Aquele era o dia de uma vida inteira" (ROSA, 2001c, p. 135).

Marcas constantes da obra de Guimarães Rosa, a problemática ambiental em "Cara-de-bronze" se converte em tema da narrativa. As trovas do violeiro cantador particular do fazendeiro, "pago" para cantar, contrastando com a missão do Grivo em buscar a poesia da

Natureza, atravessam o horizonte literário e vão ao encontro da proposta de Leff para a construção do saber ambiental por via da complexificação da produção.

A expedição do vaqueiro Grivo, escolhido para executar uma misteriosa missão idealizada pelo fazendeiro, é, de acordo com Mourão (1994, p. 171), "o caminhar para um encontro orquestral com a Natureza, onde tudo se agita num movimento liberto de vida e as pessoas não passam de elementos a mais, nos seus aparecimentos em relevo":

> [o]s habitantes numerosos do caminho são os 'verdes viventes, cada um por chuva e sol, pelejando no seu lugarim'; "os bichos, os bichinhos [...], que são classificados de almas-viventes. 'Toda qualidade de répteis, 'bichos de entre-mato-e-campo, bichinhos de terra e do ar". O vento tem o poder de executar 'a palavras' e assume aspectos de bicho: 'o vento esbarrou, virou as costas, bulia só com a cauda, num leve dum desbatido'. No final de uma relação de bichos, aparecem as nuvens, que podem jazer em estranhas perspectivas. Há pelo menos um córrego "que teima em água", e a mitologia do sertão [...] encarnada no benévolo sacizinho que acompanha o viajante.

Pois bem, a viagem do Grivo nos remete à viagem de Guimarães Rosa acompanhando a "Boiada", ocasião em que o escritor coletou dados sobre a Natureza. Como considerou Costa (2008, p. 330), a "viagem de pesquisa do escritor desdobra-se [...] numa viagem de aprendizagem da visão poética dos vaqueiros. Sua maneira peculiar de apreender o mundo será recriada nos livros de 1956, no modo como os personagens percebem e apreciam a natureza".

Portanto, com "olhos" de vaqueiro, Guimarães Rosa vai buscar na viagem e transcriar em "Cara-de-bronze" uma paisagem pouco estudada pelas ciências e que escapou aos olhos de pesquisadores e viajantes. "Carecia de se abrir a memória! E ver o que no comum não se vê: essas coisas de que ninguém não faz conta" (ROSA, 2001c, p. 145). "[O] que não se vê de propósito e fica dos lados do rumo. Tudo o que acontece miudim, momenteiro. Ou o que vive por si, vai, estrada vaga" (ROSA, 2001c, p. 140).

No que se refere à Natureza brasileira, sabe-se que o fato do país possuir imenso território e rica biodiversidade e de ser reconhecido como o maior exemplo de destruição de recursos naturais, especialmente de áreas verdes, vem causando inquietação em todo o mundo. Com efeito, advertências e denúncias se multiplicam, por parte daqueles que se conscientizam dos graves problemas gerados pela devastação de recursos naturais e da deteriorização do patrimônio ambiental natural e cultural.

Também nas últimas décadas, as questões ambientais vêm atraindo grande número de pesquisadores de várias áreas do conhecimento. De acordo com Delitti (1995, p. 164) "essa diversidade de informações contribui para a formação de um conjunto que envolve as ciências humanas e as ciências do ambiente, sendo esta ligação extremamente complexa quando considerada todas as suas inter-relações".

No que se refere à história do descobrimento da biodiversidade de Minas Gerais, Brandão (2008, p. 8) lembra que "os cerrados e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, pois a colonização portuguesa se concentrava no litoral". Nos séculos XVIII e XIX foi explorada por naturalistas estrangeiros. O botânico francês Saint-Hilaire deixará em seu diário dados a respeito da diversidade encontrada, que "com as graças de Deus" alimentava os que ali viviam:

> Na maioria das vezes os vaqueiros não levam consigo nenhuma provisão; vivem de leite cru, de coalhada misturada com mel, e de várias espécies de frutos selvagens, que se sucedem quase durante toda a estação de cria de bezerros e potros. Esses frutos são várias espécies de Araticú [...] a Guariroba [...], várias espécies de araçá [...], a jabuticaba [...], várias espécies de Murici [...], o piqui, o humbu [...], o genipapo [...], o burity [...], a mangaba [...], duas espécies de goiaba, diversas variedades de Bacoparí [...], a Guabiroba [...], a Pitomba [...], a Mutamba [...], a Marmelada, o Indaiá [...], a Cagaiteira [...], várias espécies de ingás [...], o jatobá [...], o borulé [...] (SAINT-HILAIRE, apud RIBEIRO, 2001, p. 2)

Nas décadas seguintes às viagens dos naturalistas, o cerrado pareceu “ter adormecido”. Sem o “glamour” das eretas florestas o bioma não despertou a admiração e interesse de pesquisadores. Não sabiam, então, que é, nas profundezas do chão, onde se escondem seus ramos tortos e fortes, nas suas cascas duras, florindo e frutificando numa explosão de cores, cheiros e sabores, que emerge o segundo maior ecossistema brasileiro. Mas Guimarães Rosa percebeu a força desse potencial e com ele vai moldar sua obra, muito antes das pesquisas científicas.

Sabe-se hoje, que o potencial alimentar do cerrado inclui aproximadamente sessenta e cinco frutos comestíveis; cento e setenta plantas de uso medicinal; cento e trinta plantas empregadas como madeira para vários fins; trinta e duas como fibras; vinte e nove fornecem óleo (resinas, sabão, perfumes, etc.); vinte e quatro são usadas para tingir; vinte têm emprego em curtumes; dezoito dispõem de cortiça; cento e sessenta e sete são apícolas e centenas de espécies nativas têm potencial forrageiro, conforme Ribeiro, R. (2001, p. 2), para o qual

> [e]stes dados são uma pálida imagem do conhecimento popular sobre as possibilidades dos recursos naturais do Cerrado, a serem completadas e aprofundadas pelas pesquisas científicas em prol de um uso sustentável do bioma. No entanto, nos últimos trinta anos, quase metade do cerrado já foi destruído, substituindo-se a sua enorme diversidade de vida por imensas áreas de monocultura; quando não é simplesmente transformado em carvão.

Em “Cara-de-bronze”, espalhados pelo texto e em notas de pé-de-página há referências a mais de trezentos nomes de plantas e animais das espécies típicas do cerrado. O cenário, os personagens da ficção, as descrições dos elementos da Natureza, muitas vezes se misturam com a realidade observada pelo escritor em sua viagem acompanhando a “Boiada”. Tanto nas anotações da viagem, quanto na ficção, em várias situações, Natureza e homem se misturam: “tremiam verdes, como gente, as varas do pindaíbal” (ROSA, 2001c, p.142); “Buriti olhou pra baixo/vendo a boiada passar” (ROSA, 200lc, p. 115); “subi serra, o sol por

cima. Terras tristres, caminho mau" (ROSA, 2001c, p. 151); "canto de passarim? É quando ele tira para pensar alto" (ROSA, 2001c, p. 158).

Como em outras estórias, aqui também, o buriti, símbolo do cerrado, com seu porte elegante e estirpe gigantesca, exerce o papel de coadjuvante, sabedor e senhor dos segredos de todos e de tudo do lugar. Segredos de um tempo passado, em que o sistema natural funcionava com o auxílio do sol, da chuva, ano após ano. Ao homem cabia, apenas, o "hortar e guardar". A própria Natureza se encarregava de manter o equilíbrio ecológico e de combater as pragas, não havendo necessidade de se usar fertilizantes e pesticidas.

Hoje, de acordo com os biometicistas, a prática agrícola imita a indústria no lugar da Natureza. Os vegetais distanciam-se cada vez mais de seus ancestrais agrestes e não conseguem se adaptar e sobreviver sem as toneladas de produtos químicos que são despejados no solo. A terra, por sua vez, pode levar milhares de anos para se recuperar. A agricultura industrial atinge o limite de tolerância da Natureza e leva o homem a redimensionar a sua relação com o meio ambiente (BENYUS, 1997, p. 18-28).

Portanto, observar, valorizar, aprender e imitar a Natureza tornam-se ações imprescindíveis para a preservação da vida, e é o que se percebe nitidamente em "Cara-de-bronze". Na novela, o rico fazendeiro Segisberto Saturnino jéia, velho e doente (como o nosso planeta?) envia o vaqueiro Grivo para uma viagem misteriosa. Viagem de tradução da Natureza virgem, que só ele é capaz de fazer, por isso incompreensível para os outros. As observações recolhidas pelo vaqueiro vão permitir ao rico fazendeiro reconstruir o passado, no qual a Natureza ainda não foi transformada pelo homem. Por essa razão espalham-se pelo texto plantas e bichos. As plantas, afirma Guimarães Rosa, são "todas rigorosamente da região; mas enumeram-se apenas as que 'contém poesia' em seus nomes: seja pelo significado absurdo, estranho, pela antropomorfização, etc., seja pelo picante, poetizante, do termo tupi, etc." (BIZZARRI, 1981, p. 60). Citando como exemplo, a nota-de-rodapé da página 600 de

Corpo de baile, Rosa formula "uma verdadeira 'estorinha' em miniatura, através dos nomes ali arrolados. As explicações serão passadas ao tradutor BIZZARRI, compondo, em dez períodos, uma picante 'estorinha':

> A damiana, a angélica-do-sertão, a douradinha-do-campo" (ROSA, 2001c, p. 151) "é a apresentação de uma moça, no campo" (BIZZARRI, 1981, p. 60-61).[29] "O joão-venâncio, o chapéu-de-couro, o bom-homem" (R) "é a vinda de um rapaz, um vaqueiro"(B, p. 61). "O boa-tarde"(R) "é o rapaz cumprimentando a moça" (B). "O cabelo-de-anjo, o balança-cachos, o bilo-bilo" (R) "é a atitude da moça e (o bilo-bilo) o rapaz tentando acariciá-la" (B). "O alfinete-de-noiva. O peito-de-moça"(R) 'é óbvio" (B). "O braço-de-preguiça"(R) "(mão boba...)" (B). "O aperta-joão" (R) "(o rapaz apertando a mocinha)" (B). "O são gonçalinho" (R) ": são gonçalo' é sinônimo do membro viril... (B)" "A ata-brava, a brada-mundo, a gritadeira-do-campo..." (R) ": a reação da moça, alarmada, brava, aos gritos" (B).

Em outros momentos do texto, a tradução da linguagem da Natureza se dará em forma de poesia e ao mesmo tempo de registro de uma multidão de plantas e bichos, de um antigo mundo. Elementos que permitem recriar "a realidade íntima do passado"(BIZZARRI, 1981, p. 60). Hoje desconhecidos, alguns desses elementos sinalizam uma provável extinção de muitas espécies ou de seus nomes. Uma clara evidência de que, ao se distanciar da Natureza diversa, organizada e capacitada a lhe informar algo, o homem perdeu a capacidade de percepção da engenhosa combinação de interpretação simbólica dos diferentes elementos da Natureza e linguagem. Cabe ainda verificar que perdendo a capacidade de tradução do mundo natural, uma sociedade globalizada, que estimula a mecanização de todos os setores, degrada ou extermina ecossistemas e os substitui por elementos artificiais e rentáveis, vê-se perante a ameaça da própria destruição.

Em "Cara de Bronze", um suposto criminoso, desterrado de sua "pátria", refugia-se nos campos de Minas e concentrando-se na ambição e no trabalho, torna-se fazendeiro

[29] As referências dos períodos seguintes, bem como as explicações do escritor serão grafadas pela letra R, para a obra e B para a carta à Bizzarri, seguidas do número da página, se alterada.

poderoso e rico. Mas com o passar dos anos, debilitado pela doença e a velhice, "triste, fechado, exilado, imobilizado pela paralisia (que é a exteriorização de uma como que 'paralisia da alma') quer rever sua terra e "todas as poesias e belezas de lá" (BIZZARRI, 1981, p. 60). Entre seus quarenta vaqueiros, escolheu o Grivo, o de "mais viva e 'apreensora' sensibilidade para captar a poesia das paisagens e lugares". A expedição do Grivo foi um caminhar para o encontro com a Natureza em seu estado puro, ordenada e equilibrada, sendo o homem apenas um elemento a mais nesse universo. Dessa forma, os habitantes que ele encontra no caminho são "os verdes viventes, cada um por chuva e sol, pelejando no seu 'lugarim", "toda qualidade de répteis de alma-vivente, bichos de entre-mato-e-campo, bichinhos de terra e ar", "pessoas de árvores". Era preciso captar "até o cheiro de plantas e terras" e "falar e sentir, até amolecer as cascas da alma", porque o Cara-de-bronze queria que se achasse para ele "o quem das coisas" (ROSA, 2001, p. 141-154).

Como vimos, a viagem do Grivo remete à viagem de 1952 de Guimarães Rosa, na qual ele busca a Natureza, através do olhar sertanejo. Assim, o que se inscreve nas cadernetas de 1952 e se desdobra em "Cara-de-bronze" é uma tentativa de integração da Natureza e a cultura sertaneja na ordem da produção.

Como considerou Enrique Leff (2002, p. 209), no que toca a complexificação da produção, "[a]penas um princípio chegou a**(o)** ser tão **(sertão)**[30] universal quanto a ideia de Deus: o mercado. Para o pensador,

> [o] conceito de mercado (da mão invisível que governa os intercâmbios mercantis) generalizou-se, construindo o mundo à sua imagem e semelhança. O mercado move e constrói um mundo globalizado e ao mesmo tempo se insere em nossa epiderme, em cada poro de nossas sensibilidades, de nossa razão e dos nossos sentidos. O *homo economicus* substitui o *homo sapiens* na fase suprema da evolução rumo ao fim da história. O ser economicizado já não precisa pensar para existir. Basta-lhe reconhecer-se nos ditames da lei suprema do mercado.

[30] Parênteses, jogo de palavras e, para tanto, destaque nosso.

De fato, o princípio universal de “mercado” chegara ao sertão, na figura do rico fazendeiro Cara-de-bronze, dono de “fazenda-de-gado: a maior – no meio – um estado de terra. A que fora lugar, lugares, de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão [e que] agora se fizera pastagens, a vacaria. O gadame. Este mundo, que desmede os recantos” (ROSA, 2001c, p. 10). Como representante do *homo economicus,* Cara-de-bronze “não tinha família, nem parentes, vivia sozinho” (ROSA, 2001c, p. 115). De acordo com o julgamento dos vaqueiros, aquele novo “deus” (o mercado), que refugiara nas matas do sertão e agora o dominava era:

> [...] tigrão de homem [...] Sempre foi. Derradeiramente, qualquer coisa que abrandou. Mas ainda dá para se temer [...] é um velho, baçoso escuro, com cara de bronze, mesmo [...] Estúrdio, assim de especular [...] “Eh, ele é grande, magro, magro, empalidecido [...] Muito morenão [...] ele é escuro, mas já foi mais [...] amarelou no tempo, feito óleo de sassafrás [...] Palidez morena [...] O alto da cara com ossões ossos [...] Ele todo é em ossamenta de zebu: a arcadura [...] ele é orelhudo, cabano, de orelhas vistosas [...] Cara quadrada [...] A testa é rugas só [...] Cabelo corrido, mas duro, meio falhado, enralado [...] Mas careca ele não é [...] Cabeçona comprida. O branco do olho amarelado [...] Os olhos são pretos. Dum preto murucego [...] Os olhos tristes [...] E os papos-dos-olhos [...] O nariz grandão, comprido demais, um nariz apuado, aquela ponta [...] as ventas pequenininhas. Quase não tem buraco de ventas [...] e os beiços muito finos. Ele não ri quase nunca [...] O queixo todo vem p’r’adiante [...] Gogó enorme [...] As bochechas estão cavacadas de ocas [...] O queixo é que é desconforme de grande! [...] Pescoço renervado, o cordame de veias [...] Os olhos são danados! [...] Um olhar de secar orvalhos [...] Amargo feito falta de açúcar! [...] Ele é zambezonho [...] Ele não aquieta o espírito [...] Ele parece que está pensando e vivendo mais do que todos. [...] Ele parece uma pessôa que já faleceu há que anos [...] Tem ombros repuxados para cima, demais [...] É crocundado [...] Sempre andou com os joelhos dobrados, os olhos abaixados para o chão [...] Sempre coxeou [...] Ruimatismos [...] Desde faz tempo, as pernas foram ficando afracadas. Agora, afinal, morreram murchas de todo [...] Ficou leso tal, de paralítico [...] Só pode andar é na cadeira, carregado [...] Não sai do quarto. Faz muitos anos que ele não sai [...] tem as pernas inteiras de veias rebentadas [...] Ruimatismo [...] Os dedos-grandes das mãos, [...] que tamanhos [...]Os dedos todos. Eles são magros e compridões, cheios de nós de inchaço nas juntas [...] Num tempo, ele já teve barba. A barba escondedora [...] Ele só fala baixo. A voz tem uma seriedade tristonh’ [...] Ele ouve pouco. Surdoso [...] Mas ele não ouve os cantos e a viola? [...] É

> surdoso, não, surdaz [...] rebaixa as capelas dos olhos, a cabeça, o respirar dele vira brundúsio de meio gemido [...] Diz'que, às vezes, dá vágados [...] Sei que ele está sempre em atormentados [...] Quer saber o porquê de tudo nesta vida [...] Mas não é abelhudo [...] É teimoso [...] Teimosão calado [...] Ele pensa sem falar, dias muito inteiros [...] É um orgulho aos morros, que queima nos infernos! [...] Gosta de retornar contra da verdade que a gente diz, sempre o contrário [...] Mas ele acredita em mentiras, mesmo sabendo que mentira é [...] Ele não gosta é de nada [...] Mas gosta de tudo [...] É um homem que só sabe mandar [...] Mas a gente não sabe quando foi que ele mandou [...] Não fala, mas dá de entender para o senhor os ossos daqueles braços [...] Quando olha e encara, é no firme, jogo-de-sis, com pito e zanga [...] É vagaroso [...] O que ele quer fazer, faz, nem que dure de esperar cem anos [...] Eh, ele espia o fumego do ar nos alentos do cavalo [...] Mas se diz que crê em visagens. Tem fé em abusões [...] Quase que só veste roupas pretas [...] Ele parece um padre [...] Pra ser de si, ele é um visconde [...] Antigamente, andava por aí, sozinhão, sozinhando [...] Sempre em beiras d'água [...] Traz tudo p'ra perto de si [...] é esquipático, no demais. A gente vê, vê, vê, e não divulga [...] É um homem desinteirado [...] Meio parecido com ele, mal conheci só um sujeito, quando eu era menino, no sertão do Rio Pardo [...] É um homem parecido com os outros, um homem descontente de triste [...] O que ele é, é isso: no mel-do-fel da tristeza preta [...] ruim não é. Será? [...] Ruim como um boi quieto, que ainda não deu pra se conhecer [...] Só se é uma ruindade diversa [...] É ruim, mas não faz ruindades [...] Dissesse que ruim é, levantava falso [...] Então, ele é bom? [...] Quem é que é bom? Quem é que é ruim? [...] Pois ele é, é: bom no sol e ruim na lua [...] É o que eu acho... (ROSA, 2001c, p. 121-128).

Na figura disforme e repugnante do personagem Cara-de-bronze, encarnação do *homo economicus*, Guimarães Rosa intensifica o que Leff considera como "processo de economização do mundo, que implicou não apenas o esquecimento do ser em favor do ente, mas a objetivação e coisificação do mundo". Processo em que a natureza e a cultura encontram-se apartadas da ordem da produção (LEFF, 2002, p, 209).

"Na fase suprema da evolução rumo ao fim da história" (LEFF, 2002, p. 209), o Grivo, (*homo sapiens)* buscará na viagem à "poesia" da Natureza, o equilíbrio e a sabedoria que ao Cara-de-bronze (*homo economicus)* escaparam.

4.4.3 "O recado do morro"e os desastres ambientais: o alerta

Pela aba das serras, quantidade de cavernas – do teto de umas poreja solta do tempo, a aguinha destilando salobra, minando sem-fim num gotejo, que vira pedra no ar, se endurece e dependura, por toda a vida [...]

Guimarães Rosa

O saber ambiental projeta-se no sentido do infinito do impensado – o que está para ser pensado

Enrique Leff

Em "O recado do morro", a Natureza fala. Como nos referimos em capítulo anterior, interpondo-se à viagem exploratória de um naturalista alemão à região de grutas do cerrado mineiro, o brado imperceptível do Morro da Garça vai ser traduzido por seres receptivos em forma de canção. Canção de Orfeu, anúncio de morte. Conforme o autor,

> (u)ma revelação, captada, não pelo interessado e destinatário, mas por um marginal da razão, e veiculada e aumentada por outros seres não-reflexivos, não escravos ainda do intelecto: um menino, dois fracos de mente, dois alucinados – e, enfim, por um ARTISTA; que, na síntese artística, plasma-a em CANÇÃO, do mesmo modo perfazendo, plena, a revelação inicial (BIZZARRI, 1981, p. 59).

Qual seria realmente a revelação? E o tema de reflexão? Em carta ao tradutor Bizzarri, Guimarães Rosa ter-se-ia referido ao recado como uma espécie de "profecia" ou "aviso", que só poderia ser compreendido através de uma obra de arte.

Na novela, o brado profético do morro é um aviso sobre cilada e morte de Pedro Orósio, guiador de uma expedição científica e conhecedor do lugar, mas que estava "surdo e sem compreensão, nos momentos em que cada elo se ligava" (BIZZARRI, 1981, p. 59). Enquanto tema de reflexão, o texto é um alerta para o fato de que, embora senhor, mas falso conhecedor da Natureza, o homem se torna refém da crise ambiental.

Como considerou Leff, (2002, p. 191) “o risco ecológico questiona o conhecimento do mundo”. Por isso “a crise ambiental nos leva a repensar o ser do mundo complexo, a entender suas vias de complexificação [...] para, a partir daí, abrir novas pistas para o saber no sentido da reconstrução e da reapropriação do mundo”. No que toca à ciência – que se pensava libertadora do atraso e da opressão, do primitivismo e do subdesenvolvimento, de acordo com Leff,

> gerou um desconhecimento do mundo, um tipo de conhecimento que não sabe de si mesmo; que governa um mundo alienado do qual desconhecemos seu conhecimento especializado e as regras do poder que o governam. O conhecimento já não representa a realidade; pelo contrário, construiu uma hiper-realidade na qual se vê refletido (LEFF, 2002, p. 208).

Como se sabe, durante a fase de elaboração de **Corpo de baile,** Guimarães Rosa intensificou as leituras em diversas fontes, buscou pistas em diferentes áreas do conhecimento, viajou, observou, indagou e recolheu ao vivo elementos para suas estórias. Com a construção de um pensamento complexo e transdisciplinar, reintegrador das partes fragmentadas do conhecimento, o escritor se aproximou da verdade, “ambientalizou” seus textos “para gerar uma face de saberes nos quais se enlaçam diferentes vias de sentido” (LEFF, 2002, p. 208).

“O recado do morro”, sintetizando a visão realista sobre o meio ambiente de todas as outras novelas que compõem o livro **Corpo de baile,** anuncia a emergência da crise ambiental vista por Leff (2002, p. 209) como sintoma da negação dos potenciais da Natureza e da diversidade cultural. Leva à reflexão de como a forma de pensamento unidimensional, o domínio da Natureza sem consciência e a tecnologia produtivista aceleram a degradação entrópica do planeta e com suas sinergias negativas impedem que o homem perceba a voz da Natureza.

Se, para Leff (2002, p. 207), "a crise ambiental é a primeira crise do mundo real produzida pelo *desconhecimento do conhecimento"*, no que se refere à Natureza do sertão, **Corpo de baile** emerge como obra reintegradora do conhecimento, do potencial da articulação da produtividade ecológica, da relação sinestésica homem e meio ambiente e da potência que dela exala para "gerar uma racionalidade ambiental e uma ordem produtiva sustentável".

Nesse sentido, o que estaria profetizando o Morro da Garça, para os personagens de "O recado do morro"?

Voltemos à tragédia do tsunami de dezembro de 2004, com o qual abrimos este trabalho.

Examinando noticiários da época, deparamos com um título na Internet: "Cientistas devem usar dados de tsunami para prevenir tragédias". Conforme a matéria,

> o terremoto seguido de maremoto que teria matado mais de 220 mil pessoas na Ásia deu aos cientistas diversas informações preciosas. Eles esperam poder utilizá-las para prevenir melhor esse tipo de tragédia, afirma David Booth, sismólogo do Britsh Geological Survey. As informações ajudarão a identificar regiões vulneráveis, instalar sistemas de alerta e construir estruturas que possam deter ou reduzir as ondas antes que elas atinjam o litoral, disse o especialista. Terremotos com essa intensidade ocorrem somente a cada 30 ou 40 anos nessa região. E as informações sobre eles são escassas. No entanto, dessa vez, os instrumentos terrestres e espaciais forneceram numerosos dados sobre seu desencadeamento. [...] Para sorte dos cientistas, duas horas depois da formação do maremoto, dois satélites franco-americanos [...] passavam sobre a área do desastre. Estes aparelhos fizeram medições da superfície do oceano em uma faixa de três mil quilômetros [...] Esta primeira observação que se faz do nascimento de um tsunami dá indicações muito importantes sobre a energia liberada e a maneira como ocorre o fenômeno, que se torna mais lento ou muda de direção de acordo com o fundo do mar naquela área. Informatizando os dados, os cientistas devem elaborar um instrumento essencial aos criadores do futuro sistema de alerta de tsunami [...] atualmente em discussão. (www.achetudoeregiao.com.br/ATR/meio_ambiente).

Quanta tecnologia! Quanto progresso! Finalmente o homem conseguirá monitorar as manifestações da Natureza e não mais ocorrerão tragédias como a de 2004.

Retornemos, então, à ficção de Guimarães Rosa:

> Lá – estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide.[...] – "Possível ter havido alguma coisa?" – frei Sinfrão perguntava. – "Essas serras gemem, roncam, às vezes, com retumbo de longe trovão, o chão treme, se sacode. Serão descarregamentos subterrâneos, o desabar profundo de camadas calcáreas, como nos terremotos de Bom-Sucesso... Dizem que isso acontece mais é por volta da lua-cheia.

.

Em 05 de março de 2007, um noticiário da Folha de São Paulo nos chamava a atenção. Uma missão britânica com pesquisadores da Universidade de Cardiff partiria no dia seguinte no navio James Cook, do porto de Tenerife, na Espanha, para cumprir a primeira etapa de uma missão. Um fenômeno desconhecido pelos cientistas estaria ocorrendo no fundo marinho provocando uma "fratura exposta" da Terra na área que fica entre o Caribe e a Ilha de Cabo Verde, perto da região montanhosa que corta a região de norte a sul. O que os pesquisadores queriam entender é porque parte da crosta terrestre sumiu naquele local, deixando o manto da Terra totalmente exposto. De acordo com o jornal, o grupo usaria sonares para capturar imagens do fundo oceânico e também robôs submergíveis, para a coleta de material rochoso a ser posteriormente examinado. "Como as cadeias montanhosas que existem no fundo do mar são responsáveis pela comunicação direta entre o manto e o oceano, entender o que ocorre nessa região específica do fundo do Atlântico tem uma importância muito grande", comenta o jornal. Apesar de acreditarem os cientistas que, estando o planeta em constante movimentação, esse processo de desaparecimento da crosta em algumas regiões, não é algo necessariamente anormal, no caso da "fratura exposta" atlântica ficam abertas as questões: será que ela sempre esteve por lá? Ou, então, a crosta naquela área perdeu a capacidade de ter uma regeneração natural? Aguardemos o resultado.

Enquanto isso, no Morro da Garça, o Gorgulho “enconchara mão à orelha esquerda”, para ouvir o recado do morro. – “H’hum... Que é que o morro não tem preceito de estar gritando ... Avisando de coisas ...” – disse, por fim, se persignando e rebenzendo, e apontando o dedo no rumo magnético de vinte e nove graus nordeste” (ROSA, 1984, p. 38-39).

Com o auxílio de um mapa geográfico localizamos “uma linha vã, uma linha geodésica. Mais ou menos como a gente vive. Lugares” (ROSA, 1984, p. 37). A ponta do dedo do Gorgulho, à vinte e nove graus noroeste de Greenwich !? O Atlântico, a Ilha de Cabo Verde, a fratura exposta da crosta da Terra.

“Mas, enquanto isso, seo Alquiste punha uma atenção aguda, quase angustiada, nas palavras do Gorgulho – frei Sinfrão e seo Jujuca admiravam: como tinha ele podido saber que agora justamente o Gorgulho estava recontando a doidice daquela, de ter escutado o Morro gritar? Pois falava:

> – Que que disse? Del-rei, ô, demo! Má-hora, esse Morro, ásparo, só se é de satanaz, ho! Pois-olhe-que, vir gritar recado assim, que ninguém não pediu: é de tremer as peles...Por mim, não encomendei aviso, nem quero ser favoroso...Del-rei, Del-rei, que eu cá é que não arrecebo dessas conversas, pelo similhante! Destino, quem marca é Deus, seus Apóstolos! E que toque de caixa? É festa? Só se for morte de alguém...Morte à traição, foi que ele Morro disse. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada, Del-rei, Del-rei!... (ROSA, 2001c, p. 47-48).

Enquanto isso, voltemos aos aparelhos medidores do tsunami de 2004. Eficientes ou não, em 28 de março de 2005 um terremoto atingiu a Sumatra deixando mil e trezentos mortos. Em 12 de janeiro de 2010 o terremoto do Haiti deixou cerca de duzentos e trinta mil mortos. Em 27 de fevereiro deste mesmo ano um terremoto no Chile matou mais de setecentas pessoas. O tsunami de 2004 e estes eventos recentes passaram a compor a lista dos dez maiores terremotos ocorridos nos últimos cem anos.

Colocando-se na contramão da via materialista e tecnicista da relação do homem com a Natureza, o "recado do morro" supõe a necessidade de reflexão do conhecimento sobre o real e a emergência da construção de uma racionalidade ambiental e uma ordem produtiva sustentável (LEFF, 2002, p. 207).

4.4.5 "Grande sertão: veredas" e o aquecimento global: o limite

> *Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alteravam, circunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido. Só saiba: o Liso do Suçuarão concebia silêncio, e produzia uma maldade – feito pessoa!*
>
> **Guimarães Rosa**

> *Precisamos buscar nossos padrões nos modelos da natureza. Devemos respeitar, com a humildade do sábio, os limites da natureza e o mistério que jaz além deles, admitindo que existe algo na ordem natural das coisas que, evidentemente, transcende toda a nossa competência*
>
> **Václav Have**

Questionando a racionalidade econômica e tecnológica que passaram a dominar o mundo, a problemática ambiental surge na última década do século XX, como uma "crise de civilização", reconhece Enrique Leff (2002, p. 59). Conforme o pensador, explicada a partir de uma diversidade de perspectivas ideológicas, a crise ambiental é percebida, por um lado, como resultado da pressão exercida pelo homem sobre o ambiente, sem levar em conta a limitação dos recursos naturais. Por outro lado, é interpretada como efeito da acumulação de capital e da maximização dos lucros em curto prazo. O capital e o lucro, indutores de padrões tecnológicos e ritmos acelerados da exploração da Natureza, esgotam as reservas de recursos naturais, degradam a fertilidade dos solos e afetam as condições de regeneração dos ecossistemas naturais.

Portanto, o homem com sua ânsia desenfreada por lucro desestabilizou a ordem natural do mundo, estabelecida por Deus, na Criação. Conforme postula Leff (2002, p. 60), "a questão ambiental na qual confluem processos naturais e sociais de diferentes ordens de materialidade não pode ser compreendida em sua complexidade nem ser resolvida com eficácia sem o concurso e integração de campos muito diversos do saber". A implantação de uma estratégia de desenvolvimento com uma concepção integrada dos processos históricos, econômicos, sociais e políticos que geraram a problemática ambiental, bem como dos processos ecológicos, tecnológicos e culturais que permitiriam um aproveitamento produtivo e sustentável dos recursos, estaria vinculada, de acordo com Leff, à distinção de três níveis de integração do conhecimento: a) a explicação das causas históricas da degradação ambiental; b) o diagnóstico da especificidade de sistemas socioambientais complexos; c) a construção de uma racionalidade produtiva fundada no planejamento integrado de recursos.

Embasando-nos em tal proposição, dedicamo-nos especialmente no enfoque da obra **Corpo de baile,** sublinhando a estratégia empregada por Guimarães Rosa na tradução da linguagem da Natureza do sertão e seus desdobramentos: a observação das causas históricas da degradação ambiental, o diagnóstico da especificidade da relação do homem sertanejo com o meio ambiente, a proposta de construção de uma racionalidade e um futuro sustentável.

O mesmo pode ser dito em relação ao romance **Grande sertão: veredas,** no qual a tradução da Natureza se converte em premissas para se pensar os limites da questão ambiental.

O cenário que, nesse sentido, muito nos chama a atenção no romance rosiano é o Liso do Suçuarão, em cuja representação geográfica podemos perceber a sutileza e o conhecimento de seu autor. Contrastando com o *locus amoenus* do Urubuquaquá, do Pinhém, do Mutum, dos Gerais e do Cerrado, o Liso é único cenário no mapa paisagístico de **Corpo de baile** e **Grande sertão: veredas.**

Palco de várias interpretações, trata-se de uma geografia do inferno, de acordo com o personagem Riobaldo, "[o] miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios [...] A calamidade de quente! [...] Nem menos sinal de sombra. Água não havia [...] Se ia, o pesadelo. Pesadelo mesmo, de delírios" (ROSA, 1986, p. 38-40).

Para Heloísa Vilhena (1996, p. 23), ao inferno externo do Liso corresponde "um inferno espiritual – a traição". Por sua vez Wille Bolle (2004, p. 6) relaciona o Liso, à "quintessência" do sertão, ao "desertão",

> a encarnação do *Urwort* de onde a palavra "sertão" pode não ter se originado, mas com a qual é sempre associada. O Liso é o lugar dos extremos. Extremo, no sentido geográfico: lugar nos ermos e, paradoxalmente, centro geográfico do país, na trijunção dos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás. Extremo, no sentido existencial do lugar onde o ser humano é posto à prova.

Ainda conforme definiu Bolle, "[o] Liso é a *terra ignota,* o *tópos* eucliadiano retrabalhado por Guimarães Rosa numa 'travessia verbal' em que a descrição científica chega a seus limites" (2004, p. 67).

Seja ele inferno espiritual, lugar dos extremos, da falha dos homens ou da traição, reconhecemos no Liso o limite da crise ambiental. Para melhor situá-lo, apropriamo-nos da tese de Leff (2002, p.191), segundo a qual a crise ambiental apresenta-se como um limite no real, que ressignifica e reorienta o curso da história: limite do crescimento econômico, limite dos desequilíbrios ecológicos e das capacidades de sustentação da vida, mas também crise do pensamento ocidental.

Nesse sentido, a análise da obra rosiana nos leva a perceber que, se confirmadas as previsões de ambientalistas, a crise ambiental, crise dos limites, crise do nosso tempo está conduzindo a humanidade para uma geografia infernal como a do "Liso do Suçuarão".

Examinando as cadernetas de viagem de Guimarães Rosa ao sertão mineiro, em 1952, Costa (2008, p. 340) verificou que nelas "não há lugar para o espaço terrível, infernal" do Liso de **Grande sertão: veredas.** Tendo a viagem de Rosa "corrido sem estorvos, com muitas vistas agradáveis e lugares aprazíveis", em nenhum momento o escritor teria registrado qualquer imagem que pudesse estar associada ao Suçuarão. Para a autora,

> ao transformar a travessia do Liso no ponto crucial do romance – desdobrada em duas tentativas de percorrê-lo, sendo que a primeira fracassa: é o Liso intransponível, o "desmenso, o raso enorme", "escampo dos infernos", "miolo mal do sertão", com uma luz assassina, sem caminhos, sem água, sem árvores, sem sombra – Rosa retoma um *topos* da tradição literária, característico dos relatos de viagem: o lugar terrível, hórrido, desolado, martirizante, mas de passagem necessária, associado ao inferno de Dante (COSTA, 2008, p. 336).

De acordo com Ávila (2001, p. 547), é no trabalho com a linguagem que se mostra de forma mais aguda a presença do estrangeiro em Guimarães Rosa. Em sua análise comparativa entre o livro de viagem do inglês James Wells, **Três mil milhas através do Brasil**, com **Grande sertão: veredas**, a autora rastreia a reutilização das questões colocadas pelo estrangeiro,

> as quais dão a impressão de que Guimarães Rosa seguiu passo a passo o percurso de Wells de sua arrogância/ignorância inicial até a compreensão de que havia chegado ao limite de seu discurso, momento em que se acha diante de uma vastidão inexplorada na fronteira entre Bahia e Goiás, uma espécie de Liso do Suçuarão (ÁVILA, 2001, p. 548).

Se o Liso do Suçuarão representa o limite do discurso dos viajantes naturalistas, para se alcançar o limite da questão ambiental em Rosa, buscaremos, primeiro, as pistas dos relatos dos viajantes.

Analisando a temática que envolve a relação das viagens de naturalistas com a percepção do Novo Mundo, procedente da observação e da experiência, em **La disputa del Nuevo Mundo** (1982), Antonello Gerbi indica duas maneiras básicas de se encarar o Novo Mundo do ponto de vista da filosofia ocidental: a Natureza americana era o lugar da regeneração do Velho Mundo, remetendo ao edênico, a partir de uma visão de mundo positivada e em sentido oposto, a Natureza tropical era lugar do insondável, do exótico, do hostil, da poligamia, da escravidão e do clima tórrido e inclemente, portanto infernal.

No que se refere à paisagem do sertão, percebe-se pelos diários, que os padrões de avaliação dos lugares foram duplamente acionados. O olhar viajante alicerçado em padrões europeus, diante da paisagem tropical, sofre o "choque da diferença cultural extrema", sobre o qual se referiu Greenblatt (1996, p. 78). Conforme o autor, em face do desconhecido, "os europeus usavam suas estruturas intelectuais e organizacionais convencionais, moldadas durante séculos de contatos indiretos com outras culturas, e que essas estruturas impediam em grande parte uma percepção clara da radical alteridade das terras e povos americanos".

Em trabalho anterior, analisamos relatos de mulheres viajantes do século XIX[31], nos quais foi possível constatar que, na travessia transatlântica, a passagem pela Linha do Equador provocava nos viajantes mudanças de comportamento. Frente ao misterioso, ao apreensível apenas nos livros, ao imaginado e ansiosamente esperado, a descrição da passagem pelo paralelo 0° carregada de sustos, estranhamentos e decepções, marca no espaço e no tempo das narrativas das mulheres viajantes, o ponto de convergência dos olhares europeus. As "brumas opacas" exaladas de um calor sufocante eram o marco divisor de identidades, de conceitos e preconceitos, de estereótipos e classificações. A consciência de

[31] Cf. CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. 19Th Century women travellers: a female view on the feminine condition in Brazil. In: SARMENTO, Clara (Ed.). **Women in the portuguese colonial empire: the theatre of shadows.** Cambridge Scholars Publishing, 2008, p. 203-212.

que o próximo ancoradouro seria o lugar do “outro”, mistura do exótico, da Natureza selvagem, do calor cada vez mais sufocante, do sol escaldante, da indolência e do inusitado, converte os relatos das viajantes na própria consumação da alteridade.

Como considerou Murari, chegando aos trópicos, o europeu, com seu gosto pela paisagem cultivada, domesticada, trava uma luta contra a Natureza. “Nas últimas décadas do século XIX, a imagem paradisíaca estava já irremediavelmente condenada e fadada a conviver com visões bem menos empolgantes da relação do homem com a natureza no país” (2009, p. 115).

Para Flora Süssekind (2006, p. 104-116) foram os viajantes naturalistas com seus diários, os principais formadores da imagem do Brasil mundo afora. No Brasil contribuíram para a formação da ideia de nação, pelo diálogo que se estabeleceu entre esses relatos e a prosa de ficção em formação no país. Para os que se aventuravam a pisar no solo tórrido e percorrer longas distâncias, debaixo de um sol ardente, de um calor irritante, com poeira, sede, ou se embrenhavam por matas fechadas e florestas, o Brasil era formado por dois extremos: as delícias do paraíso do litoral e os tormentos do inferno do sertão.

Na viagem ficcional de Guimarães Rosa pelo sertão, atravessar o Liso do Suçuarão correspondia à travessia do Equador. Representação por excelência do lugar do “outro”, do limite de tolerância do homem às intempéries da Natureza, e da tolerância da Natureza às intervenções do homem, em contraste com o restante da paisagem de **Corpo de baile** e **Grande sertão: veredas**, este território é o vazio, a paisagem sinistra do limite da questão ambiental.

Como demonstramos, em “Gerais”, primeira parte do sumário das primeiras edições do livro **Corpo de baile,** Guimarães Rosa mostra o *locus amoenus* através dos olhos inocentes de Miguilim e da sabedoria de homens e mulheres sertanejos. Da mesma forma, em **Grande sertão: veredas,** Diadorim, “duro sério, tão bonito no relume das brasas” (ROSA,

1986, p. 20) menino e jagunço, homem e mulher, é quem vai mostrar para Riobaldo, as "quisquilhas da natureza":

> A garoa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim... [...] Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa [...] De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro de rodas as todas as cores de borboletas. Como não se viu, aqui se vê (ROSA, 1986, p. 18-19).
> Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus, Diadorim era quem tinha me ensinado. [...] Principal que eu via eram as pombas. No bebedouro, pombas bando. [...] Mas, na beira da alpendrada, tinha um canteirozinho de jardim, com escolha de poucas flores. Das que sobressaíam, era uma flor branca – que fosse caeté, pensei, e parecia um lírio – alteada e muito perfumosa (ROSA, 1986, 164).

Mas do lado oposto ao colorido, aos sons e cheiros e ao movimentar da Natureza do sertão, está o Liso do Suçuarão, *locus terribilis.* Lugar do silêncio e da monotonia, ditados pela paisagem atormentada e castigada pela escassez de água e pelas condições atmosféricas extremas, o Liso, de acordo com Riobaldo, era " [a] calamidade de quente! E o esbraseado, o estufo, a dor do calor em todos os corpos que a gente tem. [...] Nem mesmo sinal de sombra. Água não havia. [...] Nenhum poço não se achava. [...] A luz assassina demais" (ROSA, 1986, p. 40).

No entanto, entre o *locus amoenus* e o *locus terribilis* do sertão, se interpõe a "Parábase", de **Corpo de baile.** Conforme vimos, essa segunda parte do sumário, se apresenta em forma de parábola, de revelação, de profecia, encerrando "a longa lição" e "o julgamento" da relação do homem com o ambiente, bem como "o alerta" sobre o perigo de se caminhar em direção ao Liso do Suçuarão.

Fazer perceber que haveria caminhos alternativos foi uma missão abraçada por Guimarães Rosa, e é ela que permite à sua obra "ser tão universal" no que toca ao limite da questão ambiental: o aquecimento global.

De acordo com Rebouças (2004, p. 87), "existe um forte consenso científico de que, se as tendências de crescimento dos teores de gases do efeito estufa[32] continuarem, haverá um progressivo aquecimento da atmosfera, com drásticas conseqüências para a humanidade". No entanto, por falta de modelos matemáticos, os efeitos do aquecimento global ainda são pouco conhecidos, afirma o pesquisador.

Os cientistas consideram que os efeitos do aquecimento global incluem: [33]

a) derretimento das calotas polares e elevação do nível dos mares;

b) mudanças nas correntes marinhas e ventos;

c) aumento da frequência das tempestades;

d) aumento das epidemias e outros processos que afetam a saúde das pessoas;

e) alteração dos padrões de precipitações atmosféricas – chuva, neblina e neve;

f) alteração de terras encharcadas – pantanais, florestas;

g) prejuízos incalculáveis à agricultura;

h) perdas da biodiversidade.

Pois bem, nossa mania de guardar papéis nos levou a colecionar durante nossa pesquisa recortes de jornais. Em quatro caixas selecionamos os temas: meio ambiente, Guimarães Rosa, literatura, outros. Ontem, decidimos levar as caixas até a coleta seletiva de um supermercado, já que inúteis. Antes, porém, decidimos fazer um jogo. Misturamos os

---

[32] O efeito estufa é o aumento da temperatura da terra causado pelo acúmulo de gás carbônico e de gás metano na atmosfera. Esse acúmulo ocorre porque a capacidade de assimilação da Terra já foi superada, ou seja, lançamos na atmosfera mais gás carbônico e gás metano do que a Natureza pode assimilar. Esses gases têm a propriedade de "aprisionar" o calor do Sol que incide sobre a Terra, impedindo-o de retornar ao espaço cósmico. O calor excessivo assim aprisionado na atmosfera eleva gradativamente a temperatura do planeta, provocando mudanças climáticas. Cf. Dias, 2004, p. 15-16.

[33] Cf. DIAS, 2004, p. 16; REBOUÇAS, 2004, p. 88.

papéis, jogamos para cima, sorteamos dez. Lendo-os, um profundo desânimo nos abateu. Todas se relacionavam com o aquecimento global. A tragédia do tsunami de 2004 da Ásia, mote de nosso trabalho não foi capaz de deter o homem em sua caminhada rumo ao "Suçuarão". Guardamos todos os recortes, já que "o sertão está em toda parte".

"As dez manchetes sorteadas":

- 04.09. 2005 – "Efeito estufa pode tornar furacões mais violentos – Estudo realizado por especialistas em fenômenos naturais, com dados coletados por aviões de pesquisa, indica que o poder destrutivo deles aumentou 50% ao longo dos últimos 50 anos" (Estado de Minas).
- 09.06.2006 – "Aquecimento já provoca mudança em gene animal – Aves, insetos e esquilos no hemisfério Norte estão alterando ciclo produtivo" (Folha de São Paulo).
- 23.09.2005 – "Calor na Europa intensifica aquecimento global" (Estado de Minas).
- 24.03.2006 – "Degelo nos pólos é catastrófico, diz revista – Estudos publicados na 'Science' confirmam que efeito estufa está acelerando o derretimento; mar pode subir 6 m em 2100" (Folha de São Paulo).
- 05.06.2006 – "Desertos estão sob risco, diz ONU – relatório indica que nos últimos 25 anos 9 de 12 zonas áridas esquentaram mais que a média global" (Folha de São Paulo).
- 16.04.2006 – "Ponto quente e crítico – Aquecimento global pode bater desmatamento como principal causador de extinções"(Folha de São Paulo).
- 11.02.2006 – "Efeito estufa pode estar em ponto crítico – Gases que alteram temperatura da Terra já teriam chegado a concentração capaz de causar aumento de 2 graus diz estudo" (Folha de São Paulo).
- 09.04.2006 – "Contra a maré – Pequenos países do Pacífico lutam contra o aquecimento global e a degradação ambiental" (Folha de São Paulo).
- 07.04.2007 – "Mudanças climáticas vão afetar os mais pobres – Muitos milhões já correm risco em áreas já desfavorecidas, dizem cientistas" (Folha de São Paulo)

- 22.02.2009 – “Mar subirá 1,80 m até 2100, diz estudo – Cálculo de cientista alemão feito com dados mais robustos revê previsão oficial de painel do clima da ONU em 200%” (Folha de São Paulo).

Se a ciência perdeu suas certezas e sua capacidade preditiva com relação ao meio ambiente e se o mundo já não pode ser planejado e construído pela racionalidade científica, então a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para preparar a pedagogia da complexidade ambiental preconizada por Enrique Leff (2002, p. 217). Para o educador, as novas gerações não devem ser preparadas

> apenas para que aceitem a incerteza (uma educação como preparação em face do desastre ecológico e como criação de capacidades de resposta diante do imprevisto), mas ela deve preparar também novas mentalidades, capazes de compreender as complexas inter-relações entre os processos objetivos e subjetivos que constituem seus mundos de vida, para gerar habilidades inovadoras tendo em vista a construção do inédito.Trata-se de uma educação que permite que os indivíduos se preparem para a construção de uma nova racionalidade, não para uma cultura de desesperança e alienação, mas, pelo contrário, para um processo de emancipação que permita o surgimento de novas formas de apropriação do mundo.

Nesse sentido, a percepção estética e os valores éticos do relacionamento do sertanejo com o seu meio ambiente, inscritos na obra de Guimarães Rosa, abrem um caminho inverso ao que leva ao “Liso do Suçuarão”. De acordo com Leff (2002, p. 222), um caminho infinito, como infinito é o sertão “no qual se inscreve o ser num devir complexificante. Um ser sendo, pensando e atuando no mundo”.

TERMO

Não sabemos, num nosso país que ainda constrói sua gente de tantos diversos sangues, se ele será, o sertanejo, a "rocha viva de uma raça", o "cerne de uma nacionalidade".
Mas sua presença é longa lição, sua persistência um julgamento e um recado. Atuais como aquelas palavras do mestre de Leyde:
"Nossos avós ainda não dispunham senão de recursos muito parcos, para mitigar as dores, curar as fraturas e os ferimentos, defender-se do frio, expulsar a escuridão, comunicar-se pessoalmente ou à distância com seus semelhantes, evitar a podridão e o mau-cheiro. Por toda a parte e continuamente o homem tinha de sentir as limitações naturais do bem-estar terrestre. A técnica, a higiene, os aperfeiçoamentos sanitários do ambiente em que vive, tanto lhe facilitando, acostumaram-no mal. Aquela conformada serenidade no desconforto quotidiano, própria das outras gerações, e que os acetas buscavam como meio de santificação, perdeu-se para o homem moderno Porém, ao mesmo tempo, correu ele o risco de perder também a simples aceitação da felicidade da vida, onde ela se oferece".
***
Certo, nem é o progresso material obrigatória despaga, nem a sabedoria prega ponto de qualquer retrocesso.
Mas talvez não estejamos desnecessitados de retornar à luz daquilo que, ainda segundo Huizinga, é a condição primordial da cultura, e que verdadeiramente a caracteriza: a dominação da natureza, mas da natureza ***humana.***
(ROSA, 2001a, p. 194-195)..

REFERÊNCIAS:

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas:** literatura e comunitarismo. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

A HISTÓRIA DA ECOLOGIA HUMANA. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 5 jun. 1999, Estado Ecológico, p. 8.

ALAMBERT, Francisco. Literatura e política no Visconde de Taunay. In: Almeida, Ângela Mendes de; Zilly, Berthold, Lima, Eli Napoleão de (Org.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados.** Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2001.

ALENCAR, Mário de. A poesia de Catullo. In: Cearense, Castilho da Paixão. **Sertões em flor.** Rio de Janeiro: Castilho, 1919, p. V-XIV.

ALMEIDA, Francisco José Maria de Lacerda e. **Diários de viagem**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

ALONSO, Jorge R. **Tratado de fitomedicina:** bases clínicas e farmacológicas. Buenos Aires: Isis ediciones, 1998.

ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. **Viajando: coisas do meu diário: 1913-1915.** São Paulo: Irmãos Ferraz, 1929-1930.

AQUECIMENTO já provoca mudança em gene animal. **Folha de São Paulo.** 09 jun. 2006, p. A18.

ARAUJO, Heloisa Vilhena de. **O roteiro de Deus.** Dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. **Novos Estudos Cebrap.** São Paulo, n. 40, p. 7-29, nov. 1994.

_____. São Paulo, dez 1996. Entrevista gravada para o documentário **Os nomes do Rosa,** exibido na GNT/NET, dez 1997. Roteiro e pesquisa de Ana Luiza Martins Costa e Raul Soares.

ATHAYDE, Tristão de. Poesia e ciência. **Jornal do Brasil**, 25 jun. 1976. 1º Caderno, p. 11.

ÁVILA, Myriam. Guimarães Rosa e os viajantes. In: Mendes, Eliana Amarante de Mendonça et al (Org.). **O novo milênio:** interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001, p. 543-549.

BABINI, José. **Historia Sucinta de la ciencia**. Buenos Aires: Cia Editora Espasa-Calpe, 1951.

BARRAL I ALTET, Xavier. **História da arte.** Trad. Paulo Anderson F.Dias. Campinas: Papirus, 1990.

BECHARA, Evanildo. **O que muda com o novo acordo ortográfico.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política.** Vol. I. 6. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

_____. **A tarefa do tradutor**. Trad. coletiva. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

_____. Sobre La facultad mimética. In: **Ensayos escogidos.** Buenos Aires: Ed. Sur, 1967.

_____. Über sprache überhaupt und über die sprache des Menschen**.**In: **Gesammelte Schriften.** Band II-1. Frankfurt AM Main: Suhrkamp Verlag, 1980.

BENYUS, Janine M. **Biomimética:** inovação inspirada pela Natureza. São Paulo: Cultrix, 1997.

BÍBLIA SAGRADA**.** Encyclopaedia Briannica Publishers, 1977.

BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa***:* correspondência com seu tradutor italiano, 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1980.

BOFF, Leonardo. Ciência recorre à religião pedindo socorro para a Terra. **O Tempo.** Belo Horizonte, 10 out. 2008. Opinião, p. 18.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br:** o romance de formação do Brasil. São Paulo: duas cidades, Ed. 34, 2004.

BONJEAN, L.F. **O médico e o cirurgião da roça.** 2.ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1873.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, Maria das Graças Lins (Org.). Introdução. **Plantas Medicinais & fitoterapia.** Belo Horizonte: Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, p. 1-4.

_____; ZANETTI, Naiara do Nascimento Santiago. **Plantas medicinais da estrada real.** Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento Geral de Estatística. Divisão de Estatística Fisiográfica e da Viação. Estado de Minas Gerais. **As grutas em Minas *Gerais***. Belo Horizonte: Oficinas Gráficas da Estatística, 1939.

BRIGOLA, João Carlos. Domenico Agostino Vandelli – um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil. **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008b, p. 41-68.

BURTON, Sir Richard Francis. **Viagens aos planaltos do Brasil: 1868.** São Paulo: Editora Nacional, 1941.

CALOR na Europa intensifica aquecimento global. **Estado de Minas.** 23 set. 2005,p. 22.

CAMPOS, Haroldo de. Para além do princípio da saudade. **Folhetim.** São Paulo, n. 9, dez. 1984.

CANNABRAVA, Euryalo. Guimarães Rosa e a linguagem literária. In: Rosa, João Guimarães. **Ficção completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. vol I.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. Sagarana. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa.** 3 vls.Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 63-67.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 200l.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque:** um estudo semiótico. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. 19Th Century women travellers: a female view on the feminine condition in Brazil. In: SARMENTO, Clara (Ed.). **Women in the portuguese colonial empire: the theatre of shadows.** Cambridge Scholars Publishing, 2008, p. 203-212.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias.** [s.d] e sem referência do editor, 2 volumes.

CIENTISTAS devem usar dados de tsunami para prevenir tragédias. HTTP://www.achetudoeregiao.com.br/ATR/meio_ambiente_noticia.htm. Acesso em 22 fev. 2005.

COMISSÃO de linhas telegraphicas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. **Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de linhas telegraphicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon:** de 1907 a 1915. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1916, p. 70.

CONTRA a maré. Pequenos países do Pacífico lutam contra o aquecimento global e a degradação ambiental. **Folha de São Paulo.** 9 abr. 2006. Caderno Mais!, p. 9.

CORRENTE do Golfo. http://pt.wikipedia.org/wiki/Corrente do Golfo. Acesso em: 30 out 2009.

COSTA, Ana Luiza Martins. João rosa, *viator*. In: Scarpelli, Marli de Oliveira Fantini (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 312-348.

COUTINHO, Eduardo F. Guimarães Rosa: um alquimista da palavra. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa.** 3 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 11-24.

CUNHA, Euclydes. **Os sertões.** 17 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1944.

CUNHA, Manuela Carneiro. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEGELO nos pólos é catastrófico, diz revista. **Folha de São Paulo.** 24 mar. 2006, p. A 15.

DENTZL, Claudir Von. **Educação ambiental, epistemologia e o problema dos fundamentos.** Disponível em http://www.ajes.edu.br/arquivos/2008. Acesso em 09 set.2009.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo, Iluminuras, 1991, p. 40.

DESERTOS estão sob risco, diz ONU. **Folha de São Paulo.** 05 jun. 2006, p. A 13.

DIAS, Genebaldo Freire. **Ecopercepção:** um resumo didático dos desafios socioambientais. São Paulo: Gaia, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 3a. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

DIETZ, David. **Historia da ciencia.** 2. ed. Trad. Azevedo Amaral. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

DIDEROT, Denis. **Da interpretação da natureza e outros escritos.** [s.l], 1989.

EFEITO estufa pode estar em ponto crítico. **Folha de São Paulo.** 11 fev. 2006, p. A 19.

EFEITO estufa pode tornar furacões mais violentos. **Estado de Minas.** 04 set. 2005, p. 24.

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa:** Fronteiras, margens e passagens. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Século XXI***:* O dicionário da língua portuguesa. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar:** cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. O tamanho da grandeza: Geografia e História em Grande sertão: veredas. In: **Scripta.** Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Belo Horizonte. vol. 2, número especial Guimarães Rosa, p. 108-114, 2° semestre 1998.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Dom Pedro II.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

FURLAN, Mauri. A missão do tradutor: Aspectos da concepção benjaminiana de linguagem e tradução. In: **Cadernos de tradução.** Nº I. Florianópolis:UFSC, 1996, p. 91-105.

FURTADO, Bernardino. A verdade sobre a transposição do São Francisco. A transamazônica de Lula. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, p. 12-15, 21 nov. 2004.

GERBI, Antonello. **La disputa Del Nuevo Mundo.** História de uma polêmica 1750-1900. México: F.C.E., 1982.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas.** 3. ed. Trad. Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti. São Paulo: Antroposófica, 1997.

GOETHE, Johann Wolfgang Von Goethe.**Souvenir de ma vie,** Paris: Aubier,1941. (IEB).

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 15. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1993.

GOMES, Brigadeiro Eduardo. O diretor de rotas aéreas do Ministério da Aeronáutica distribui "O Brasil e suas riquezas" pelo Correio Nacional. In: "O Brasil e suas riquezas" no conceito das forças armadas. POTSCH, Waldemiro. **O Brasil e suas riquezas.** 30ª. ed., Rio de Janeiro: Fundação Alfredo Herculano Xavier Potsch, 1960.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** 8.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas***:* o deslumbramento do novo mundo. São Paulo: EDUSP, 1996.

GRUPO vê 'fratura exposta' no Atlântico. Missão britânica parte amanhã da Europa para descobrir porque parte do fundo marinho está sem sua capa protetora. **Folha de São Paulo,** 5.3.2007, Caderno Ciência, p. A 12.

GUIMARÃES, Luis Caetano Pereira (Júnior). **A caminho do Egito**. Coleção Aspectos. Rio de Janeiro: MEC, 1957.GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito***:* A infância de João Guimarães Rosa. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

HARTT, Charles Frederick. **Geologia e geografia física do Brasil.** Trad. Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte.** Vol. 1, 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HUGO, Victor Marie. **Voyages; avec une notice biographique, des notices littéraires et des notes explicatives par Philipe van Thiegem,** [s.d.].

JAKI, Stanley L. **Science and Creation:** from eternal cycles to na oscillating universe. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1986, p. 150.

JANSON H. W., JANSON, Anthony. **Iniciação à história da arte.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

KRUTCH, J. **Grand Canyon:** Today and all its yesterdays. Nova York, 1958.

KURY, Lorelai. As coleções, a invasão francesa e o Brasil. **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008b, p. 251-258.

_____. A filosofia das viagens: Vandelli e a história natural. In: **O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008.

LANGAARD, Theodoro. **Dicionario de medicina domestica e popular**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1873.

LECTIO DIVINA. Interessante caminho em que nos podemos inspirar para meditar a Bíblia. **Voz de Fátima.** Belo Horizonte: Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Ano 10 – 512, 24 jan 2010.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, João Batista Boaventura. **Morro da Garça, no centenário da Paróquia e da Matriz.** Juiz de For a: esdeva Empresa Gráfica, 1987.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem:** 1803/1900. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LÉVÊQUE, Christian. **A biodiversidade**. Tradução: Waldo Memelstein. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Tristes trópicos.** Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMA, Augusto de. O turbilhão [1906]. **Revista da Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro, p. 209-228. Abr. 1912.

LINNÉ, Carl Von. **De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008ª.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: **João Guimarães Rosa***:* Ficção Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1.

LUZ, Madel T. **Natural, racional, social:** razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MAAR, Juergen Heinrich. Goethe e a história da ciência. **Episteme**. Porto Alegre, v.11, n.23, p.95-116, jan/jun 2006.

MARSH. **Man and nature or physical geography as modified by human action**, 1864.

MAR subirá 1,80 m até 2100, diz estudo. **Folha de São Paulo.** 22 fev. 2009, p. A 14.

MATTHEWS,Victor H. and BENJAMIN, Don C. **Old Testament Parallels***:* Laws and stories from the ancient near east. New York/Mahwah, N.J.: Paulist Press, 1997.

MATOS, Anibal de. **Peter Willelm Lund no Brasil**. Problemas de paleontologia brasileira. Brasiliana-Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editora Nacional, 1939.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e meio ambiente**. 3.ed.São Paulo: Contexto, 1998.

METEOPT. COM – Fórum de Meteorologia – Internacional - Europa **Corrente do Golfo! Morte anunciada? Aquecimento global já afeta Corrente do Golfo, diz professor britânico**. Disponível em www.meteopt.com. Acesso em: 21 out 2009.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Journal de voyage en Italie par la Suisse et l´Allemagne**. Paris: Edition Bordas, 1948.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, barão de la Biède et de. **Voyages de Montesquieu.** Paris: Editora Stock, 1943.

MOURÃO, Rui. Processo da linguagem, processo do homem. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa.** 2 vls. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 166-172.

MUDANÇAS climáticas vão afetar os mais pobres. **Folha de São Paulo.** 07 abr. 2007, p. A 16-18.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. A Academia Real das Ciências de Lisboa e o Império Ultramarino (1779-1808). **Diálogos oceânicos:** Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português. Furtado, Júnia Ferreira (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 483-518.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil** (1870-1922). São Paulo: Alameda, 2009.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.**São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NETO, Coelho. (Ribas, Anselmo). **Bilhetes postaes (1892-1893).** Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães, 1984, p. 188-189.

NORA, Pierre. **Proj. História São Paulo.** São Paulo: PUC-SP, 1993.

NOTA DE IMPRENSA EMITIDA EM OSLO 8 de outubro de 2004. http:// www. universia.es/html. Acesso em: 21 out 2009.

OLÌMPIO, Domingos. **Luzia-Homem.** São Paulo: Ática, 1985.

PÁDUA, José Augusto. Conhecimento e conservação da natureza brasileira: o legado de Domenico Vandelli. **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008b, p. 307-311.

PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes.** 2. ed. São Paulo: Três, 1973.

P.COMMELIN. **Nova mitologia grega e romana**. Trad. Thomas Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

PEIXOTO, Afrânio. Um grande poeta. In: Cearense, Catullo da Paixão. **Meu sertão.** Rio de Janeiro: Castilho, 1925, p. 11-13.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação.** Lisboa: Oficina Gráfica Casa Portuguesa, 1954.

POHL, Johann Baptist Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

PONTO quente e crítico. Aquecimento pode bater desmatamento como principal causador de extinções. **Folha de São Paulo.** 16 abr. 2006. Caderno Mais, p. 9.

POTSCH, Waldemiro. **O Brasil e suas riquezas:** brasilogia. 30 ed. Rio de Janeiro: Fundação Alfredo Herculano Xavier Potsch, 1960.

RAMOS, Hugo de Carvalho. Nova era.[1914]. In: **Obras completas.** São Paulo: Panorama, 1950, vol. 2: Plangências, p. 30-31.

RAMOS, Maria Luiza. **Interfaces:** literatura mito inconsciente cognição. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

REBOUÇAS, Aldo. **Uso inteligente da água.** São Paulo: Escrituras, 2004

RIBEIRO, Maurício Andrés. Paz e meio ambiente. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 30 out. 2004. Caderno Pensar, p. 1.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Pequi, o rei do cerrado. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 31 mar. 2001. Pensar, p. 2.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

ROCHA, Luiz Otávio Savassi. **João Guimarãe Rosa. Sua HORA e sua VEZ**. Disponível em http://www.medicina.ufmg.br/cememor/arquivo/Guimaraes Rosa. Acesso em 25 mar. 2009.

ROMEIRO, Adriana. **Paulistas e emboabas no coração das Minas***:* idéias, práticas e imaginário político no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RONCARI, Luiz. Patriarcalismo e dionisismo no santuário do Buriti Bom. In: SCARPELLI, Marli de Oliveira Fantini (Org.). **A poética migrante de Guimarães Rosa.** Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2008, p. 145-189.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra.** 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

_____. **Discurso como orador da turma de formandos da Escola de Medicina da U.M.G**, 1930. http//www.medicina.ufmg.br/cememor/rosa.htm. Acesso em 22 jul 2004

_____. **Grande sertão: veredas.** 36. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Manuelzão e Miguilim**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984a.

_____. **Noites do sertão**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

_____. **No Urubuquaquá, no Pinhém,** 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001c.

_____. **Sagarana**. 51ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984b.

_____. **Tutaméia,** 6. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembramentos:** João Guimarães Rosa, meu pai. 2.ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RUYSBROECK, Jan van. **Oeuvres.** Vols. I, III, IV. Bruxelas: Vromant & Co. Imprimeurs-Editeurs.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos . **História da arte**. São Paulo: Ática, 2004.

SCARANO, Fabio Rubio. Compartilhando uma revolução científica: as correspondências entre Lineu e Vandelli. **De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008a, p. 13-15.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria:** a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHWEDT, G. **Goethe als Chemiker.** Berlim: Springer-Verlag, 1998.

SEYMOUR, John. **Guia prático da auto-suficiência.** São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SILVEIRA, Ariosto da. O sertão é mais embaixo. **Estado de Minas.** Caderno Espetáculo Especial, p. 6-7. 31.Out.1999.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Derrotero general de la costa del Brasil Y memorial de las grandezas de Bahia (manuscrito del siglo XVI).** Madrid: Ediciones Cultura Hispania, 1958.

_____. **Tratado Descriptivo do Brasil de 1587.** 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

STRATHERN, Paul. **Platão (428-348 a. C.) em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

STEINER, Rudolf. **Arte e estética Segundo Goethe:** Goethe como inaugurador de uma estética nova. Trad. Marcelo da Veiga Greuel. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2007.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui:** o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAYLOR, F. Sherwood. **Pequena história da ciência**. Trad. Milton da Silva Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

TUNDISI, José Galizia. **Àgua no século XXI***:* enfrentando a escassez. São Carlos: RIMA, IIE, 2003.

VANDELLI, Domenico Agostino. **De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli.** Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2008a.

_____. Viagens filosóficas ou dissertações sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar. **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2008b, p. 93-170.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo os deuses os homens**: mitos gregos contados por Jean-Pierre Vernant.São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WILSON, Edward O. **A Criação – Como salvar a vida na Terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOODS Jr., Thomas E. **Como a igreja católica construiu a civilização ocidental**. Trad. Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: editora SENAC, 2001.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo